

ELIANA VIEIRA RIBEIRO STORT

Este exemplar corresponde à redação  
final da Dissertação defendida por  
Eliana Vieira Ribeiro Stort e apro  
vada pela Comissão Julgadora em  
*27 de outubro de 1989*  
.....

Data:

*27/10/89*

Assinatura:

*[Handwritten signature]*

CULTURA, IMAGINAÇÃO E CONHECIMENTO

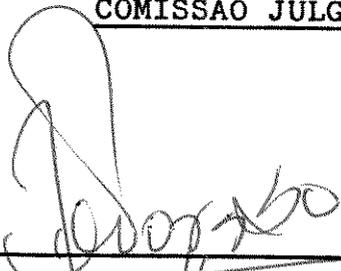
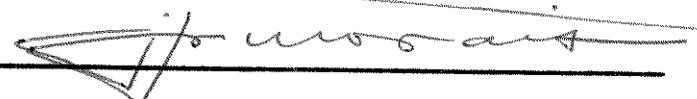
A Educação e a Formalização da Experiência

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS  
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

1 9 8 9

Dissertação apresentada como exigên-  
cia parcial para obtenção do título  
de MESTRE EM EDUCAÇÃO (Filosofia e  
História da Educação) à Comissão  
Julgadora da Universidade Estadual  
de Campinas, sob orientação do  
Prof. Dr. Augusto João Crema N<sub>o</sub>  
vaski.

COMISSÃO JULGADORA

  
\_\_\_\_\_  
Membro de Referência  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_  
  
\_\_\_\_\_

E GRATIDÃO, AOS MEUS PAIS.

COM AMOR ...

E ESPERANÇA, ÀS MINHAS FILHAS .

## A G R A D E C I M E N T O S

Muita emoção me vem ao dedicar este trabalho e ao agradecer àqueles que colaboraram para que ele existisse - foram tantos!

Lembro-me em primeiro lugar de meu pai, que sempre me estimulou no trabalho intelectual e muito me ajudou no caminho desta tese, chegando até a revisar e datilografar o Memorial, na época do meu Exame de Qualificação. Homem gentil e culto, educador sério e apaixonado, pessoa extremamente leal, honesta e amorosa, inspirou-me com sua presença viva e contraditória, o amor pelas pessoas, pelos livros, pela educação, e também as idéias mais gerais que me conduziram a este trabalho. Sinto profundamente que ele não possa ver a dissertação e participar desta alegria. É particularmente em homenagem à sua memória que celebro este momento.

Ao afeto, presença e incentivo de minha mãe devo muito do que sou e do que aqui está contido. Mulher corajosa e batalhadora, cheia de ternura e de alegria de viver, também educadora de ideal e de compromisso, sempre me apoiou e colaborou comigo de inúmeras formas. A ela e às minhas irmãs, que tudo têm vivido comigo, meu apreço e gratidão.

Ao meu marido que, a seu modo, sempre torceu por mim, e às minhas filhas, que têm sofrido as ausências geradas pelos

meus afazeres de trabalho e de fé, meu especial carinho.

A todas as pessoas com quem convivi profissionalmente , como educadora ou como psicóloga, particularmente, aos meus que ridos alunos, clientes e pais, obrigada pelo que me possibilitaram aprender. É também em seu nome e por vocês a minha luta, as minhas sementes e os meus frutos.

Também agradeço àquelas que, nos cursos, palestras, seminários, terapias e encontros, contribuíram com sua presença, com sua fala ou com seu silêncio para reforçar minhas indagações, motivando-me a buscar respostas e encontrar caminhos.

Meus agradecimentos à Marlene Aparecida Bruno, Ana Lúcia e Angela do Carmo Perina pelos trabalhos de datilografia; ao professor José Luiz Pereira da Silva, mestre em Linguística, pela revisão do texto.

Finalmente, minha mais sincera gratidão aos que colaboraram de modo mais direto com a elaboração do trabalho. À professora Dra. Regina Alcântara de Assis, do Departamento de Psicologia Educacional da Faculdade de Educação da UNICAMP, que participou do início da jornada, encaminhando-me, posteriormente, de volta ao Departamento de Filosofia. Sem esta volta e sem a orientação do professor Dr. Augusto João Crema Novaski, o caminho poderia ter ficado bloqueado, quem sabe por quanto tempo! Ao professor Augusto devo especialmente a clarificação das minhas intuições fundamentais: sua sensibilidade soube captá-las muito bem e sua competência indicou-me leituras da maior relevância. O caminho não foi linear, curto ou fácil. Mas tudo foi superado com seriedade. Obrigada, Augusto, pela paciência, determinação, e pelas ajudas ao longo do percurso.

## R E S U M O

Estudamos a cultura e a imaginação, a relação entre elas e a função de ambas no que se refere à humanização do mundo. Abordamos a formação do sistema ciência-tecnologia e seus impactos sobre a cultura, a imaginação e o conhecimento em geral, e a Filosofia, em particular. Estas análises embasam nossas considerações quanto a problemas emergenciais da Educação atual e inspiram o levantamento de alguns caminhos para superá-los, centrados no desenvolvimento dos conhecimentos da área e nas ligações que estes devem ter com a cultura.

## Í N D I C E

<u>INTRODUÇÃO</u> .....	10
-------------------------	----

### PARTE I

#### CULTURA E IMAGINAÇÃO, A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

<u>CAPÍTULO 1</u> - A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO - CULTURA E VIDA ÉTICA.	18
<u>CAPÍTULO 2</u> - O HOMEM GENÉRICO - IMAGINAÇÃO, AFETIVIDADE E CULTURA.....	29
<u>CAPÍTULO 3</u> - IMAGINAÇÃO, CULTURA E HUMANIZAÇÃO DO MUNDO.....	44

### PARTE II

#### A CULTURA RACIONALIZADA E A PERDA

#### DO SENTIDO DA EXISTÊNCIA

<u>CAPÍTULO 1</u> - A FORMAÇÃO DO SISTEMA CIÊNCIA-TECNOLOGIA.....	64
<u>CAPÍTULO 2</u> - O SISTEMA CIÊNCIA-TECNOLOGIA E A CULTURA.....	73
<u>CAPÍTULO 3</u> - A FORMALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA - AS ILUSÕES E A VIDA ÉTICA.....	83

PARTE III  
CONHECIMENTO E CULTURA

<u>CAPÍTULO 1</u> - A FORMALIZAÇÃO DA RAZÃO.....	101
<u>CAPÍTULO 2</u> - A RAZÃO ALARGADA.....	120
<u>CAPÍTULO 3</u> - A "NOVA" CULTURA.....	128

PARTE IV  
CULTURA, CONHECIMENTO E EDUCAÇÃO

<u>CAPÍTULO 1</u> - A EDUCAÇÃO E A FORMALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA.....	137
<u>CAPÍTULO 2</u> - A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NA CULTURA RACIONALIZADA.....	146
<u>CAPÍTULO 3</u> - AS CIÊNCIAS E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO.....	152
<u>À GUISA DE CONCLUSÃO</u> .....	158
<u>BIBLIOGRAFIA</u> .....	165

I N T R O D U Ç Ã O

" Uma vida humana é uma ficção  
que o homem inventa à medida  
que caminha "

H E L D

" Há um pensamento que pára o  
pensamento e esse é o único  
pensamento que deve ser para  
do "

CHESTERTON

Falar de fantasia e de imaginação é coisa temida e evitada. Isto se deve ao fato destas noções parecerem estreitamente - ligadas a experiências e situações que despertam medo, que são inquietantes, traumatizantes. Ou, e também, por estarem culturalmente ligadas à loucura, algo que ora nos prostra, ora nos fascina. Ou, ainda, por nos lembrarem nossas experiências emocionais íntimas e primárias, de certo modo próximas à loucura.

Além do mais, num mundo realista e racional como é o nosso, corremos o risco de parecer piegas e ridículos, ou mesmo loucos, ao manifestarmos nossos gostos pela expressão direta ou indireta de elementos ligados ao fantástico. Desejos, idéias e sonhos esquisitos e sem sentido explícito são, embora cada vez menos, aceitáveis nas crianças e nos sonhos. Palhaçadas, acrobacias, mágicas, artes, poesias, são tidas como coisas do passado, restos de um tempo antigo, dedicados às crianças, aos "experts" e especialistas. O mesmo acontece com as brincadeiras, os jogos espontâneos, que rareiam cada vez mais. Com isso, a vida caminha cada vez mais séria, mais curta, mais longa, mais pesada. A vida vai ficando velha e nos envelhece mais cedo, tornando-nos esclerosados e repetitivos.

I M A G I N A Ç Ã O - coisa de homens primitivos, de loucos, de cientistas, até de filósofos. Mas, como à ciência e mesmo à filosofia, penetrar em campo tão ingrato, tão oculto, tão misterioso, tão próximo ao horror? A tarefa é mister de uma faixa de especialistas, os que se dedicam ao estudo e trabalho das enfermidades mentais. Na Psicologia existem, sim, estudos a este respeito, revigorados e continuados a partir das descobertas de Freud. E, mesmo em algumas das tendências da Psicologia, o tema é ignorado, abolido, ou colocado entre parênteses.

Experiências comuns a todos (ou a quase todos?) os seres humanos; reconhecidas íntima ou publicamente por aqueles que amam a infância e a verdade, a fantasia e a imaginação ainda são conceitos pouco explorados, científica e filosoficamente. Principalmente quando elas nos faltam, ou são ameaçadas de serem extin

tas (o que eu relaciono com a tristeza, o desânimo e a desesperança que nos assolam nos dias de hoje), torna-se da mais urgente e crucial importância que elas sejam desenterradas da escuridão, do ameaçador lamaçal em que as temos colocado, para poder olhá-las e vê-las, à luz do dia. Em consideração aos pobres loucos e ao resto de sanidade que ainda nos resta, precisamos iniciar esta empreitada.

Será esta uma missão possível? Susanne Langer afirma que um dos infelizes produtos da auto-crítica dos filósofos é o dogma de que,

" (...) na verdade, a filosofia nunca pode alcançar sua meta, uma visão completamente sintética da vida (...)" (1),

podendo apenas aproximar-se do seu objetivo. Declara ainda que, mesmo que haja um limite ideal para nossa compreensão progressiva, este limite não pode fornecer nenhuma medida de realização efetiva. Ao contrário, quando existe esta preocupação com o limite, a própria filosofia se limita, desculpa seus fracassos como mera aproximação, estaciona, não progride. Limita-se a questões menores, ou a questões já vistas.

" Não obstante, a filosofia é uma especulação - ativa, e as questões filosóficas não são, por sua própria natureza, insolúveis. Na verdade, são radicalmente diferentes das questões científicas, porque dizem respeito às implicações e outras inter-relações de idéias, e não à ordem dos eventos físicos; suas respostas são mais interpretações do que relatórios fatuais, e sua função não é aumentar nosso conhecimento da na

---

(1) - Susanne K. Langer, Sentimento e Forma, p. 6.

tureza, mas sim nossa compreensão daquilo que sabemos. Na verdade, o desenvolvimento da conceitualização, que é a meta da filosofia, tem uma influência direta sobre nossa capacidade de observação, uma vez que é a conceitualização sistemática que torna alguns fatos importantes e outros triviais" (2).

" É especialmente nos domínios indefinidos e as sistemáticos do pensamento que um único problema, cuja solução é perseguida obstinadamente, pode trazer à tona um novo vocabulário lógico, isto é, um novo conjunto de idéias que vai além do problema em si e que força uma concepção mais operacional de todo o campo. Levar tal problema para o foco de nosso interesse é começar um trabalho sério com o assunto em questão" (3).

Nestas linhas, Susanne Langer sintetiza magistralmente, os desafios da filosofia, o tipo de conhecimento que ela produz e como este pode mesmo estimular o desenvolvimento científico.

Os estudos críticos sobre a razão estão aí e merecem ser estudados e considerados. Também aí se incluem ou se somam alguns trabalhos que têm como tema a imaginação e sua função na vida individual e na superação das dificuldades que o progresso e as formas modernas de organização econômico-político-sociais têm acarretado para a vida humana.

Nestes estudos, razão e imaginação são analisados de forma fendida, com ênfase exclusiva a um ou ao outro termo, com predominância de análise de um conceito sobre o outro, e de forma superficial ou ultrapassada. Alguns autores procuram estabelecer

---

(2) - Ibid, p. 7.

(3) - Ibid, p. 10.

as interações entre os conceitos, mas pela complexidade e amplitude do assunto, apenas iniciam a exploração do que me parece ser um terreno fértil para um real avanço no conhecimento filosófico.

Mais do que funções humanas separadas ou relativamente independentes, razão e imaginação parecem-me atividades intrinsecamente relacionadas, sendo o tipo de ligação entre elas e a vivência que daí resulta, de razão alargada, a característica essencial do ser humano e que o diferencia radicalmente dos outros seres vivos.

Pergunto-me, assustada, se não é arriscado ou pretensioso de minha parte fazer tal tipo de afirmação. Não é sem medo que me atiro neste caminho cheio de curvas, encruzilhadas e lugares escuros. Também não é sem muitas dúvidas que me arrisco a afirmar o que afirmei e a entrar nesse matagal. Mas meu coração e minha mente, juntos na minha esperança, apontam-me este caminho. Posso desbravá-lo ou me perder mais ainda.

Teimosamente, sempre preferi seguir os caminhos do coração. E sempre tive medo de ser considerada presunçosa. Humilmente, tenho que reconhecer agora - eu o sou!

Com este misto de temor, presunção, humildade e, acima de tudo, de esperança, lanço-me por este louco caminho, na companhia de outros meio - loucos que também o têm feito, esperando ganhar alguma lucidez que possa ser compartilhada.

Caminhando nas abençoadas asas da imaginação, procuro torná-la mais compreensível e clara. Tento desnudar o pensamento racional e desmascarar sua prepotência. Busco mostrar as relações da imaginação e do pensamento racional com a cultura, suas funções com relação à humanização do mundo, e seus desvios. Com base nesta análise, vasculho o edifício da educação, apontando as questões que me surgem e alguns caminhos que possam ampliá-la e torná-la mais bela e humana.

Assim, na primeira parte deste trabalho, estudamos a imaginação e sua importância na construção do sentido, na formação e no desenvolvimento da cultura, bem como a função que imaginação e cultura têm na forma como é sentida e vivenciada a existência individual.

Na segunda parte, analisamos os efeitos, na cultura e nos indivíduos, do desenvolvimento do sistema ciência - tecnologia. Em função de seu modo de organização e das características aceleradas de seu desenvolvimento, o sistema ciência - tecnologia entra em interação com as outras instâncias da vida social, acabando por interferir no sistema cultural. Tais interferências trazem perturbações no esquema de representações, geram uma incapacidade semântica, e mudam o esquema de temporalidade. Tudo isso compromete o sistema de significações e o sentido de "enraizamento" do homem, levando-o à perda do sentido da existência.

Os efeitos da mentalidade racional, por outro lado, atingem as instituições, cuja ampla e crescente burocratização afeta o indivíduo e a sociedade, gerando a perda da autonomia individual e a formalização das relações pessoais.

Em tais condições, as expressões individuais e culturais ficam diminuídas, empobrecidas, e surge o que caracterizamos como "formalização da experiência", com a vida sendo dirigida e vivida segundo padrões estabelecidos de fora e de modo incompreensível para os indivíduos. Nestas circunstâncias, a imaginação e sua função criadora com relação à vida individual e social são reprimidas ou desvirtuadas. Surgem as ilusões e a capacidade ética e transformadora da imaginação é subvertida em favor do status quo.

Diante de problemas sociais e humanos tão sérios como os que vimos assistindo, a imaginação e o pensamento podem ser subvertidos e se tornar inoperantes com vistas à modificação desta realidade. O que o conhecimento tem feito e pode fazer com relação a este estado de coisas, na linha de análise que escolhemos? Como a educação se insere aí, que problemas enfrenta e alimenta,

que possibilidades de resposta apresenta? Esta foi a idéia do caminho para a elaboração da terceira e da quarta partes de nosso trabalho.

Deste modo, na terceira parte, abordamos as relações - existentes entre conhecimento e cultura, mostrando as formas que o conhecimento assume como parte integrante e fundamental da cultura, e que papéis ele pode desempenhar. Analisamos as interrelações razão objetiva - razão subjetiva, procurando contextualizar Ciência e Filosofia no quadro mais amplo do conhecimento, as características que assumem na cultura racionalizada, e a importância definitiva de ambas na criação de melhores condições de vida para a humanidade. Assumindo o conceito de Ladrière de razão alargada, procuramos estabelecer as ligações entre razão e imaginação, de modo a restabelecer a fé no conhecimento e, em particular, na Filosofia, como um dos caminhos para garantir ao homem o direito à imaginação, à afetividade, à humanidade, à autonomia.

A quarta parte de nosso trabalho procura relacionar a educação a toda a análise efetuada até então. Iniciamos esta - abordagem estudando a educação e suas relações com a cultura e, especificamente, com a cultura racionalizada, apontando os problemas que esta lhe propõe. Em seguida, colocamos a importância da educação em sua missão de ser um dos elementos de transformação da cultura e das condições objetivas da vida humana. Para que esta missão seja assumida com segurança, é fundamental que se ampliem os conhecimentos das ciências e da filosofia da Educação. Terminamos apontando alguns dos caminhos que percebemos para avançar neste sentido.

P A R T E I

CULTURA E IMAGINAÇÃO,  
A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO

CAPÍTULO 1

A CONSTRUÇÃO DO SENTIDO - CULTURA E  
VIDA ÉTICA

"Propondo-se a si mesmo (...), o homem afirma que não é um puro dado para si mesmo e que em si um imenso destino do sentido se cumpre. Mas, ao mesmo tempo, afirma que o sentido não está imediatamente presente como uma totalidade, que só se conquista pouco a pouco e que é necessária a mediação das figuras que o exprimem, para que seu aparecimento se torne efetivo.

Tentando se dizer a si mesmo, a partir dos desafios que, em sua própria história, propõe a si, o homem mais se anuncia que se recapitula".

"L A D R I È R E"

A instauração de um sistema de representações, de uma linguagem, no sentido mais geral da palavra, é dinamismo próprio ao homem; nela a existência se coloca a si mesma como enigma, permitindo ao homem tentar encontrar uma resposta a este enigma e dizer o que é por si mesmo. Este esforço não deve ser tomado como esforço meramente especulativo, pois é índice de uma estrutura interna ao ser humano, o qual é em si mesmo questionamento. Dizer que o próprio ser humano é questionamento significa, além de que coloca questões sobre si mesmo, afirmar que sua própria essência se coloca sob a forma de uma questão, que deve ser respondida segundo o esquema que convém a uma questão. Esta questão é diferente das outras, pois, aqui, há identidade entre questionamento e objeto de questionamento. Como estrutura própria do questionamento, o ser humano estabelece em si uma distância entre ele mesmo como questionante e ele mesmo como suspenso nesta questão. Assim, ele afeta a si próprio, colocando-se em suspenso; só pode exercer sua existência como não-realização, esperando incertamente a possibilidade de realização e confrontando - a com seu contrário, ou seja, a possibilidade de uma definitiva não-realização.

Por outro lado, o colocar em questão do próprio ser humano implica ao mesmo tempo um apelo a uma resposta, a uma vitória sobre o colocar em suspenso, um apelo à plena afirmação de si. Se tal plenitude é esperada, é porque ela falta, e ela falta porque foi colocada em questão. Esta distância é precisamente a questão que, em si mesma, é espera da plenitude. Seu sentido é colocar fim à falta, isto é, suprimir-se como questão. A resposta esperada, no entanto, não pode vir do exterior, pois não se dirige a um objeto exterior. Sendo a própria existência a questão e, assim, espera de superação de si mesma como questão, esta só pode vir do próprio desenvolvimento da questão, o qual se deve converter em resposta pelo próprio movimento de seu auto-questionamento. Isto corresponde a dizer, mais concretamente, que o ser humano é fundamentalmente desejo - simultaneamente falta e exigência de superação da falta; que ele se vive como separação e, ao mesmo tempo, como espera de beatitude.

Esta estrutura interna é que diferencia o ser humano dos animais e faz dele um ser ético. Embora sendo também natureza, desde que é dado a si mesmo, que está antecipadamente inscrito numa situação e que traz em si uma série de virtualidades, o ser humano não se identifica com a natureza. Nele, a natureza está sempre à espera de seu sentido, e é precisamente a capacidade de construir esse sentido que dá ao ser humano sua característica própria e que o faz um ser não meramente natural, mas um ser ético.

A vida ética do homem é um esforço para coincidir consigo mesmo. Mas a vida ética não ocorre no vazio, ela anuncia-se em atos reais que se inscrevem no curso do mundo. O ser humano se exprime e se faz por seu corpo. Ele edifica seu destino ético através dos gestos, das palavras, dos atos de trabalho, de luta, de expressão, de comunicação e de instauração.

O fato de ser aberto ao mundo faz com que o homem seja um construtor do mundo, segundo o seu próprio modelo. "Seu mundo é a exteriorização de seus valores e aspirações, a encarnação de sua intenção, a objetivação de seu espírito" (1).

"As origens do universo simbólico tem raízes na constituição do homem. Se o homem em sociedade, é um construtor do mundo, isto se deve a ser constitucionalmente aberto ao mundo (...). A experiência humana, ab initio, é uma exteriorização contínua. O homem, ao se exteriorizar, constrói o mundo NO QUAL se exterioriza a si mesmo.

No projeto de exteriorização projeta na realidade de seus próprios significados. Os universos simbólicos, que proclamam ser toda realidade humana dotada de sentido e apelam para o cosmo in

---

(1) - Rubem Alves, A Gestação do Futuro, p. 128.

teiro, a fim de significar a validade da exis  
tência humana, constituem as exceções máximas  
desta projeção" (2).

O homem vê com o coração, e não de forma meramente dupli-  
cadora. A realidade, em si mesma, não revela suas próprias possi-  
bilidades; são as aspirações e os desejos do homem que as ex  
traem dela.

Na evolução, a vida criou uma nova lógica para si pró  
pria, passando a não mais sobreviver pela mera adaptação ao re  
al. A partir da criação do ser humano, o real vai ser transfigu-  
rado pela vida, organizado de acordo com os interesses do homem,  
tornando-se, assim, um espelho dos valores humanos.

O mundo humano, como o dos animais, começa com o corpo,  
pois tudo o que o homem criou foi em meio à luta para sobrevi  
ver, pelo corpo e em seu benefício. O corpo, como centro estrutu  
rante e matriz emocional do homem, tem prioridade axiológica - é  
fundamento e deve ser meta do mundo humano.

A natureza física do homem, no entanto, não significa ,  
que ele se encontra determinado pelo seu organismo. Seu corpo é  
criativo, possuindo o poder de se superar e de fazer nascer o  
inexistente. Além de buscar a satisfação de suas necessidades, o  
homem busca o sentido, que satisfaz os desejos do coração. Por  
isso, ele criou a cultura que, no dizer de R. Alves,

"consiste na união do amor e do poder, ou, mais  
precisamente, no poder do amor assumindo uma  
forma social. É uma síntese entre eficiência e  
imaginação, na qual o coração se mostra bem su  
cedido em seu esforço para fazer com que o sis  
tema seja um instrumento de sua realização e um  
meio para sua expressão" (3).

---

(2) - Citação tomada de Berger e Luckmann, in Rubem Alves, op.  
cit., p. 127.

(3) - Ibid, p. 163.

O homem adapta a natureza a si próprio, ele humaniza a natureza, tornando-a algo para si.

Os sentidos estão encarnados no corpo, que é transformado pela cultura. Com a cultura e o seu desenvolvimento, o corpo se transfigura a si mesmo. As aspirações e esperanças que ele engendra tornam-se extensão sua e ele deixa de experienciar a vida através do imediato dos sentidos, passando a senti-la pela mediação do coração. Nossos sentidos conhecem a vida que o coração acalanta. Também à natureza vemos com a mediação da cultura. Assim, a cultura se converte no corpo do homem. O coração triunfa sobre a realidade, o corpo e a natureza renascem numa nova forma.

A capacidade de simbolização do homem faz com que ele procure, além da sobrevivência, a coerência simbólica, que consiste na interpretação de valores ligados às situações vivenciadas de dor e prazer.

Os símbolos acrescentam ao mundo um sentido, uma ordem. Em função de seus desejos, o homem toma a natureza e a transforma, surgindo, então, a cultura. Através da cultura, os objetos e as ações estão impregnados de sentidos. Pela cultura é que o homem cumpre seu destino de sentido, o seu destino ético.

No sentido amplo empregado pela antropologia cultural, cultura é o conjunto das instituições, consideradas ao mesmo tempo nos seus aspectos funcional e normativo, onde se exprime certa totalidade social, que modela a personalidade dos indivíduos que a ela pertencem, e traça, de antemão, em certos aspectos, as suas possibilidades de existência concreta. No sentido mais estrito e ligado ao senso comum, o termo cultura significa o conjunto das disciplinas que possibilitam ao indivíduo em sua sociedade, o desenvolvimento dos aspectos de sua personalidade.

Procurando explicitar o termo no sentido em que o empregamos no presente trabalho, abordaremos concepções complementares de cultura, enfocadas do ponto de vista dos valores.

Duarte Junior <sup>(4)</sup> considera a cultura como uma estrutura simbólica, constituída de inúmeros elementos que concretizam de terminados valores, tornando-os significantes. Seu conjunto compõe a visão de mundo da cultura.

Susanne Langer <sup>(5)</sup> vê a cultura como a expressão simbólica de modos de sentir habituais desenvolvidos, sentir aqui significando tudo o que possa ser sentido, tanto os fenômenos de sensibilidade ou emotividade geral, como também as emoções distintas.

"Sentimos coisas indefiníveis como ritmos de atenção e tensão do pensamento, relaxamento ou tensão corporal que não podem ser reduzidos a qualquer sensação particular, atitudes da mente, atividade geral da nossa imaginação, confiança na excelência da vida ou aborrecimento, tédio, misantropia fundamentais, ou ainda os incontáveis estados de humor. O humor é uma das marcas mais individuais de um povo" <sup>(6)</sup>.

Por MODOS de sentir, a autora entende o grau que

"Os sentimentos são capazes de atingir, sua persistência ou transiência, a rapidez de várias respostas, e seu dirigir-se a certos eventos antes que a outros.

A cultura é a expressão desse padrão (pattern) característico de sentimento, que distingue, um povo de outro, no padrão de suas ações e nas coisas envolvidas em suas ações - ou seja, em SUAS coisas, especificamente" <sup>(7)</sup>.

---

(4) - João Francisco Duarte Junior, Fundamentos Estéticos da Educação, Capítulo II.

(5) - Susanne K. Langer, Ensaio Filosófico, p. 93.

(6) - Ibid.

(7) - Ibid, p. 93 e 94.

Os atos e as coisas não são apenas úteis, mas expressivos.

Tais canais formais objetivos da expressão constituem a cultura. São nossa herança social e tanto possibilitam a expressão de nossos sentimentos e atitudes, como os moldam e estabelecem.

Ladrière <sup>(8)</sup> considera a cultura como o conjunto formado pelos sistemas de representação, pelos sistemas normativos, pelos sistemas de expressão e pelos sistemas de ação de uma comunidade histórica, com base em seus valores, e que lhe confere sua fisionomia particular. A instância cultural é formada, então, pelos sistemas que asseguram o funcionamento do aspecto informacional da vida social, servindo de suporte às significações. A cultura refere-se aos "instrumentos mentais" que, ao lado dos "instrumentos objetivos" (instrumentos, máquinas e instalações) são equipamentos proporcionados por uma sociedade para fornecer suporte concreto às interações que a constituem. É através destas representações mentais que uma sociedade se dá uma imagem de si mesma e da realidade. Estas representações contêm elementos de natureza mística, sistemas de crenças, sistemas de caráter metafísico, que incluem conhecimentos de base empírica e que podem ser considerados como pré-científicos, e elementos de natureza ideológica.

A cultura cumpre importantes funções.

Morin <sup>(9)</sup> mostra-nos que a cultura não repousa sobre o vazio, e sim sobre uma primeira complexidade pré-cultural, que é a da sociedade dos primatas e que desenvolveu a sociedade dos primeiros homínidas. Tal complexidade pré-cultural desenvolveu a técnica e a primeira linguagem, tornando-se estas importantes produtos para o surgimento da cultura propriamente humana. O autor considera a cultura em termos da informação organizacional

---

(8) - Jean Ladrière, Os Desafios da Racionalidade, segunda parte, capítulo III.

(9) - Edgar Morin, O Enigma do Homem, segunda parte.

da sociedade que ele chama de regras generativas. Assim, logo que a cultura se fecha em circuito auto-produtor e auto-reprodutor (por transmissão e aprendizado), ela torna-se não apenas um produto altamente complexo, mas também, produtora de alta complexidade. Através dela, a sociedade se mantém, sobrevive e se transforma, contendo em si informação organizacional cada vez mais rica.

A partir do momento em que surge a cultura, ela associa-se ao cérebro do Homo sapiens e, juntos, cérebro e cultura caminham para a alta complexidade social.

Surge, então, o rosto biossociocultural do homem: as estruturas de organização cognitivas, linguísticas, práticas, que emergem com o cérebro humano, são estruturas inatas que substituem os programas estereotipados ou instintivos, e que são, a partir daí, inscritas na estrutura genética, sendo dela eliminado ou recalçado grande número de comportamentos estereotipados. Estas estruturas, no entanto, só podem operacionalizar a partir da educação sócio-cultural e num meio social complexificado pela cultura. Segundo Hockett e Asher, o "valor de sobrevivência dos grandes cérebros é evidente SE e SOMENTE SE eles já alcançaram (ACHIEVED) a essência da linguagem e da cultura" (10). O neocórtex humano, aumentado em interação com a cultura, é incapaz de dirigir nosso comportamento e de organizar nossa experiência sem a orientação fornecida por um sistema de símbolos significantes.

"Privado de cultura, o SAPIENS seria um débil mental, incapaz de sobreviver a não ser como um primata do mais baixo nível; nem mesmo poderia reconstituir uma sociedade de complexidade - igual à dos babuínos e chimpanzés" (11).

Vemos, então, a importante função da cultura na hominização e mesmo na humanização do indivíduo. Como sistema gerativo

(10) - Citado por Edgar Morin, op. cit., p.92.

(11) - Edgar Morin, op. cit., p. 92.

a cultura assegura a auto-perpetuação da complexidade social, isto é, sua auto-produção ou auto-organização permanente. Esta determina, em especial, a reprodução, mais ou menos parcial, do sistema cultural em cada indivíduo.

O código cultural mantém a integridade e a identidade do sistema social e o protege da incerteza, da eventualidade, da confusão, da desordem.

Um sistema social só pode existir como sistema na medida em que é capaz de reagir às afetações de origem interna e externa, por respostas apropriadas que restabeleçam a integridade de sua estrutura e de sua dinâmica interna. Isso supõe um órgão de controle capaz de registrar os desequilíbrios e de fornecer as informações necessárias para corrigi-los. Este papel é desempenhado pela cultura.

Para que ela seja eficaz em sua função integradora, é preciso que seus elementos ajam em complementariedade e em cooperação, sustentando-se mutuamente, o que pressupõe que eles sejam organizados entre si de modo a formarem um conjunto auto-estabilizador. Na instância cultural, são os valores que desempenham o papel de sub-sistema regulador, pois é a partir deles que se constroem e se justificam as normas. São os valores que hierarquizam os modos e definem os conteúdos do conhecimento. São eles que inspiram os sistemas expressivos e que subentendem as formas expressivas que lhes servem de mediações sensíveis. Assim, se alguma perturbação é introduzida no sistema de valores, isto deverá ter profundas repercussões no conjunto da cultura e também nas outras instâncias da vida social.

Por outro lado, a cultura é o meio pelo qual o indivíduo tem acesso ao mundo exterior e à sociedade em que vive. Ela lhe fornece os elementos de compreensão de sua situação no mundo e na sociedade e também princípios orientadores para sua conduta e adaptação às diversas situações que vivencia. Estes princípios de explicação e de orientação, devem formar um sistema integrado e coerente que permita ao indivíduo sentir-se e atuar de modo

consistente.

Deste modo, a função essencial da cultura

"é de conferir ao ser humano um lugar onde ele possa realmente habitar, onde possa sentir-se verdadeiramente 'em casa'. É por isso que uma cultura não é uma espécie de ornamento extrínseco que viria sobrepor-se à existência para dar-lhe alguns atrativos suplementares, em princípio não indispensáveis. Esta é a condição mesma de uma existência verdadeiramente humana, de uma existência sensata, porque é pelo conteúdo de uma cultura que a existência recebe significação, eleva-se acima da ordem dos fatos ou da simples forma de vida (entendida no sentido biológico do termo) para aceder a uma verdadeira tomada de posse de si mesma, para assumir-se - num distanciamento que é, ao mesmo tempo, coincidência consigo" (12).

É o "enraizamento" do homem que, situando-o em relação aos cosmos e ao seu passado, permite-lhe descobrir-se em sua autonomia e em sua identidade, e assumir-se como tal. Nas palavras de Ladrière,

" (...) É o modo como o homem se compromete a si mesmo que é decisivo e que, ao fornecer uma ancoragem à sua existência, confere-lhe também a dimensão de um destino. Essa interpretação, pertence ao domínio da palavra, entendida, aliás, num sentido muito amplo, como incluindo tanto as expressões simbólicas como os discursos explicativos ou normativos. E é na cultura que a palavra toma forma, torna-se eficaz, recebe a

---

(12) - Jean Ladrière, op. cit., p. 115.

estruturação graças à qual pode ser operante e fornecer ao ser humano a morada graças à qual sua estadia entre os viventes será eventualmente carregada de sentido" (13).

---

(13) - Jean Ladrière, op. cit., p. 115 e 116.

## CAPÍTULO 2

### O HOMEM GENÉRICO:

### IMAGINAÇÃO, AFETIVIDADE E CULTURA

"Precisamos ligar o homem racional (sapiens) ao homem louco (demens), o homem produtor, o homem técnico, o homem construtor, o homem ansioso, o homem gozador, o homem estático, o homem cantante e dançante, o homem instável, o homem crísico, o homem neurótico, o homem erótico, o homem híbrido, o homem destruidor, o homem consciente, o homem inconsciente, o homem mágico, o homem racional num rosto de faces múltiplas em que o homínida - se transforma definitivamente em homem.

Não se trata apenas de conceber que o ser do homem se exprime através da e pela afetividade. É preciso conceber, também, que a loucura é um problema central do homem e não é apenas seu excesso e seu refugio. Precisamos tentar conceber e ainda estamos no início - o papel surpreendente, disfuncional e funcional da irracionalidade na racionalidade (e o inverso)".

M O R I N

O IMAGINÁRIO E O NASCIMENTO DO HOMEM

Morin <sup>(1)</sup> mostra-nos que o que o homem traz de novo ao mundo não é, como se pensava, a sociedade, a técnica, a lógica, a cultura, mas o imaginário. Desde que se instaura, o imaginário passa a ser produto e co-produtor do destino humano.

O imaginário surge no homem através de progressos evolutivos já existentes no homem de Neanderthal e se encontra na base dos progressos subsequentes.

A análise da sepultura e da pintura neandertalense mostra que o imaginário irrompe no real, através da consciência da morte, não como uma lei da natureza, mas como condição quase que inevitável que pesa sobre todos os seres vivos. A presença dos mortos ou da idéia da morte fora de seu acontecimento imediato, já mostra que o homem de Neanderthal sentia a presença do tempo no seio da consciência, o que indica a emergência de um grau mais complexo e de uma nova qualidade de conhecimento consciente. A consciência - realista da transformação do morto de um estado para outro se acompanha da crença de que essa transformação resulta numa outra vida, na qual se mantém a identidade do ser em questão, indicando que o imaginário irrompe na percepção do real e que o mito irrompe na visão do mundo. A sepultura mostra sinais de cerimônias fúnebres, que se constituem em ritos que contribuem para que a passagem para a outra vida opere de forma conveniente, protegendo os vivos da irritação do morto e da decomposição do cadáver.

A consciência da morte que emerge então é

" (...) constituída pela interação de uma consciência objetiva que reconhece a mortalidade e de uma consciência subjetiva, que afirma senão

---

(1) - Edgar Morin, O Enigma do Homem.

a imortalidade, pelo menos uma transmortalidade" (2).

Os funerais traduzem uma crise e a superação desta crise, revelando que a presença da morte passa a afetar a vida humana, mobilizando-a, e o homem não apenas a recusa, mas a soluciona e vence, no mito e na magia.

O que é importante, neste processo, não é apenas a coexistência da consciência objetiva e da consciência subjetiva, mas sua união numa dupla consciência, em que nenhuma anula verdadeiramente a outra. Abre-se uma brecha entre a visão objetiva e a subjetiva, esboçando-se a dualidade do indivíduo e do objeto. A objetividade e a subjetividade, enriquecidas, correspondem a um progresso da individualidade, que explica a sobrevivência do morto, baseada em ligações afetivas e intersubjetivas intensas por ele estabelecidas em vida.

A irrupção da morte, no sapiens, é pois, o estabelecimento de uma ligação ambígua entre o conhecimento objetivo e uma subjetividade nova, a irrupção de uma verdade e de uma ilusão, de uma elucidação e do mito, de uma ansiedade e de uma segurança.

Por outro lado, a pintura neandertalense mostra a aquisição de um novo modo de expressão e de comunicação. A arte, desenvolvida antes do sapiens e ligada ao real e às atividades práticas, aplica-se então a um campo novo - o das produções neolíticas, referentes às imagens, aos símbolos, às idéias. Surgem, então, a atividade artística e a vida estética, também integradas em finalidades rituais e mágicas.

Com o Homo sapiens, o mundo exterior, os objetos e os seres do meio ambiente adquirem uma segunda existência, a existência em imagem mental fora da percepção empírica imediata e a ela semelhante. A ligação imaginária com o mundo se estabelece:

---

(2) - Ibid, p. 103.

"Por um lado, a palavra, o símbolo, a figuração vão rerepresentar incessantemente, ao espírito, na sua própria ausência, os seres e as coisas do mundo exterior e, num certo sentido, esses seres e coisas ficam dotados, a partir de então, de um poder invasor. Por outro lado, são as imagens mentais que invadem o mundo exterior. E é nessa confusão e para vencer essa confusão que se constroem o mito e a magia, isto é, uma organização ideológica e prática da ligação imaginário com o mundo" (3).

Imagem, mito, rito e magia são fenômenos fundamentais, ligados ao surgimento do homem imaginário, complementando-se e associando-se a todas as coisas humanas.

A invenção estética, por outro lado, extrapola o âmbito da magia e da religião e se inscreve nas atividades humanas para satisfazer uma emoção e um prazer propriamente estéticos. Ela se tornou possível pelo alargamento e enriquecimento da afetividade traduzidos em sensibilidade estética. A estética, até então presente na natureza, desenvolve-se além de sua raiz biológica, passando a ser atividade humana, fruto da afetividade humana enriquecida, e tornando-se enriquecedora da mesma.

As emergências mágicas, míticas, rituais e estéticas fazem surgir um universo antropológico e nos remetem, todas elas, à natureza imaginária e imaginante do sapiens e à relação ambígua e difusa que se constitui entre este e o meio ambiente.

Surge, então, a incerteza e a ambiguidade desta relação. A zona de incerteza entre o cérebro e o meio ambiente é também a zona de incerteza entre a objetividade e a subjetividade, entre o imaginário e o real, e se constitui em fenda aberta, mantida pela brecha antropológica da morte e pela irrupção do imaginário na vida diurna. A existência dessa brecha corresponde a um aumento con

---

(3) - Ibid, p. 108.

siderável de erro no sistema vivo. Diz Morin,

"O Homo sapiens inventou a ilusão, o transbordamento do universo fantástico na vida de vigília, as extraordinárias relações que se tecem entre o imaginário e a percepção do real, tudo aquilo que (...) constitui a fonte das 'verdades' antológicas do sapiens e, ao mesmo tempo, a fonte de inúmeros erros. Mais amplamente, mais profundamente, a incerteza das relações entre o meio ambiente e o espírito, entre o indivíduo e o objeto, entre o real e o imaginário (incluindo a incerteza sobre a natureza de cada um) é a fonte permanente dos erros sapientais. O erro grassa na relação do sapiens com o meio ambiente, na sua relação consigo próprio, na relação de grupo com grupo e de sociedade com sociedade" (4).

#### O HOMEM GENÉRICO

Além da capacidade de desenvolver a linguagem e o pensamento lógico, o que caracteriza o homem não é uma redução da afetividade em benefício da inteligência, mas sim uma verdadeira - erupção psico-afetiva e até o aparecimento do descomedimento. Por um lado, o homem apresenta uma aptidão para o prazer, para o embriagamento, para o êxtase, e, por outro, para a raiva, a fúria, o ódio. É provavelmente próprio ao homem a intensidade e a instabilidade

---

(4) - Ibid, p. 112.

bilidade que a alegria e a tristeza provocam. Estes são estados afetivos intensos, convulsivos, espasmódicos, que também se encontram e se trocam: ri-se até às lágrimas e o choro pode se tornar riso convulso. A criança demonstra uma intensidade e uma instabilidade afetivas não verificadas em nenhum ser imaturo de qualquer espécie viva. O homem adulto pode ser capaz de conter e controlar as expressões de seu afeto, mas a intensidade dos sentimentos continua existindo para ele. O homem é muito mais propenso para o excesso afetivo que seus antecessores; nele transbordam o onirismo, o eros, a afetividade, a violência. Entre os primatas, o onirismo permanece circunscrito ao sono; no homem prolifera em forma de fantasia, do imaginário. O eros, nos primatas, permanece circunscrito ao tempo do estro e extravaza pouco para o campo da sexualidade; no homem, está presente todo o tempo, em todo o seu corpo, nas suas fantasias, irrigando outras atividades suas. A violência, que para os animais se limita à defesa e à predação alimentar, no homem desencadeia-se fora da necessidade. A afetividade torna-se profusa entre os primatas, particularmente entre os chimpanzés, mas é no homem que ela assume um caráter eruptivo, instável, intenso, desordenado.

O homem é também um ser de consciência.

"Aquilo que ilumina é sempre o que permanece na  
sombra" (5).

A consciência é algo assim, tem caráter global e indeciso.

Resulta, de certo modo, das inter-relações, interações e interferências do conjunto das aptidões e das atividades superiores do homem, não podendo ser isolada do mesmo. Nasce nessa confluência e é essa mesma confluência.

---

(5) - Ibid, p. 138.

As raízes da consciência estão no reconhecimento da brecha que se abriu entre o sujeito e o objeto, na franja de interferências que existem entre o real e o imaginário. A consciência nasce na dupla dialetização do sujeito e do objeto, da verdade e do erro.

A consciência é um fenômeno extremamente subjetivo, visto trazer em si a presença afetiva do eu individual e, ao mesmo tempo, é intensamente objetiva, por esforçar-se em considerar objetivamente, tanto o meio ambiente exterior como o eu subjetivo. Aqui, o eu se toma ao mesmo tempo como sujeito e como objeto de conhecimento, considerando o meio objetivo e implicando nele sua própria existência subjetiva.

O fenômeno da consciência supõe uma aptidão reflexiva, que só apareceu quando as idéias e as noções se objetivaram em símbolos, ou seja, quando foi possível constituir sistemas cognitivos. Tal processo é desencadeado quando surgem as contradições, os paradoxos e as incertezas fundamentais referentes à dualidade sujeito-objeto e às interferências confusionais entre real e imaginário. Este movimento em direção a formas mais complexas de conhecimento segrega e alimenta a consciência, que surge tomando ao mesmo tempo, o objeto do conhecimento e o conhecimento torna do objeto. Nesse processo, a individualidade se revela e o eu se sente cada vez mais como sujeito, mesmo que se ofereça como objeto de estudo e de análise. Em tais condições, a consciência compromete-se na ação cada vez mais difícil da verdade e do erro.

Uma série de sinais ambíguos chegam incessantemente ao cérebro do homem. Esta ambiguidade pode provir do caráter incompleto, polissêmico ou indecifrável da informação proveniente do meio ambiente e, mais intensamente, entre ruído e informação. Ela também provém do fato de nada, no cérebro humano, permitir distinguir diretamente aquilo que é sonho ou alucinação daquilo que é percepção. Para estabelecer as distinções e se auto-verificar, a consciência é obrigada a recorrer à prática, à experiência, à natureza, à sociedade. Neste sentido, portanto, ela é produto da experiência, visto que é uma frágil resultante que se esvai

logo que lhe falta um dos diversos termos necessários à interferência que a constitui. Em outro sentido, como qualquer unidade global resultante das interações mútuas entre seus componentes, ela é dotada de qualidades originais e de uma relativa autonomia, atuando no sentido inverso, ou seja, alimentando os elementos que a alimentam, estimulando as aptidões e atividades que a fazem viver, a fim de desenvolvê-las; promove, assim, seu auto desenvolvimento. Torna-se, então, auto-organizadora e aspira a constituir-se no epicentro do cérebro que é, por sua vez, o epicentro do universo antropológico.

Ao desenvolver-se, a consciência aumenta sua competência verificadora, adquire um poder de controle e estimula os avanços evolutivos, ou seja, a elaboração de meta-sistemas e das meta-organizações. Tais competências, aptidões e poderes são ampliados pela consciência, e com ela se desenvolvem, tanto no campo do conhecimento, como no da decisão, da ação, do comportamento.

Embora, desenvolvendo-se, a consciência tenda a constituir um novo centro para as atividades cerebrais, ela é também incerta e frágil, oscilando muitas vezes, segundo os momentos, as condições e os indivíduos, entre seu caráter de epifenômeno e seu caráter de epicentro.

A consciência surge na pré-história do sapiens, no homem de Neanderthal, com a consciência da morte, tendo sido, ao mesmo tempo, contida e recalçada pelo mito e a magia da sobrevivência e/ou da renascença. Com as sociedades históricas é que a consciência adquire um novo desenvolvimento, mas ele é extremamente instável. Ela não é a luz que ilumina o espírito e o mundo, mas que ilumina a brecha, a incerteza, o horizonte. A consciência tende a eliminar o erro, mas também, a iluminar o devaneio. Não traz soluções excepcionais e nem permanentes, mas surge como indispensável ao desenvolvimento das possibilidades ainda não realizadas do homem. Os progressos da consciência estão ligados à complexificação social e, a partir de certos limites

os progressos sociais dependerão também, cada vez mais, do desenvolvimento das consciências individuais.

A ansiedade está estreitamente ligada ao surgimento da consciência. A ansiedade propriamente dita é humana; nos animais ela está associada à vigilância e desperta ao menor sinal de perigo; já, no homem, a vigilância está diminuída e a ansiedade liga-se menos ao perigo imediato.

Tanto quanto a consciência, a ansiedade supõe um pensamento que considera de modo global e temporal, longas seqüências de fenômenos, além do comportamento e do meio ambiente imediatos. O distanciamento espacial faz o mundo aparecer como "alheio" e origina a tendência mitológica para reintegrar o homem no mundo, enquanto que o distanciamento temporal faz surgir o tempo como processo irreversível e incerteza do futuro. A consciência desse duplo distanciamento coincide com a consciência da morte, que a sobredetermina e aprofunda.

A angústia e a ansiedade, trazidas pela consciência da morte e da incerteza, são atenuadas pelo mito, pela magia e religião, pelas participações afetivas individuais e coletivas, pelas atividades da vida cotidiana. Mais recalcada que aniquilada, a ansiedade humana aumenta com o desenvolvimento sócio-cultural, que provoca necessariamente interditos e repressões.

O próprio funcionamento cerebral, hipercomplexo, explica a ansiedade humana. A desorganização-reorganização constantes, os antagonismos internos, as desordens e as crises, a instabilidade de cada um destes estados, a sensibilidade para com as eventualidades externas, fazem com que o homem só conheça ótimos estados de espírito de modo incerto e frágil. O desenvolvimento da civilização, até o presente, ao contrário de nossas melhores expectativas, só tem feito aumentar a ansiedade e a busca da felicidade.

Surgindo e aumentando com a elevação da complexidade do

cérebro e das condições sociais, a ansiedade também colabora para uma complexificação crescente. Segundo Morin,

"Ela vai estimular a curiosidade e a busca errante em todos os sentidos, da verdade que explica, da certeza que se esquivava, da felicidade que é devida, com essa busca alcançando uma extensão surpreendente. Vai, ao mesmo tempo, alimentar as crises e ser alimentada por elas. Vai estimular e alimentar os mitos, magias e religiões que contrabalançam a separação demasiado grande em relação com o mundo, a excessiva incerteza do tempo, a angústia, também demasiado grande, da morte. Vai encontrar refúgio nas racionalizações dogmáticas, que sujeitam o mundo pelo espírito. Contudo, a ansiedade, ao mesmo tempo, não vai deixar de trabalhar, subterraneamente, nos avanços"<sup>(6)</sup>.

As crises, definidas por Morin <sup>(7)</sup> como aumento das desordens e incertezas no seio de um sistema individual ou social, são provocadas ou provocam o bloqueio de dispositivos organizacionais reguladores, neles determinando, por um lado rigidezes e, por outro, desbloqueios de virtualidades até então inibidas. Estas, então, desenvolvem-se de forma desmedida, as diferenças transformam-se em oposições e as complementariedades em antagonismos.

É característico dos sistemas vivos, hipercomplexos, funcionarem normalmente com desordem e no limite da desordem. Quando esta desordem e incerteza se elevam acima de certos limites, surtem as crises. Estas podem resolver-se através de regressões para formas de funcionamento menos complexas, mas é característico desses sistemas em crise que desencadeiem a busca de soluções novas, que podem ser imaginárias, mitológicas, mágicas, ou, então,

---

(6) - Ibid, p. 145.

(7) - Ibid.

práticas e criadoras. Assim, as crises são fontes de ilusões ou de atividades inventivas, podendo gerar progressos ou regressões.

Como um tecido de imensas contradições, o homem é, sem dúvida, um animal crístico: as crises, ao mesmo tempo, são fontes de seus fracassos, de seus sucessos, de suas invenções, e do que Morin chama de sua "neurose fundamental" (8).

Ao contrário de como vem sendo considerada pela psicologia e pela psiquiatria tradicionais, a cujos terrenos tem sido circunscrito o estudo da neurose, Morin a vê como fazendo parte da natureza humana. Sendo a neurose não somente consequência, mas resposta a uma incerteza, uma angústia, uma ameaça, um conflito, a resposta que aí se obtém, geralmente de caráter mágico-ritual, estabelece um compromisso entre o cérebro e a realidade exterior e no interior de sua própria realidade.

O ritual humano desenvolve-se em duas direções: os rituais de comunicação social, em que cada um desempenha determinados papéis em situações determinadas, e os ritos individuais de que cada um lançará mão para vencer ou acalmar suas próprias crises. Mas é numa terceira direção e onde se introduz o mito e a magia, que o homem cria um rito novo, diferente dos animais, e que responde às suas incertezas, angústias e crises.

Mito, rito, magia e religião asseguram um compromisso do homem não só com o meio ambiente exterior, mas um compromisso interno, no interior de seu espírito, com suas fantasias, desordens, contradições, com seus afetos, com sua própria natureza crística.

" (...) com o homo sapiens, a cultura concentra em si, institucionaliza-se mitologia, magia, rito, religião. Por isso mesmo, a cultura encarre

---

(8) - Ibid, p. 146 a 149.

ga-se do compromisso antropológico da neurose, libertando os indivíduos (pelo menos em princípio ou estatisticamente) da busca errante e angustiante de um compromisso, oferecendo-lhe patterns adaptativos de segurança e de purificação" (9).

A busca do prazer que o homem faz, não só no orgasmo, mas em todos os campos, não é redutível ao estado de satisfação de um desejo, à redução de uma tensão. Ela existe e se consolida em estados de exaltação de todo o ser, que chegam a alcançar o limite da catalepsia ou da epilepsia. Todas as sociedades criaram as formas que permitiam tais estados, por meio de ervas e/ou do álcool, da dança e/ou do rito, do profano e/ou do sagrado, onde se buscam e esperam estados que parecem unir a desordem extrema no espasmo e/ou convulsão com a ordem suprema da plenitude de uma integração com o outro, com a comunidade, com o universo. Tais estados " (...) parecem expurgar as ansiedades, transformar violências em alegrias e brincadeiras, as alegrias em delírios e beatitudes" (10) e são vividos característica, precária e incertamente pelo homem como seus estados ótimos ou supremos.

A brecha que o imaginário abre entre o cérebro humano e o seu meio ambiente e todas as incertezas que daí resultam, fariam do homem o animal mais frágil do mundo se ele não as pudesse encher, pelo menos parcialmente, com a experiência cultural acumulada e com a aprendizagem pessoal. As ambiguidades que chegam ao cérebro não podem ser solucionadas em si mesmas e sim recorrendo-se conjuntamente ao controle ambiental e ao controle cortical. A verificação não pode ser imediata e há necessidade de um tempo para isso. É a prática que dá a resposta e seus resultados são guardados na herança cultural. Mas nem a prática e nem a cultura eliminam por completo as incertezas e fornecem todas as respostas. Sempre resta uma vasta zona de ambiguidade que é preenchida com crenças, espíritos, deuses, magias e teorias ra

---

(9) - Ibid, p. 148 e 149.

(10) - Ibid, p. 114.

cionalizadoras. E é característico do homem a possibilidade de colocar todas estas criações em dúvida, e de criar coisas novas.

A faculdade de indecisão, já que a ilusão, a desordem, o erro e o ruído vão sempre acompanhar a atividade pensante, é ao mesmo tempo, aquilo que limita e que abre ao infinito a possibilidade de conhecimento.

### IMAGINAÇÃO E LÓGICA

É a partir do "ruído de fundo", ou seja, dos encontros de idéias, imagens e recordações que formam nossa vida interior, que se constrói o LOGOS, no sentido do termo grego, discurso, palavra, pensamento, ação. Ele pode, sem dúvida, ser submerso pelo ruído de fundo mas, sem ele, o LOGOS é um moinho sem água. As invenções fantásticas e oníricas, por si próprias, não podem constituir " (...) a verdadeira invenção cerebral, aquela que se integra, modificando-as no pensamento organizado e no logos, e depende da intervenção das competências heurísticas" (11), mas fornecem à competência lógica um fundo criador. Constituem-se em um aspecto primordial do funcionamento do cérebro humano, tendo nele um enorme desperdício e também um princípio de criatividade. A imaginação, na ação ininterrupta da fantasia à idéia, da afetividade à praxis e vice-versa, é fonte das inovações de todas as ordens que acompanharam a evolução humana.

"O LOGOS é o produto de uma dialética incerta entre os ruídos e as competências. Esta dialética resulta da atividade de conjunto do sistema cerebral" (12).

---

(11) - Ibid, p. 127.

(12) - Ibid, p. 131.

A desordem, no sapiens, pode ser melhor compreendida , considerando-se:

- 1)- A ambiguidade e a indecidibilidade fundamental na relação dos acontecimentos internos (subjetividade, imaginação) e externos (objetividade, realidade);
- 2)- a regressão dos programas genéticos ou "instintivos", bem como sua confusão, diante do aumento do ruído e das competências;
- 3)- a fraca estabilidade do cérebro, onde o controle exercido pelo córtex é frágil e instável em relação às atividades instintivas, afetivas e lógicas, que podem, eventual e temporariamente, assumir o comando, colocando inclusive a lógica para justificá-la ; e
- 4)- a fragilidade da consciência.

O controle da demência, da desordem no homem, é realizado complementarmente pelo meio ambiente, pelo controle genético, pelo controle cortical e pelo controle sócio-cultural. Quando um destes controles falha, a demência se instaura e o homem deixa se guiar pelas forças incontroladas dos impulsos.

Pelo fato do cérebro não ser verdadeiramente hierarquizado, é dialetizado, permitindo que o LOGOS seja irrigado pelas forças da afetividade e dos impulsos.

O gênio do sapiens será exatamente aí, na interrelação ,

" (...) entre o imaginário e o real, o lógico e o afetivo, o especulativo e o existencial, o inconsciente e o consciente, o sujeito e o objeto, razão de todos os extravios, confusões, erros, devaneios, demências, mas razão, também, em vir

tude dos mesmos princípios, operando sobre os mesmos dados, de todos os conhecimentos profundos (em que se combinam com a explicação lógica a intuição e aquilo a que Max Weber chamava compreensão), todas as sublimações e invenções nascidas do desejo.

A demência do sapiens é a insuficiência e a ruptura dos controles, mas o gênio do sapiens é também não ser totalmente prisioneiro dos controles, nem do controle real (meio ambiente) , nem do da lógica (neocórtex), nem do código genético, nem do da cultura e sociedade e, ainda, o de poder controlar os controles um pelo outro" (13).

---

(13) - Ibid, p. 135.

CAPÍTULO 3

IMAGINAÇÃO, CULTURA E HUMANIZAÇÃO DO MUNDO

"A visão é sempre sólida e digna de crédito; a visão é sempre um fato. A realidade é que é, muitas vezes, uma fraude".

CHESTERTON

"Ao me representar eu me crio, ao me criar eu me repito. Donde a evidência de que a imaginação é tanto o instrumento da criação quanto da experiência interior, donde a necessidade de reconhecer que o imaginário é o motor do real, o que o movimenta".

H E L D

A IMAGINAÇÃO: UMA PRIMEIRA ABORDAGEM

Por não se tratar de uma experiência unívoca, inequívoca, e nem totalmente lógica, é difícil considerar racionalmente a imaginação, sem se correr o risco de empobrecê-la e até mesmo de desvirtuá-la.

Atentos para o risco, tentaremos tal empreitada, mergulhando em autores como Jacqueline Held, Rubem Alves e Gilbert Keith Chesterton que, em contextos e obras algo diversos <sup>(1)</sup>, discutem sobre ela.

Para chegarmos à conceituação de imaginação segundo o ponto de vista destes autores e daquele em que empregamos no presente trabalho, convém, primeiramente, estabelecer a distinção entre o termo imaginação e outros, usados comumente como sinônimos ou com sentidos pouco definidos.

Em dicionário de Psicologia, encontramos que imaginação é o processo de

---

(1) - A obra de J. Held a que nos referimos, O Imaginário no Poder, analisa a imaginação tal como se manifesta na literatura fantástica e sua função no que diz respeito, particularmente, à literatura infantil e ao seu importante lugar na educação das crianças. Criticando a racionalidade que domina as sociedades modernas, Rubem Alves, em A Geração do Futuro, analisa a imaginação como atividade social que surge a partir das ausências que experimentamos nas condições objetivas de vida, criticando-as e possibilitando plantar as sementes de uma sociedade mais consoante aos desejos humanos fundamentais. Já G. K. Chesterton, em Ortodoxia, critica o racionalismo e o empirismo justamente por criarem um mundo em que a imaginação é eliminada e substituída pelo pensamento, resultando na quebra das condições da vida ética e caracteristicamente humana, condições estas que, em sua opinião, são colocadas com simplicidade e verdade no Cristianismo. A crítica ao racionalismo e a defesa da imaginação são pontos comuns às três abordagens.

" (...) pensamento que consiste numa evocação de imagens mnemônicas (imaginação reprodutora), ou numa construção de imagens (imaginação criadora). Nesta última acepção, o termo é usado com frequência, para designar a capacidade de um indivíduo em desenvolver atividade criadora, muitas vezes generalizada a toda e qualquer atividade inventiva" (2).

Tal evocação possibilita a reorganização dos elementos provenientes de experiências passadas, podendo resultar em algo novo (3). Esta construção de imagens se dá pela formação mental de imagens do que existe mas não está em nossa presença ou de imagens de objetos que não existem no mundo físico (4). As imagens aqui referidas dizem respeito aos sentidos humanos e, em nosso tempo e cultura, tendem a predominar as imagens visuais sobre as dos outros sentidos (5).

Já o termo fantasia refere-se a uma forma

" (...) de atividade imaginativa que tende a afastar o indivíduo de um contato mais efetivo com a realidade. Frequentemente a fantasia exerce uma função de mecanismo de defesa por permitir que o indivíduo tenha o sentimento efêmero de ter solucionado seus problemas. No entanto, e sob determinadas circunstâncias, a fantasia (por ser uma atividade na qual as imagens se regulam pelo capricho do momento) pode ser útil para o desempenho de uma função criadora" (6).

(2) - Henri Piéron, Dicionário de Psicologia, p. 225.

(3) - Paulo Calderelli, Dicionário Enciclopédico de Psicologia - Geral, p. 380.

(4) - Irene Sales de Souza e outros, Dicionário de Psicologia Prática, vol. II, p. 297 e 298.

(5) - O Dicionário de Filosofia, de Nicolla Abbagnano, acrescenta a estes dados, outros referentes ao desenvolvimento histórico da concepção de imaginação, que não é aqui pertinente em virtude do tipo de abordagem que estamos efetuando.

(6) - Paulo Calderelli, op. cit., p. 294 e 295.

No sentido freudiano, a fantasia é um mecanismo de defesa que propicia satisfação ilusória para os desejos que não podem se realizar objetivamente - o inconsciente cria uma satisfação - substituta que fica em lugar da realidade. A tensão provocada pela repressão que a realidade impõe à satisfação do desejo é liberada por este mecanismo de defesa que cria uma satisfação imaginária para o mesmo. A fantasia realiza uma síntese entre idéias, sentimentos, interpretações e memória, produzindo elementos instintivos e afetivos. Omitindo a realidade e possibilitando a satisfação-substituta, a fantasia pode ser útil na resolução dos conflitos e ajudar a prevenir a progressão da angústia. Os sonhos e as fantasias, segundo Freud, são processos que visam a aliviar a angústia. Em doses moderadas, a fantasia pode contribuir para a adaptação do indivíduo, já que proporciona a eliminação da angústia e permite que o indivíduo enfrente novamente o problema em questão. Entretanto, doses constantes e exageradas de fantasia podem fazer com que o indivíduo se desvie da realidade e se acostume a um mundo irreal (7).

Alguns autores diferenciam imaginação e fantasia, considerando esta a produção de imagens e idéias desregradadas e desenfreadas, em oposição à imaginação, que seria a elaboração voluntária e organizada de nossas imagens mentais. Outros consideram a imaginação como mera reprodução de imagens vivenciadas, reservando o termo fantasia à imaginação criadora, que relaciona e trabalha imagens experimentadas, resultando numa síntese nova (8).

É principalmente no sentido de fantasia, entendida como criações mentais subjetivas diante de situações frustradoras, experiência humana estreitamente ligada ao ato criador, que o termo imaginação é empregado pelos autores cujos pensamentos consideraremos.

---

(7) - Irene Sales de Souza e outros, op. cit., p. 222.

(8) - Nicolla Abbagnano, op. cit., p. 407.

Em virtude da confusão que existe em torno do termo "imaginário", Held prefere ficar com o "fantástico", embora utilize por vezes, aquele. Diferencia ambos do termo "maravilhoso" por considerar que este atualmente perdeu sua condição crítica, reduzindo-se a registros infantis, mimados e adocicados, a contos - evasão de final feliz, de mágicas e de desejos logo satisfeitos. Held considera este tipo de produção como pseudo-imaginário, com função de esquecimento, de exorcismo e de diversão, que desvia dos verdadeiros problemas humanos.

Já Rubem Alves reserva o termo imaginação às fantasias sociais e, sonhos, às fantasias individuais. Toma os sonhos num sentido amplo, envolvendo tanto o sonhar dormindo como o sonhar acordado, como tendo as mesmas origens - a percepção da frustração que resulta da não satisfação dos desejos e da impotência do indivíduo, dividido entre seus desejos e as exigências do mundo objetivo.

Chesterton deixa implícito o sentido de imaginação em seu estudo, opondo-o ao de razão, atividade que realiza relações mentais e limitadas entre objetos, e considerando ligadas à imaginação a aceitação e a compreensão de experiências humanas globais, relacionadas à vida em sua acepção mais ampla, ao senso comum, aos sentimentos e valores do homem e que lhe dão a sensação de amor à vida e o impulso de transformação do mundo.

Nas linhas que se seguem, retomaremos as análises destes autores, organizando-as e buscando explicitar o sentido em que empregamos o termo imaginação no contexto deste trabalho.

### IMAGINAÇÃO E REALIDADE: A CONSTRUÇÃO DO REAL

A imaginação é uma experiência humana, existindo sempre

e somente para um olhar humano e com relação a ele. Sem esse olhar, a natureza não é real nem imaginária, ela É, simplesmente. É justamente pela imaginação que o homem, percebendo a defasagem entre o dado e o sonhado, entre o dado e o construído, coloca em ação sua capacidade de transformar a natureza e de criar cultura. Por isso, Held <sup>(9)</sup> considera que a obra humana torna-se não apenas sobrenatural, mas também sobrehumana. O imaginário, ou fantástico, como ela o chama, origina-se de superdomesticação do real ou, de superdomesticação da natureza.

A imaginação surge da experiência humana real, enraíza-se nela, mas também a ultrapassa, na medida em que leva em consideração as ausências e possibilidades que o mundo concreto, real, existente, apresenta. O que vivifica e dá à imaginação sua verdadeira densidade são os elementos, sentimentos e problemas da vida cotidiana que ela apresenta. E são esses mesmos elementos que tornam o imaginário próximo, familiar, e não totalmente estranho à nossa experiência. O fato dos produtos da imaginação serem característicos e diferentes em determinadas épocas e culturas, sua relatividade espaço-temporal demonstra sua raiz na experiência objetiva.

Os problemas humanos e a chave de sua resolução não se apresentam inicialmente ao homem de forma racional, mas através dos sonhos e da imaginação, e isto constitui o primeiro passo para serem tratados racionalmente.

Desde que os desejos e aspirações humanos não tem total ancoragem no vivido, no real, mas se completam com vistas ao possível e ao irreal, eles não podem ser relatados a partir de nosso universo normal de linguagem. Expressam-se através de símbolos, que não tem significado em si mesmos, mas apenas com referência à experiência a partir da qual se manifestam. Além do mais, sua mensagem nem sempre é clara;

---

(9) - Jacqueline Held, O Imaginário no Poder, p. 25.

" (...) eles escondem sempre sua sabedoria sob uma aparência de disparate (...) São brincalhões, visionários, palhaços e monstros, a dizem coisas que são ofensivas ou atrativas, alegres ou terríveis, ridículas ou sublimes, todas elas compondo os nossos sonhos e pesadelos sociais"<sup>(10)</sup>.

Os frutos da imaginação representam, assim, um tipo de saber realizado em contato direto com o mundo, que manifestam as necessidades e aspirações humanas, e as suas possibilidades. Por isso, constituem alimento essencial para o coração e a ética humanos.

A imaginação, através de símbolos, materializa o irreal, que reúne e traduz todo um mundo de desejos. Ela usa, então, o irreal, o que não existe no mundo normal e conhecido. Propõe o que parece inimaginável e que, no entanto, um dia foi imaginado. Este irreal assim o é no sentido estético do que é apenas imaginável, não sendo visível aos olhos de todos, mas criado pela imaginação, pela fantasia de um espírito.

Este irreal consiste em obras, pensamentos, criações, leis particulares, maneiras características de comportamento. Embora seja próprio, subjetivo, de um espírito, eles nos toca por reunir aspirações, necessidades e experiências reais que possuímos, em graus diferentes e nem sempre de forma clara e conhecida. Ele traz a visão afetiva do mundo.

Contém um elemento negativo com relação ao mundo vivido. Na falta do que Held denomina de um "real tangível exterior ao espírito", ele reuniria um "real psíquico", visto que só existe em relação a uma realidade que poderia ser considerada como "não fantástica"<sup>(11)</sup>. Considerando-se assim, diríamos que o real vem em primeiro lugar e o imaginário, em segundo. Mas, como o real é produzido segundo as vivências pessoais e culturais, o real é fantástico, e o fantástico é real.

(10) - Rubem Alves, A Geração do Futuro, p. 113.

(11) - Jacqueline Held, op. cit., p. 25.

No imaginário existe uma interpenetração de sonho e de realidade, uma oscilação entre eles onde desaparece a linha de marcatória. Nele, o sonho é contado como se fosse realidade e a realidade como se fosse sonho; a realidade é modelada pelo sonho e recriada pelo seu autor.

Na imaginação, convergem e fundem-se três componentes :

- a)- Uma paisagem fantástica, criada a partir de elementos conhecidos e que permite ultrapassá-los;
- b)- uma paisagem real, aquela em que se vive, em que se enraiza e que está sempre mais ou menos presente, subjacente, mesmo que de forma não consciente; e
- c)- uma paisagem afetiva, sendo ela quase sempre um lugar da infância. Este lugar aí aparece idealizado, mítico, sob o enfoque dos sentimentos, das lembranças, das experiências de um adulto, deformado se necessário, transmutado e povoado com os seres com quem convivemos e que amamos, no correr dos anos.

Tais paisagens afetivas parecem ter, no vir-a-ser humano, estruturas comuns, arquétipos, que reúnem algo de muito profundo, no criador e no fruidor do imaginário. Possivelmente é sempre um lugar da infância por nele encontrarmos os elementos primeiros que alimentam o imaginário do homem, que desempenham papel decisivo no seu crescimento, que envolvem a criança e que talvez jamais deixem de envolver o adulto. "A paisagem imaginária origina-se, ao mesmo tempo, em nosso lugar de infância real e nos elementos de que tivemos vontade, na nostalgia" (12). Reúne, assim, as nostalgias e os desejos de cada um. Quando a paisagem que cada um leva consigo chega a se exprimir, todos se encontram e reconhecem nela.

A imaginação, portanto, é função, ao mesmo tempo, dos CO

---

(12) - Ibid, p. 78.

NHECIMENTOS e das SOLICITAÇÕES de certo tipo de sociedade. Por isso, ela é histórica, vivendo e se transformando segundo a vida dos homens, de suas descobertas e preocupações que traduz e reflete.

### FUNÇÕES DA IMAGINAÇÃO

A imaginação é atividade humana que cumpre importantes funções, que podemos sintetizar da seguinte maneira:

- 1)- FUNÇÃO OBJETIVADORA E LIBERTADORA - A imaginação - possibilita a libertação afetiva por compensação simbólica, pois:
  - a)- Supre ausências afetivas;
  - b)- desvela anseios reprimidos; e
  - c)- possibilita o domínio mental dos objetos que produzem angústia. Pela invenção criadora, angústia, alucinação e idéia fixa são objetivadas, exteriorizadas, permitindo ao criador transcendê-las, libertar-se delas.
- 2)- FUNÇÃO COMUNICATIVA, DE AUTO-CONHECIMENTO E DE CONHECIMENTO DO MUNDO - Debruçando-se sobre o imaginário, o homem comunica-se consigo mesmo, conhece as suas carências, seus desejos, suas necessidades e possibilidades. Da mesma forma, em contato com o imaginário de outrem, obtém informações sobre seus sentimentos, conhecimentos e sobre sua situação no mundo. O imaginário também informa sobre o coração

humano em épocas e culturas diferentes.

- 3)- FUNÇÃO CRÍTICA - Colocando a realidade à distância, deixando-a a descoberto, a imaginação permite que a percebamos melhor. Ela cria uma distância entre o mundo objetivo e o mundo idealizado, afinando nosso espírito crítico e fazendo-nos refletir. O autêntico imaginário não nos afasta da realidade, mas a restitui a nós, ajudando-nos a vencer a mecanização da rotina, do esquecimento e do hábito.
  
- 4)- FUNÇÃO DE APOIO AO DESENVOLVIMENTO RACIONAL - Quando bem educada, a imaginação favorece a racionalidade, pois se aprende a manipulá-la cada vez com maior habilidade e distância. Ela auxilia a distinguir o real do fictício, pois proporciona ocasiões de reflexão e de discussão que permitem ao indivíduo tornar-se mais lúcido e flexível em sua própria manipulação do real e do imaginário, do possível e do impossível. Permite ainda a reutilização de modelos, podendo ser ponto de partida para novas e enriquecedoras experiências. Como bem lembra Held, razão e imaginação, se constroem um PELA outra e não uma CONTRA a outra.
  
- 5)- FUNÇÃO MOTIVADORA - A imaginação é a responsável pelos sentimentos de interesse, de admiração e de amor do homem pela vida; ela alimenta os sonhos e os desejos, constringe à resistência, cria a esperança e dá origem à fé.
  
- 6)- FUNÇÃO CRIADORA - Diante de problemas, a imaginação propõe elementos, pontos de partida capazes de auxiliar a refletir, dialogar e elaborar, pouco a pouco, as respostas. Ela permite ultrapassar o dado, o agora, o imediato, originando o que não era visível e nem existente, mas em que se reconhece, em maior ou menor prazo, o que deveria ser revelado.

## OS ELEMENTOS DA IMAGINAÇÃO

Rubem Alves considera a imaginação mãe da criatividade , atividade humana que nos permite julgar a experiência e o mundo, modificá-los e fazê-los ressurgir a partir de novos fundamentos, segundo os valores humanos mais fundamentais.

Buscando um conhecimento mais profundo, verdadeiro e am plo da imaginação e da sua importância para a vida humana, em "A Gestação do Futuro", o autor analisa em termos de sua intençao , o que aqui consideraremos como os elementos da imaginação.

A imaginação contém um elemento mágico.

Podemos considerar a magia como o mais velho e por isso talvez, o mais profundo espírito da vida humana, e a imaginação, como uma forma secreta de magia.

Freud considerou ambas as atividades como expressões di ferentes de um mesmo processo mental que se baseia na crença de que a realidade pode ser controlada pelo pensamento. Separando pensamento e ação, Freud colocou como função do pensamento a des crição da realidade e, da ação, a manipulação desta realidade . Desta forma, se a descrição não se mostra acurada ou se a ação não é efetiva, elas são consideradas incorretas.

Considerando a intençao da magia como efetividade pragmá tica, Freud concluiu que ela não passava no teste de realidade . Acreditava, então, que a magia se originava na ilusão de onipo tência do homem.

Se esta interpretação da magia fosse correta, o homem há muito tempo deveria ter desistido dela. Por que isso não ocor re? Aqui, como Rubem Alves, preferimos a interpretação de Mali nowski, cujos estudos revelam que a origem da magia está na per cepção da impotência. Ela, e também a imaginação, surgem quando

a ação é frustrada, quando o homem percebe que " (...) o poder - de seus braços é insuficiente para levar a bom termo as ordens do coração" (13).

Experimentando a realidade como contrária à expressão de seus mais caros desejos, o homem reconhece sua impotência, mas mesmo assim recusa-se a renunciar a eles. A magia surge então, como uma expressão da esperança, como intenção de transformar o ausente no presente, como intento humano de buscar e de manter coerência em seus valores.

Devido à sua dinâmica, a consciência tem que viver num mundo que faça sentido, e um mundo que se torne contrário às aspirações do homem mostra-se insano e incongruente. Como a consciência da significação ocorre somente quando sentimos que a realidade é uma expressão do coração e um instrumento para ele, quando isso não ocorre, a personalidade, ameaçada, cria a magia como única forma de se integrar. A magia revela as intenções básicas da personalidade. Consiste, pois, não em erro acidental, mas em algo que se baseia num "mecanismo psicofisiológico universal" (14). Daí a importância da magia, que é criar o mundo segundo as necessidades fundamentais do homem. É neste sentido que a cultura é criada.

A magia, afinal, é uma denúncia do absurdo da situação vivida que, tornando impossível o ato criador, reduz o homem à impotência e lhe solicita a criação da magia.

Da mesma forma, a imaginação é, em si mesma, mágica. Quando imaginamos, nomeamos nossos desejos, ultrapassamos o círculo fechado em que a realidade nos aprisiona, impelidos que somos pelas aspirações mágicas que controlam a dinâmica da nossa consciência. Como a magia, a imaginação fala de desejos e aspirações frustrados do homem, de sua importância para a vida, da necessidade e da possibilidade de lutarmos por eles, de criarmos segundo os seus valores.

(13) - Rubem Alves, op. cit., p. 90.

(14) - Ibid, p. 91.

A imaginação também possui um elemento lúdico, denunciando a opressão e buscando a alegria, o prazer e a liberdade.

O brincar proporciona prazer, alegria, é um fim em si mesmo. O fato de brincar produzir prazer levou Freud a identificar sua dinâmica com a dinâmica da magia, pois em ambas as atividades, o homem se satisfaz com uma simples representação do desejo. Segundo esta interpretação, ambos são expressões do comportamento neurótico, ainda não reconciliado com a realidade.

Para Rubem Alves, no entanto, através dos jogos as crianças possivelmente mostram a sabedoria de uma imaginação ainda livre das distorções do mundo adulto. Para ele, a lógica do brinquedo implica numa negação radical da lógica dominante em nossa sociedade adulta e utilitarista.

O brincar implica numa crítica radical à sociedade e numa subversão de seus valores. As crianças estão sempre conscientes de que brincam e que são autoras e atoras do script. Permanecem senhoras da situação e podem reorganizá-la à vontade. Não se esquecem das origens humanas de seus jogos e sentem-se livres - mesmo para acabar com eles. Já os adultos, assumem seus papéis na sociedade, mas se esquecem da característica humana dos jogos tendendo a considerá-los como sina. Não são autores nem criadores; convertem-se naquilo que fazem. Não são senhores da situação, mas são por ela dirigidos. O jogo torna-se para eles ontologia, e é batizado como "verdade" e "realidade". Desta forma, todos devem se comportar segundo as regras deste jogo, que deve se repetir, sendo o futuro mera repetição e readaptação da organização de hoje.

O jogo, que segundo Huizinga <sup>(15)</sup>, é uma categoria primária da vida, não sendo produzido pela cultura, mas criador de cultura, tem como sentido suspender as regras do jogo da realidade e criar, a partir da imaginação e da liberdade, uma ordem sa

---

(15) - Ibid, p. 127.

lutar, diferente. Aqui, como na magia, a imaginação é objetiva da. No jogo, a imaginação denuncia a realidade e revela que, para além da dissolução desta, encontramos não o caos, mas novas possibilidades, criadas pela imaginação e expressivas da liberdade. Alves chama de significado profético o da denúncia que o brincar e a magia realizam, e de ético o significado do mundo que o jogo cria, mais de acordo com as aspirações humanas da alegria, prazer e liberdade. E é neste sentido que ele diz que a intenção da imaginação não é a de descrever o mundo, mas declarar como ele deveria ser, de acordo com os sentimentos, intenções e esperanças humanos, fundamentos de tudo o que o homem faz.

Um terceiro elemento da imaginação é o utópico, ligado à construção do novo.

As utopias são sonhos sociais, como a magia e o jogo. Pelas utopias, o homem, ser criativo, proclama que a " (...) organização social, como forma de repressão e controle, deve ser abolida e o planeta ser transformado no lugar da recuperação humana" (16). Nelas expressa-se o anseio, hoje maior que nunca, que o homem tem por liberdade, entendida no sentido do poder que o homem tem de tomar suas condições materiais de vida e dar-lhes uma forma segundo a sua intenção.

A imaginação, personificada nas utopias, espelha o impossível atualmente vivido. As utopias originam-se de formas específicas da vida social, da visão da dor e da solidariedade nela, originando então grupos sociais com idéias ou vivências que negam as limitações reais existentes, fazendo com que o futuro inverta a lógica do presente. Quando se percebe que não se trata de vencer o jogo, mas de alterar-lhe as regras, nasce a visão utópica. A partir daí, os gemidos vão se tornando fala articulada, e a suspeita original torna-se denúncia aberta. Como a magia

---

(16) - Ibid, p. 111.

o coração começa a "nomear as coisas ausentes" e a "convocar as coisas que ainda não existem como se já existissem" (17). Assim, o homem se liberta do presente imediato e pode tomar o futuro como uma tarefa possível de ser criada segundo as suas intenções. Nasce, então, a liberdade - no presente, agir por amor ao futuro, lançar as suas sementes.

Nas utopias, o pensamento simbólico supera a inércia natural do homem, dando-lhe a capacidade, nova, de arquitetar seu universo humano.

Portanto, a imaginação, resultante das condições de vida objetiva e de suas ausências, e tendo em vista sua superação, denuncia as frustrações e a impotência do homem em realizar, nestas condições, seus mais importantes valores; busca novas condições; proclama que elas existem e que são possíveis; e lança as sementes que permitem que se comece a construção desse mundo novo, no velho.

#### IMAGINAÇÃO, PERSONALIDADE E CULTURA

O homem é o criador da sociedade, das estruturas e das instituições. Empregando as palavras de Rubem Alves, na

" (...) lógica da vida, é a própria vida o único absoluto. Ela é o critério último pelo qual deve ser julgado o que tenha sido criado. Não cabe à sociedade, portanto, definir que forma de vida é sã ou insana. Pelo contrário, é a

---

(17) - Ibid, 120, citando Paul Valéry.

vida quem tem de dizer se a sociedade é sadia ou não" (18).

Este importante elemento de adaptação, de que a vida deve julgar a sociedade, e não o contrário, tende a passar despercebido para nós pelo fato de, ao nascermos, já encontrarmos o mundo criado. Passamos a crer que a sociedade é criadora e o homem criação. Educados para a realidade, passamos a acreditar que a integridade humana é função de nossa capacidade de adaptação ao esquema social. Assim, a vida torna-se função de algo que existe por trás dela, meio para um fim a ela estranho.

Desta forma condicionados, não podemos imaginar a liberdade como existente e nem mesmo as possibilidades de mudanças criativas, estando condenados a repetir os erros das gerações passadas.

Pela imaginação, contudo, o homem afirma ser ele próprio o fim último e o único critério de sanidade. A imaginação define em que consiste a integridade humana, e a define de forma proibida pelas regras de sanidade atualmente em vigor.

Os rituais mágicos, o brinquedo e as utopias não são, pois, acidentes no desenvolvimento do homem, mas consistem em expressões dos mais profundos anseios da alma humana. Numa abordagem não pragmatista, Malinowski, em sua análise da magia, e Huizinga, em seu estudo dos jogos, descobriram nesses fenômenos expressões de algo profundamente primário e universal no homem.

A imaginação proclama que o mundo tem que ser uma expressão dos valores humanos. O homem vive num universo significativo quando existe harmonia entre seus valores e o mundo. Se esta harmonia se encontra ameaçada e o homem sente seus valores sendo destruídos pela realidade, sua personalidade se desintegra.

---

(18) - Ibid, p. 125.

A singularidade da vida humana é justamente se recusar a aceitar a realidade como ela é. O animal duplica o mundo dentro de si, não questiona a realidade mesmo quando sofre. O homem tem uma vida interior e uma vida exterior. Ao mesmo tempo que pode ver o existente, através da imaginação, explora o mundo oculto - do possível e passa a ter a esperança de transformar a realidade segundo a sua intenção.

O homem, sua personalidade, nasce no primeiro ato de negação, quando ele suspeita que o mundo não é o que deveria ser.

A rebeldia é o pressuposto de qualquer ato criativo. É a responsável pela criação da cultura e é também o único mecanismo pelo qual a personalidade se mantém íntegra.

Segundo Rubem Alves, a personalidade consiste numa estrutura de valores, que não são fatos existentes na natureza bruta, mas que são engendrados pela própria vida humana.

" Os valores constituem as mais altas idéias do corpo sobre si mesmo, seu programa de vida, a revelação de sua intenção oculta; transformar o mundo inteiro numa extensão de si próprio (...)  
A personalidade é a imaginação tornada carne<sup>(19)</sup>."

Percebendo que o mundo é inamistoso, que nossos mais caros valores são continuamente negados pela sociedade, o homem constrói universos simbólicos, que lhe permitem levar adiante a sua resistência, manter sua personalidade íntegra e acesa a possibilidade do ato criativo. Estes universos simbólicos se expressam na magia, na religião, no jogo, na arte, nas utopias e nas ideologias.

O sofrimento, então, não é um acidente para a personali

---

(19) - Ibid, p. 130.

dade, mas a sua própria essência. Ele indica nossa ligação com o mundo, nossa presença e nossa rebeldia, sinais de que não fomos domesticados por ele.

Para não acreditarmos que o sofrimento é a palavra final da personalidade e que nossos desejos são absurdos, concluindo que a evolução cometeu um erro terrível ao criar o homem, temos que acreditar num sentido positivo para o sofrimento.

O sofrimento humano existe porque percebe as contradições entre os seus valores e o mundo, faz sentido por ser necessário à criação de novos valores. A personalidade a ele se agarrra por não acreditar em soluções que não envolvam qualquer alteração na realidade.

O homem é livre para abrir mão de pressupostos que uma vez moldaram uma cultura, mas que estão velhos e superados pelo correr do tempo. Ao abandonar tais pressupostos, ele descobre que, para além da morte e da dissolução que implicam a destruição dos antigos valores, o ato criativo é possível mais uma vez. Assim, ele está livre para prosseguir explorando as infinitas possibilidades de sua própria vida. Para tanto, porém, a imaginação é vital; sem ela, o ato criador da cultura é impossível e o homem acaba sendo arrastado à lógica da dor e do prazer, própria dos animais.

O sofrimento, base do ato criativo, motor da imaginação, por si mesmo só pode produzir amargura, ressentimento e a ética da reação, que nada de verdadeiramente novo constroem. Para ser criativo, o sofrimento deve dar à luz a esperança. Esta emerge quando, ainda com a mediação da imaginação, transcende-se o ressentimento, percebendo-se que não basta arrancar os espinhos para transformar um deserto em um jardim - é necessário plantar flores e pomares. É também quando se reinstaura o espírito solitário, de comunidade, quando nascem as utopias.

Sem a esperança, ou nos adaptamos ou enlouquecemos. A esperança se mostra como a suspeita de que a realidade seja muito

mais complexa, e também mais simples, do que o realismo nos quer fazer crer; de que os limites do possível não sejam determinados pelo existente e que a vida vai se fazer valer num " (...) evento criador, ainda não visto, mas que está vindo" (20).

A esperança dá origem à fé. Ainda nas belas palavras de Rubem Alves

" A esperança consiste em ouvir-se a melodia do futuro. A fé, em dançá-la" (21).

Mas, sem se embriagar. Caso contrário, esperança e fé se rão desvirtuadas, transformar-se-ão em ilusão, como veremos mais adiante.

" Sofrimento sem esperança produz ressentimento e desespero. Esperança sem sofrimento cria ilusões, ingenuidade e embriaguez" (22).

---

(20) - Ibid, p. 186.

(21) - Ibid, p. 187.

(22) - Ibid, p. 193.

P A R T E        I I

A CULTURA RACIONALIZADA E A PERDA DO SENTIDO DA EXISTÊNCIA

" Se a ciência marca tão profundamente a vida social contemporânea, sem dúvida não é, antes de tudo, em todo caso de modo direto, por causa das representações que ela nos fornece da realidade, mas porque engendrou um tipo de projeção exterior, sob a forma de um corpo de aparelhagens e de práticas nas quais nossas existências estão presas, à sua revelia, e que determinam, de modo imediato, os modos de vida e, de modo mediato, as representações e os sistemas de valores ".

L A D R I È R E

## CAPÍTULO 1

### A FORMAÇÃO DO SISTEMA CIÊNCIA-TECNOLOGIA

" É o método científico, enquanto especificação altamente refletida e auto-controlada do método racional, que se encontra na dinâmica comum que atravessa tanto o campo propriamente científico, como o campo tecnológico".

" É a técnica que constitui essa mediação concreta, material, entre a ciência e a vida cotidiana, e que representa, assim, como que a face visível do fenômeno ciência".

L A D R I È R E

Vimos nos capítulos anteriores que a cultura tem uma função primordial na forma como o indivíduo vivencia, orienta e dá sentido à sua existência. É também na relação que estabelece com o conjunto de símbolos fornecidos pela cultura que o indivíduo constrói sua identidade e autonomia, conquista seu lugar no mundo e sua possibilidade de auto-realização. Verificamos ainda a importância que a imaginação tem na criação, no desenvolvimento e na transformação da cultura.

Diante disso, e seguindo nossa proposta de análise das relações que existem entre razão, imaginação e cultura, assim como as formas que estas relações assumem na atualidade, pretendemos, nesta altura de nosso trabalho, estudar de que maneira a cultura se racionaliza, como fica a situação da imaginação neste contexto, e que consequências daí advêm para a vida humana.

Para tanto, estudaremos a formação do sistema ciência---tecnologia, a difusão desta mentalidade na sociedade e nas instituições, clarificando seu impacto na cultura e na vida individual.

Começamos por buscar compreender o crescimento e a atual integração da ciência e da tecnologia, que são explicados por condições externas e internas a estas atividades. As condições externas dizem respeito à industrialização, que possibilitou à ciência e à tecnologia adquirirem o modo de evolução que as caracteriza hoje. As condições internas referem-se às características que ciência e tecnologia adquiriram e que também explicam a interação que se estabelece entre elas.

### A INDUSTRIALIZAÇÃO

Historicamente, o desenvolvimento atual da ciência e da

tecnologia está estreitamente ligado à industrialização (1) .

O processo de industrialização resulta da conjugação de fatores econômicos, organizacionais e da possibilidade de aplicação de certo tipo de tecnologia.

O papel da tecnologia no início da industrialização foi limitado. Com o desenvolvimento industrial, a tecnologia teve um desenvolvimento rápido que, por sua vez, estimulou o crescimento da ciência. Inversamente, o desenvolvimento do sistema ciência tecnologia favoreceu o crescimento industrial e a extensão deste tipo de organização a outras esferas de atividades. Assim, na atualidade, há uma ligação estreita entre ciência, tecnologia e indústria.

### CIÊNCIA E TECNOLOGIA

Apesar das semelhanças de organização e de metodologia que há entre ciência e tecnologia, e que veremos mais adiante, existe uma diferença de natureza entre elas. A ciência tem por objetivo o progresso do conhecimento e a tecnologia, a transformação da realidade.

---

(1) - Ladrière define industrialização como " (...) o processo pelo qual as sociedades contemporâneas passam de um tipo de economia essencialmente baseada na agricultura, caracterizada por uma baixa produtividade e por uma taxa de crescimento extremamente frágil, se não nula, a um tipo de economia essencialmente baseada na indústria, caracterizada por uma alta produtividade e por uma taxa de crescimento relativamente elevada", Jean Ladrière, Os Desafios da Racionalidade, p. 95.

Embora ambas utilizem procedimentos análogos, a ciência o faz com vistas à realidade, no sentido de compreender como esta se conserva ou se transforma. Já a tecnologia intervém na realidade no sentido de impedir que certas situações se reproduzam ou procurando fazer surgir situações que não apareceriam espontaneamente. Nesta linha, os procedimentos são opostos - a ciência transforma informações objetivas em novas representações conceituais, enquanto que a tecnologia projeta informações conceituais sobre uma situação concreta que, assim, transforma - se em uma realidade nova.

### A CIÊNCIA

A novidade da ciência é o que a diferencia dos modos puramente interpretativos e especulativos de conhecimento que lhe deram origem, são os seus procedimentos. Através deles, a ciência procura viabilizar o crescimento controlado do saber que produz e, também, possibilitar o aperfeiçoamento dos meios que tornam possível este crescimento.

A principal característica da ciência é a adaptação constante realizada entre um sistema representativo com tendências bastante formalistas e um sistema de ação construído segundo seqüências operatórias submetidas a um rigoroso controle; ou seja, entre a teoria e a experimentação ou a observação controlada. É neste vai e vem que a ciência evolui, no sentido de transformação das teorias quando a experimentação indica esta direção, e, a partir daí, apontando novas necessidades experimentais.

Assim, o conhecimento científico do mundo se amplia, tendo a elaborar sistemas de grau de generalidade cada vez

maior, que possibilitam aumentar os campos de investigação. O desenvolvimento das teorias levanta questões que sugerem novas experiências; os resultados experimentais e as dificuldades que podem surgir na própria teoria levantam novos problemas teóricos. Isso leva a extensões teóricas que se caracterizam por um grau mais elevado de generalidade e por um forte poder de unificação.

A evolução da ciência tende a produzir sistemas cada vez mais complexos e integrados e, além da interação com as ciências formais, as ciências particulares tendem a agir cada vez mais umas sobre as outras, tomando mutuamente por empréstimo esquemas de análise e explicação, ou suscitando problemas que dependem de teorias gerais utilizáveis em vários campos. As diversas interdependências e retroações que se estabelecem entre os sistemas científicos são tais que se pode falar não apenas numa integração crescente no interior desses sistemas, mas no domínio da atividade científica em geral. O processo global de auto-organização se sobrepõe aos processos de auto-organização com sede nos sistemas específicos. Isto sugere que, considerada globalmente, a ciência atual tende a formar um vasto sistema, com subsistemas em interação e evoluindo no sentido de uma maior complexidade, interação e, ao mesmo tempo, de maior autonomia. A conquista desta autonomia significa que a ciência conta cada vez mais com recursos próprios de funcionamento e desenvolvimento, dependendo cada vez menos de circunstâncias exteriores. O desenvolvimento científico torna-se, nas palavras de Ladrière

" (...) cada vez mais consciente, refletido, concertado; (...) (faz-se) à maneira das démarches que ele organiza, cada vez mais racional<sup>(2)</sup>".

---

(2) - Ibid, p. 51.

## A TECNOLOGIA E SUA INTERAÇÃO COM A CIÊNCIA

A vinculação da tecnologia com a ciência fez com que ela adquirisse características específicas e diferentes, quantitativa e qualitativamente, da tecnologia que a precedeu.

Por ser feito em bases essencialmente práticas e criticadas racionalmente pela observação e comparação de meios e efeitos, e pelo fato de seu modo de proceder não ser sistemático, tendo o acaso papel importante, o desenvolvimento tecnológico foi lento em seus princípios.

Atualmente, embora o papel do acaso não tenha desaparecido totalmente e muitas das realizações tecnológicas ainda se baseiem na experiência e na tradição, sem contarem com explicações satisfatórias, a ligação da tecnologia com a ciência torna a atividade tecnológica cada vez mais sistemática e conscientemente controlada, possibilitando-lhe crescimento cada vez mais rápido.

Ciência e tecnologia são hoje atividades socialmente organizadas, baseadas em planos e buscando atingir objetivos de caráter prático e deliberadamente escolhidos.

A interação ciência-tecnologia estabelece-se de duas formas:- a tecnologia utiliza diretamente conhecimentos científicos e toma como recurso o método científico.

### 1)- Utilização direta de conhecimentos científicos

Na realização de uma operação tecnológica eficaz é preciso prever o que acontecerá se o sistema em foco evolui por si mesmo, sem interferências. Além disso, é necessário saber a que tipo de preparação devemos submetê-lo para que evolua na direção desejada. Estes são dados que o conhecimento científico do sistema fornece. Visto que muitas vezes não se dispõe deste conheci

mento, apoia-se na experiência passada e se procede a induções simples. Neste caso, não se compreende verdadeiramente o que é feito e coloca-se problemas ao conhecimento científico, no sentido de explicar o que ocorre. Conseguida esta explicação, adquire-se um domínio maior do processo em questão e pode-se produzir o efeito desejado de modo mais eficaz, efetivo e econômico. Por isso, a tecnologia tende cada vez mais a recorrer ao auxílio que a ciência pode lhe oferecer.

## 2)- Recurso ao Método Científico

Sempre que possível a tecnologia organiza-se, na ordem da ação, segundo o modelo da pesquisa científica na ordem do conhecimento. O essencial do método:- colocação de um problema, formulação de hipóteses, comprovação dessas hipóteses, retorno à situação inicial transformando-a no sentido da solução do problema, e aparecimento eventual de novos problemas, é também empregado pela tecnologia, criando possibilidades objetivas novas.

O desenvolvimento científico amplia consideravelmente o campo da tecnologia. E, assim como acontece com o desenvolvimento científico, a evolução tecnológica se faz por arborescência: cada nova etapa é como um nó, abrindo novos caminhos que conduzem a outros nós, que esboçam novas ramificações, e assim por diante. Mas, diferentemente das estruturas arborescentes, onde as ligações são apenas lineares, podem aqui se estabelecer relações entre nós situados numa mesma linha, ou entre nós pertencendo a níveis diferentes, e esses vínculos podem tomar a forma de ligações retroativas. O grau já elevado de interdependência, entre os componentes da tecnologia moderna, tende a reforçar-se, formando um enorme conjunto de sistemas interligados e interdependentes, o que tende a reforçar mais e mais sua integração e, conseqüentemente, sua autonomia com relação a outros domínios da vida social.

Quanto mais evolui, a tecnologia é capaz de crescer segundo seus próprios recursos, em projetos que elabora a partir e

dentro de sua própria realidade. Isto quer dizer também que este domínio tende cada vez mais a definir seus próprios objetivos , tornando-se mais e mais independente de situações ou necessidades exteriores. Pode-se criar necessidades de caráter tão artificial quanto os próprios sistemas tecnológicos.

O mais impressionante, e o mais perigoso, da evolução e da vinculação da ciência e da tecnologia, é que estes domínios tendem a se organizar no sentido de uma auto-finalização crescente, num complexo relativamente autônomo de sistemas parciais cada vez mais interdependentes, capaz de aumentar seu nível de organização e de integração, por si mesmo.

Lembrando a importância da contribuição da tecnologia à ciência no aperfeiçoamento da prática experimental, Ladrière resalta que a interação recíproca entre a ciência e a tecnologia faz com que o conjunto delas tenda, possivelmente, a constituir

" (...) uma espécie de superdomínio ou superestrutura única, evoluindo no sentido de uma complexidade crescente (isto é, de uma diversificação sempre mais acentuada dos componentes e, ao mesmo tempo, de uma complicação maior das ligações funcionais entre esses componentes) , de uma interligação cada vez mais estreita (sob forma de uma interdependência cada vez maior entre os componentes) e de uma autonomia cada vez mais afirmada (não somente quanto à sua estruturação interna e a seu modo de funcionamento, mas também quanto a seu modo de evolução, caracterizado por uma importância cada vez mais decisiva dos fatores puramente endógenos)" (3).

---

(3) - Ibid, p. 70.

No interior desta superestrutura, Ladrière atribui a influência mais decisiva à ciência, baseando-se no fato de que é pela sua estreita ligação com a ciência, independente de suas próprias forças de crescimento, que a tecnologia moderna evolui tão rapidamente.

Esta dinâmica de evolução tende a engendrar, segundo Ladrière, na linha de Karl Popper,

" (...) uma realidade autônoma, intermediária entre a natureza e a realidade propriamente humana, uma espécie de 'terceiro mundo', (...) um logos realizado cuja estrutura formal é dada nas arquiteturas conceituais da ciência, e cuja figura concreta é dada nas aparelhagens de todos os tipos que constituem, em torno de nós, a rede extremamente densa daquilo que chamamos de o mundo técnico. (...) Solidário do ser humano, pois num certo sentido, é apenas seu produto, torna-se-lhe, em outro sentido, cada vez mais estranho, convertendo-se numa espécie de poder exterior que tenta impor-lhe sua própria lei. Essa lei é seu próprio crescimento. E este não é, em todo caso de modo direto, para o homem, para sua glória, para sua satisfação ou felicidade, mas para o único brilho do logos, para sua própria celebração, para a afirmação incondicionada e perfeitamente impessoal de sua fascinante sabedoria" (4).

O que não significa que este desenvolvimento seja num sentido previsível ou determinado.

---

(4) - Ibid, p. 71.

CAPÍTULO 2

O SISTEMA CIÊNCIA-TECNOLOGIA E A CULTURA

" Hoje em dia, a ciência (...) constitui um fenômeno sócio-cultural de amplitude gigantesca, que domina todo o destino das sociedades modernas e que começa a colocar problemas absolutamente cruciais".

L A D R I È R E

## AS INTERAÇÕES SOCIAIS DO SISTEMA CIÊNCIA-TECNOLOGIA

Vejamos agora como o sistema ciência-tecnologia interage com os sistemas sociais, chegando a interferir na cultura .

Ladrière considera que a sociedade é um grande sistema constituído de três subsistemas principais:- político, econômico e cultural.

O subsistema político refere-se aos sistemas de poder pelos quais uma sociedade assume decisões que a caracterizam como tal e que lhe permitem construir sua história.

A instância econômica é formada pelos meios de produção utilizados por uma sociedade para sua sobrevivência e que fornecem os bens e serviços necessários à existência biológica de seus membros, às suas interrelações e participação na vida social.

Para que as interações que constituem a sociedade tenham bases concretas, ela deve criar equipamentos objetivos (instrumentos, máquinas e instalações utilizados pelas instâncias econômica e política) e também "instrumentos mentais" (a linguagem, os sistemas lógicos e matemáticos e todas as teorias que materializam a aquisição e o progresso dos conhecimentos).

Como vimos, a cultura refere-se aos "instrumentos mentais" de uma sociedade.

Neste sentido, a ciência como sistema de conhecimentos, e a tecnologia como um conjunto de saber-fazer que embasa as atividades econômicas e a comunicação, pertencem ao sistema cultural.

Num outro sentido, como vimos no capítulo precedente, o

sistema ciência-tecnologia pode ser considerado como uma superes-  
trutura autônoma, uma realidade objetiva com vida própria, inde-  
pendente da realidade social que a sustenta. Nesta linha de aná-  
lise, a tecnologia é considerada como parte dos equipamentos ob-  
jetivos (sistema econômico), e não como elemento componente da  
cultura. A partir daí é possível compreender como o sistema ciên-  
cia-tecnologia pode influenciar um sistema cultural e a socieda-  
de como um todo.

Para que isso ocorra, ciência e tecnologia devem ter  
representação social concreta, o que acontece através de grupos  
institucionalizados, organizados para promover a pesquisa cientí-  
fica e tecnológica. É através destes grupos e organizações que  
as interações entre o sistema ciência-tecnologia e as três ins-  
tâncias da vida social vão se estabelecer.

As interações com a instância econômica se fazem no sen-  
tido de que, surgindo uma tecnologia que pode responder a uma  
necessidade latente, iniciativas de ordem econômica aparecem pa-  
ra transformá-la em bem de consumo. Por outro lado, com o de-  
senvolvimento da atividade econômica, esta tende a se racional-  
zar, usando métodos de gestão e organização inspirados no método  
científico. O projeto econômico, deixa então de ser para a manu-  
tenção da produção, inventando produtos e tentando viabilizá-los.  
Assim, levanta questões que são encaminhadas à tecnologia. Esta  
procura respondê-las, contando com o auxílio da ciência, quando  
necessário.

Com relação às interações com a política, a partir da  
Segunda Guerra Mundial, quando ficou clara a importância políti-  
ca do sistema ciência-tecnologia, o Estado passa cada vez mais a  
se responsabilizar pelo seu desenvolvimento, particularmente no  
que se refere às aplicações militares e ao armamento atômico. A  
política tenta, então, garantir os recursos necessários à reali-  
zação das pesquisas, procurando dirigi-las segundo sua concepção  
do desenvolvimento científico. Como a pesquisa não pode ser to-  
talmente planejada e mecanizada, tendo as iniciativas pessoais

ainda grande importância, e como a ciência só pode oferecer o conhecimento que possui, os projetos políticos são assim limitados e, neste sentido, é a ciência que impõe suas determinações à instância política.

### INTERAÇÕES COM A CULTURA

Na cultura, como vimos, há elementos místicos, crenças, sistemas de caráter metafísico, conhecimentos empíricos e pré-científicos, e elementos de natureza ideológica.

Para este sistema de representações, a ciência inicialmente aparece como algo estranho ou esotérico, não tendo influência no conjunto de conhecimentos comuns à maioria da população. Com o desenvolvimento social isso diminui, embora permaneça verdadeiro no que diz respeito ao fato de que o conhecimento científico, em suas formas mais evoluídas, exige formação sólida e prolongada.

Adquirindo a ciência importância para a vida social, os aspectos essenciais do conhecimento científico começam a difundir-se. A educação formal tende a prolongar-se, amplia-se a formação universitária e o acesso ao ensino médio. O modelo tradicional de ensino com base nas humanidades clássicas tende mais e mais a ser substituído por uma formação de base científica. No ensino superior, esta tendência alcança os cursos ligados às práticas sociais e humanas.

Os meios de comunicação de massa, particularmente a televisão, divulgam aspectos deste conhecimento, através de cursos sistemáticos ou de programas de vulgarização. Estes, embora for

neçam idéias superficiais, fazem com que o público se familiarize com aspectos da pesquisa científica. A vulgarização também é realizada em jornais e revistas, adquirindo formas e níveis diversos.

A visão científica do mundo invade profundamente o sistema de representações e o transforma. Por via deste sistema, alcança outros sistemas culturais, especialmente os valores. Influencia diretamente os sistemas de saber-fazer, tanto pela formação de técnicos operadores, como pelo uso de instrumentos de utilização simples que são acessíveis ao público.

Com a ligação que existe entre os sistemas da vida social, através deles, efeitos indiretos do sistema ciência- tecnologia atingem o domínio cultural. Os valores regulam as atividades políticas e econômicas, mas também dependem delas, chegando a refletir, na prática, exigências daí provenientes. As vinculações do sistema ciência- tecnologia com as instituições políticas e econômicas trazem como resultado perturbações nas normas e nos valores.

Estas interações afetam muito a existência real, transformando os esquemas materiais nos quais ela se apoia, as comunicações, a estrutura do tempo, as instituições, o trabalho e o lazer, as relações sociais.

Como vimos no Capítulo I, o valor existencial de uma cultura depende de sua capacidade integradora.

A partir da industrialização, a cultura tem que considerar o sistema ciência- tecnologia. Como isso não pode ser feito de forma integradora, perturbações graves são introduzidas na cultura. Diretamente, as perturbações se dão ao nível das representações e, indiretamente, pela influência do meio artificial criado pela tecnologia e pelo crescente controle do projeto técnico-científico sobre as mentalidades.

As representações científicas atingem todas as pessoas

de uma cultura, ocasionando nelas uma oposição entre as representações científicas, de fundo intelectualista, e as tradicionais, baseadas em crenças e experiências de senso comum.

Isso ocorre principalmente devido ao espírito crítico e ao desenvolvimento sistemático que conferem ao sistema ciência tecnologia uma autoridade que é difícil ignorar ou contestar . Além disso, o enorme desenvolvimento da ciência lhe confere grandes vantagens sobre outras formas de saber.

Assim, a ciência questiona as outras formas de saber e isso repercute em todos os setores da cultura, particularmente , nos valores. O sistema cognitivo dissocia-se dos outros sistemas e se introduz na cultura um dualismo, até mesmo uma pluralidade, e sua capacidade integradora fica fortemente comprometida.

Além desta, outras consequências indiretas se fazem sentir:

a)- O ambiente criado pela tecnologia

Como a tecnologia faz parte de um sistema de produção que aumenta constantemente a quantidade de bens produzidos, uma série imensa de objetos e produtos artificiais são colocados no meio ambiente, distanciando o homem da natureza e de si mesmo .

A qualidade do novo ambiente da vida é especialmente - significativa. Com o progresso tecnológico

" (...) o universo dos instrumentos torna-se um universo animado, capaz de funcionar por si mesmo, reforçando incessantemente a interdependência de seus elementos, substituindo cada vez mais o mundo vivo pelo espetáculo de um mundo encantado onde os objetos se deslocam sozinhos, onde as mensagens circulam com a velocidade da luz, onde olhos luminosos não cessam de regis

trar dia e noite dados relativos a operações que se processam sem intervenção humana, onde se acumulam os resultados de cálculos gigantescos, onde laboratórios sem pessoal exploram o espaço, onde técnicos de avental branco manipulam massas enormes apenas apoiando os botões de um teclado, e onde mesmo as atividades caseiras são realizadas por robôs programados" (1).

Ao mesmo tempo em que estes instrumentos ampliam a capacidade de ação do homem, colocam para ele uma realidade que de termina cada vez mais o seu esquema de vida.

Os significados humanos se construíram e se mantiveram tendo como base os seres vivos. Com sua substituição pelos autômatos, as analogias antigas são transtornadas e os significados tradicionais esvaziados de sua significação. O autômato só pode ser revestido de funções simbólicas através de artifícios. Assim o cenário tecnológico revela-se incapaz de substituir as representações semânticas antigas, visto também que as finalidades para as quais os objetos foram construídos ficam perdidas no tempo, tendendo a ser substituídas pela sua mera utilização.

#### b)- O controle das mentalidades

O projeto interno relativo ao seu próprio crescimento é o que leva ciência e tecnologia à tendência de formar um sistema auto-finalizado.

" (...) Por uma espécie de mecanismo de indução, a dimensão do projeto que habita o complexo científico-técnico tende a apoderar-se da personalidade humana, na medida em que ela participa, ativa ou passivamente, no desenvolvimento desse projeto e a modelá-la segundo

---

(1) - Jean Ladrière, Os Desafios da Racionalidade, p.108.

uma nova estrutura de temporalidade" (2).

As determinações fundamentais de uma cultura formam a base para a estruturação do tempo. Um esquema de temporalidade é uma abstração que não possui ação em si mesma. O estado cognitivo e os valores ligados a ele é que determinam o esquema de temporalidade.

Assim, uma perturbação do esquema de temporalidade produzido pelo projeto técnico-científico é transferida à cultura, destruindo as coerências sobre as quais ela se estabelecia. Isto se faz pela possibilidade de previsão que o método científico - propicia e pela representação antecipada do efeito desejado, característica da tecnologia. O principal do projeto é a antecipação e o crescimento auto-organizado. Nesta linha, o futuro surge em nova ótica: diferentemente das culturas antigas, onde o futuro estava fora do nosso controle, ou constituía simples repetição de regularidades já observadas no passado, ele passa a ser o local onde a ação é chamada a acontecer. Somos obrigados a aceitar o mundo como ele nos aparece, ou seja, como um conjunto de tarefas que podemos organizar de acordo com planos. Estamos diante de uma realidade inacabada que devemos transformar. O presente é lançado para além, ligando-se ao futuro apenas para prepará-lo. O futuro é previsível, calculável. Neste esquema de tempo, os diferentes momentos são contínuos e ligados pela antecipação projetante. O passado fica desvalorizado, visto como algo que foi ultrapassado e como mero conjunto de experiências, úteis às vezes para inspirarem o levantamento das novas tarefas e dos meios necessários à sua execução.

Independente dos tempos passados ou futuros, a ação torna-se totalmente responsável por si mesma, remetendo-se apenas às suas próprias realizações.

---

(2) - Ibid, p. 110.

O "DESENRAIZAMENTO"

Ciência e tecnologia questionam, teórica e praticamente, a autoridade e as garantias da tradição. As formas usuais de linguagem perdem a sua eficácia. Cada vez mais dúvidas são colocadas sobre as normas recebidas, as crenças e os valores são crescentemente relativizados. Assim, os alicerces construídos pela existência humana são profundamente abalados. Rompe-se a harmonia que o homem conseguiu estabelecer entre si, o mundo, o passado e sua vida interior.

" (...) Começa, então, um modo de existência em que cada um encontra-se ao mesmo tempo em toda parte e em parte alguma, em que tudo parece, ao menos potencialmente, poder ser apreendido pelo conhecimento e transformado pela ação, mas em que mais nada tem sabor, significação concreta, repercussão no vivido, porque foi rompida a comunicação com o mundo do sentido. É o tempo do 'desencantamento' de que falava Max Weber. O domínio do mundo faz cessar a ação das forças que mantinham o homem como que fora de si, aprisionavam-no numa espécie de existência segunda, agora julgada irreal. Todavia, o que ela faz advir, com a destruição dos grandes símbolos e de todos os 'mundos pré-dados' (arrière-mondes), são uma profunda desilusão e a nostalgia, consciente ou inconsciente, daquilo que foi perdido e que em vão tentamos re encontrar nessas formas nobres ou irrisórias de evasão que são a pesquisa etnológica, a exploração do passado, a preocupação com a 'vida selvagem', ou, então, o êxodo periódico para aquilo que hoje serve de substituto

às grandes celebrações da vida cósmica" (3) .

---

(3) - Ibid, p. 116.

CAPÍTULO 3A FORMALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA: AS ILUSÕES E A VIDA ÉTICA

"O indivíduo outrora concebia a razão como um instrumento do eu, exclusivamente. Hoje, ele experimenta o reverso dessa auto-deificação. A máquina expeliu o maquinista; está correndo cegamente no espaço (...) O tema desse tempo é a autopreservação, embora não exista mais um eu a ser preservado".

MAX HORKHEIMER

"Acerca do último estágio desse desenvolvimento cultural pode-se, na verdade, dizer:

'Especialistas sem espírito,  
sensualistas sem coração'.

Esta nulidade imagina haver atingido um nível de civilização nunca antes alcançado".

MAX WEBER

A mudança mais profunda ocasionada pela sociedade racional é em nossa imagem da Humanidade, particularmente naquela do Homem das grandes cidades. Estas parecem " (...) compor-se de milhões de indivíduos desconectados, cada qual competindo isoladamente, e, no entanto, sendo arrastado pelo caudal de todos os outros" (1). Tal imagem, que substitui a antiga visão da Humanidade, formada de grupos locais, com língua, religião e costumes próprios, parece-me bastante adequada para exprimir a atomização da sociedade, que tende a fragmentar-se em suas unidades fundamentais, os indivíduos que a compõem.

As massas humanas, reunidas e acionadas por forças externas, incontroláveis e incompreensíveis do ponto de vista individual, formam hoje a realidade social.

É à atual estrutura da racionalidade, entendida como o espírito da razão científica que penetra todos os setores da vida social, que se deve atribuir o declínio do indivíduo e a formação das massas. Como vimos, o sistema ciência-tecnologia, entrando em interação com os outros sistemas sociais, tem efeitos determinantes na cultura, abalando as tradições, eliminando as possibilidades de simbolização que dão ancoragem à existência, modificando a estrutura do tempo, levando o modo de vida puramente racional a se aproximar cada vez mais e a determinar em grande medida a vida individual.

Interessa-nos, nesta altura de nosso trabalho, procurar explicitar, em linhas gerais, como a vida individual é suprimida, como é vivenciada, e que repercussões essa repressão tem no pensamento, na ação e na vida ética dos indivíduos.

---

(1) - Susanne K. Langer, Ensaio Filosófico, p. 102.

RACIONALIDADE E INSTITUIÇÕES: A ORGANIZAÇÃO BUROCRÁTICA

" (...) A burocracia, ou organização burocrática - definida como um sistema social racional, ou seja, como um sistema social administrado segundo critérios de eficiência, em que são definidos objetivos precisos a serem atingidos e se escolhem os meios mais adequados, mais eficientes, para atingir aqueles objetivos - transforma-se na forma histórica de agrupamento social de nosso século" (2).

A hipertrofia da razão dentro das instituições traz uma série de consequências: o abstrativismo das atividades e da ordem hierárquica como exigência da organização, a colocação de grande grau de impessoalidade como ideal a ser alcançado e a imposição de formas cada vez menos personalizadas de relacionamento humano. Neste modelo de organização formal, os papéis são preenchidos impessoalmente e quanto mais para ele se caminha, mais a burocratização e a dominação se ampliam.

As disfunções burocráticas nem sempre são de responsabilidade ideológica, sendo muitas vezes consequentes da forma de sua aplicação. Mesmo assim, a burocracia não se reduz a elementos meramente formais. Sua ação tem um componente de dominação que a estrutura como forma de poder. Colocada a serviço das forças de dominação, com a valorização das organizações no mundo moderno, a burocracia leva à alienação do indivíduo, no sentido de sua impotência para decisão e ação próprias.

---

(2) - Tarcísio Moura, Mercado das Cordialidades, p. 48.

" (...) Nestes termos, a burocracia deve ser tomada como uma técnica do empobrecimento humano. A idolatria das normas, a dedicação profissional, levam a certas práticas pouco humanizantes, como: conformismo, não competitividade, irresponsabilidade moral, idiotismo da profissão, sentimento de inutilidade vital, etc. Consagram a operação e nadificam o operante. Sobretudo o burocrata subordinado torna-se, nas palavras de Erich Fromm, 'fraco, indefeso e desconfiado de si mesmo e de suas próprias possibilidades' (3).

No exercício da burocracia, a racionalização contém elementos de irracionalidade, desde que os interesses pelo poder se sobreponham aos interesses de eficiência administrativa.

A impossibilidade de uma perfeita adequação dos interesses do poder com a revolução técnico-científica provoca um vazio que transforma a burocracia em força alienante.

" A burocracia age antieticamente: de um lado responde à sociedade de massa e convida à participação de todos, de outro, com sua hierarquia, monocracia, formalismo e opressão afirma a alienação de todos, torna-se jesuítica (secreta), defende-se pelo sigilo administrativo, pela coação econômica, pela repressão política" (4).

Para o necessário equilíbrio burocrático diante das forças desintegradoras, deve-se realizar um relacionamento dialético entre razão e operação. Primeiramente, a razão fornece os critérios à organização da ação, originando um processo que é

---

(3) - Ibid, p. 56 e 57.

(4) - Ibid, p. 58, citando Maurício Tragtenberg.

ponto de partida para a eficiência. Realizada a operação, a razão deve se distanciar dela no sentido de avaliá-la e reorganizar o processo. É sob essa base que a organização pode ser compatível com ideais humanos.

No entanto, na prática a razão se operacionaliza, torna-se razão técnica e deixa de tomar distância em relação à operação para poder avaliá-la. A razão se aliena e se torna incapaz de agir por si própria. A ação identifica-se com seu resultado e é cega perante ele e a ideologia que o utiliza.

Os efeitos da instrumentalização da razão revelam-se na defasagem entre a ação burocrática e os objetivos colocados racionalmente. Moura diferencia a boa da má burocracia em relação aos vazios que aquela preenche e que esta cria. A arte de elaborar vazios práticos tem, segundo ele,

" (...) uma força manipuladora que, com seu poder de intervenção na vida das pessoas, extrapola de muito o seu próprio universo. Se tomarmos consciência das dimensões cada vez mais amplas da burocratização e do poder por ela veiculado, podemos falar de uma burocracia introjetada por todas as pessoas, como processo ao qual elas não podem se furtar simplesmente porque vivem numa sociedade cujo comando se interessa pelo coletivo, e não pelo individual" (5).

Das consequências da instrumentalização do poder pela burocracia que Moura coloca, ressaltamos:

---

(5) - Ibid, p. 61 e 62.

a)- Regulação das Autonomias

O gigantismo burocrático prejudica seu poder de assimilação.

Seu domínio atinge todas as dimensões humanas. A conformidade dirigida elimina a participação pessoal do indivíduo, sua criatividade é substituída pela capacidade de adaptação e ele se torna mero receptor de decisões e ator de ações realizadas e decididas por outrem. A autonomia dá lugar à heteronomia. A formalidade e a impessoalidade dominam as relações humanas, que se tornam relações de produção. A uniformidade passa a caracterizar a sociedade.

b)- Dissolução das Utopias

As exigências de objetividade, características da racionalidade moderna, levam à destruição do pensamento utópico.

O princípio da realidade objetiva, na preocupação do controle e da produção em termos de critérios quantitativos, não dá lugar para o negativo, para formas de pensar diferentes das do status quo.

" O realismo burocrático suprime o devir em favor do ser e retira daquele toda a eficácia de sua dialética antecipadora. A esperança se esgota no que é equacionado em termos organizacionais. A função do amanhã é considerada - apenas em vista do que já se projetou e o que se projeta é pura função da eficácia do hoje<sup>(6)</sup>.

---

(6) - Ibid, p. 68.

c)- Mercantilização dos Valores

O dinheiro é o único símbolo que pode significar os processos interligados de produção, de racionalidade, de dominação e de burocracia; ele é o único símbolo que permite somar e diminuir valores, não tendo nenhum valor oposto. Torna-se o símbolo mais eficaz para veicular as trocas burocráticas porque concretiza a impessoalidade.

Tudo, então, passa a ser objeto de venda, até os valores humanos mais fundamentais. Assim, as atividades cotidianas são programadas segundo interesses mercantilistas, tornando-se artificiais as relações humanas. As operações e ações são realizadas automaticamente, desvinculadas de suas funções originais e destituídas de qualquer sentido. Existe o símbolo, não o simbolizado.

A SUPRESSÃO DA INDIVIDUALIDADE

Tomamos a definição que Horkheimer dá de indivíduo, como entidade histórica, referindo-se o termo à

" (...) existência sensível e espaço-temporal de um membro particular da espécie humana, mas, além disso tudo, a compreensão da sua própria individualidade como um ser humano consciente, inclusive o reconhecimento de sua identidade<sup>(7)</sup>."

(7) - Max Horkheimer, Eclipse da Razão, p. 139.

A percepção da identidade do eu está ligada a condições históricas, sociais e de desenvolvimento do ser humano. Constrói-se à medida que o indivíduo, entrando em interação com o mundo e com a cultura, tem experiências de várias ordens e, simbolizando-as, é capaz de compreendê-las e integrá-las como fazendo parte de si e de sua existência. Esta simbolização é realizada pela linguagem, pelo pensamento, pela imaginação e por outras formas de expressão (a corporal ou artística, por exemplo), tendo como base os sentimentos que tal experiência evoca. Os sentimentos evocados estão diretamente ligados às necessidades humanas subjacentes à situação e ao momento em que a experiência se realiza.

Para que a simbolização ocorra de forma harmoniosa e integrada, tornando-se consciente e possibilitando o desenvolvimento da identidade pessoal, e não de forma desintegradora, devem existir algumas condições que as possibilitem. Fazem parte destas condições: tempo e espaço disponíveis, outros indivíduos que possam partilhar com a pessoa em questão esta experiência, certa flexibilidade e disponibilidade, no meio ambiente objetivo e/ou subjetivo de recursos que permitam a expressão dos sentimentos e da experiência interior. Isto, por sua vez, exige um mínimo de espontaneidade e informalidade, tanto a nível interno como externo.

Ora, o que estamos assistindo na civilização moderna é uma supressão crescente dessas condições de informalidade. A racionalidade, no seu uso planejado, com fins utilitaristas e imediatistas, rouba-nos impiedosamente o tempo e o espaço para a ação espontânea, que busca a experiência que satisfaça verdadeiramente as nossas necessidades, e a sua expressão.

Apesar de materialmente falando, parecermos ter melhores condições de vida e de auto-realização que nossos antepassados, a sociedade racional nos impõe um ritmo e um esquema de vida que nos rouba de nós mesmos. As determinações do sistema econômico e industrial, possibilitadas pelo progresso científico, e as inseguranças que ele traz, obrigam os indivíduos a optarem

pelo sistema de adaptação, da mera sobrevivência. Movidos pela necessidade de sobrevivência, os indivíduos idolatram o trabalho, a pesquisa e a invenção, a eles sacrificando a alegria, o amor e o prazer, elementos importantes na sua vida e realização pessoal.

Com as mudanças sociais, as mudanças na estrutura e dinâmica familiares, racionalizadas, heterogovernadas e fendidas, desde a primeira infância o ser humano integra associações, equipes e instituições, ficando sua especificidade totalmente reprimida ou absorvida. A esperança de auto-realização do indivíduo é obrigatoriamente substituída pela necessidade de imitação com valor de sobrevivência.

" Através da repetição e imitação das circunstâncias que o rodeiam, da adaptação a todos os grupos a que eventualmente pertença, da transformação de si mesmo de ser humano em membro das organizações, do sacrifício de suas potencialidades em proveito da capacidade de adaptar-se e conquistar influência em tais organizações, ele consegue sobreviver. A sua sobrevivência se cumpre pelo mais antigo dos meios biológicos de sobrevivência, isto é, o mimetismo" (8).

A formalização da experiência, transformada em corrida racional e desmedida de um futuro melhor, onde a vida possa ser plenamente vivida, de um futuro que nunca chega, artificializa e deturpa as necessidades e as relações humanas, capitaliza a vida.

---

(8) - Ibid, p. 152.

A VIVÊNCIA DA INDIVIDUALIDADE REPRIMIDA

São inúmeros os ônus que a capitalização da vida traz, tanto para o indivíduo como para a sociedade.

Assumir o mimetismo e a casca de uma vida realizada e feliz, embora possa disfarçar os conflitos e problemas interiores que o indivíduo experimenta, definitivamente não os elimina. A falta de oportunidade de entrar em contato profundo e verdadeiro com os outros e consigo mesmo, suas necessidades e sentimentos reais, a falta de canais de expressão da experiência como um todo, fazem com que o indivíduo vivencie, intimamente, um sentimento de extrema solidão e de incerteza. A eficiência exterior contrasta com a dura insegurança e impotência que ele experimenta em sua vida afetiva quando está só. Sentimentos duros e doídos, que ele procura evitar e no que é firmemente auxiliado pela produção industrial, que também aí e nos momentos mais íntimos se faz presente, convidando o indivíduo a se ocupar em mais uma atividade heteroprogramada e ilusória. Um filme na TV, uma revista, um programa, uma excursão, uma festa, uma roupa, um carro, um aparelho novo. Ou esporte. Ou drogas. Ou soníferos. Para que os sonhos não lhe tirem o sono. Para que os sonhos não venham mostrar o absurdo do cotidiano, sem gosto e sem esperanças.

O cansaço da energia cerebral gasta em excesso e da repressão da energia afetiva. O acúmulo de frustrações, mágoas, ressentimentos, desesperança. O buraco enorme da solidão. A humanidade perdida, a superficialidade instalada, o sorriso ensaiado, a lágrima contida, a confusão. Sentimentos que se revelam sob forma de tensão, ansiedade, agressividade velada ou explícita, violência. E as defesas, mais amplas, em maior número, mascarando os problemas reais, tornando-os longínquos, de difícil percepção e de difícil acesso.

Embora a aparência possa até ser de luxo, bem-estar, al

guma parte do corpo esconde o drama. E as consultas a médicos , psicoterapeutas e outros especialistas aumentam, para quem pode. A busca de caminhos alternativos (espiritismo, curandeirismo , etc.) também, para os que podem e, principalmente, para os que não podem. Eventualmente, isso ajuda, mas muitas vezes representa o começo de uma maratona sem fim, que aumenta os sentimentos de insegurança, dependência e impotência.

Abandonar-se, deixar o barco correr, desresponsabilizar se.

### O PENSAMENTO, A AÇÃO E A VIDA ÉTICA

Acostumado a atuar sob comando, segundo finalidades essencialmente práticas e servindo a interesses externos, o pensamento é expurgado de qualquer conteúdo afetivo ou imaginativo , sendo estes considerados fora de moda, piegas, ridículos. Assim, quando estes conteúdos forçam passagem para o pensamento, induzem à confusão e são rapidamente racionalizados ou simplesmente repelidos. Ligados apenas às ações, que se tornam rotineiras, ambos, pensamento e ação, se tornam sem sentido. As ações, automáticas, sem criatividade, tornam-se sem graça e são feitas sem muita vontade. Se a ordem é sobreviver e se adequar segundo os modelos impostos, e se é impossível superá-los, o pensamento e a imaginação passam a ser usados no sentido de buscar satisfações imediatas, transferir responsabilidades e promover justificção para as formas pouco éticas e satisfatórias da vida que se leva. Se a vida do indivíduo, no sentido da sobrevivência, é regulada de fora, a responsabilidade, principalmente pelos erros e descertos, pelas frustrações, não é dele. Assim, a responsabilidade pela mudança também não lhe pertence. E todos os desvios éticos

que ele realiza para poder sobreviver, também não são de sua responsabilidade. A desresponsabilização e o descompromisso driblam a culpa e destroem a resistência individual.

### AS ILUSÕES

" As ilusões são reificações de nossos impulsos para o prazer. Os desejos transformam - se em coisas. O homem transforma o seu querer em realidade, desejando que a própria realidade desapareça no nada" (9).

Para compreendermos bem este problema, é fundamental perceber que imaginação e ilusão são elementos opostos e conflitantes, pois enquanto que a imaginação se refere à realidade que verdadeiramente se deseja, as ilusões querem preservar uma realidade falsamente satisfatória, a que aí está. Devemos compreender as ilusões pela forma como elas atuam, e não pelo que elas dizem.

Os elementos do imaginário, como vimos, afastam-nos do real e a ele nos trazem de volta, tornando o homem, seu meio ambiente, externos, estranhos, e por isso, tornando-nos críticos diante desta realidade. Ligam-nos aos nossos sonhos e aspirações, apontando caminhos possíveis para a transformação da realidade.

---

(9) - Rubem Alves, A Geração do Futuro, p. 142.

Para uma vida equilibrada, harmoniosa, o homem tem necessidade do sonho, do imaginário. Mas de um imaginário são, autêntico, de qualidade. Assim, quando a imaginação não é alimentada de maneira sólida, ela se perverte, procurando compensações e substituições lamentáveis, degradantes. A imaginação vira ilusão e sua potencialidade criativa de mudar positivamente a realidade é anulada.

Mas, de que forma e por que o homem cria ilusões?

Vimos que o sofrimento é a essência da personalidade , da individualidade - ele indica que estamos em contato com o mundo e que não fomos domados por ele. Juntamente com a imaginação, ele aponta para as condições de vida insatisfatórias que a realidade nos fornece.

A personalidade ama bastante a vida, pois foi criada por ela. O sofrimento é um sinal de que realidade e vida encontram-se em oposição. A personalidade, então, precisa recriar o mundo a partir de suas aspirações. A realidade presente cria o sofrimento, frustra as razões do coração. Então, para a personalidade, a verdadeira realidade não existe, agora é apenas uma possibilidade que pode e deve ser criada.

" A personalidade cruza o presente como se atravessasse uma pseudo-realidade que precisa ser abolida se a alegria quiser entrar no mundo" (10).

As ilusões não são necessariamente distúrbios mentais, mas sintomas de situações sociais concretas, indicações de que o homem está vivendo num mundo onde a criatividade foi tornada impossível, representando simbolicamente sua luta para resolver esta situação.

---

(10) - Ibid, p. 139.

A existência das ilusões aponta para as condições sociais que dela necessitam. Mesmo quando parecem totalmente desconectadas da realidade, muitas vezes elas têm suas raízes nas condições sociais e existenciais objetivas. São sintomas concretos que a vida enfrenta para poder continuar. Qual é, então, a doença dos nossos tempos?

Nas páginas anteriores vimos as origens e alguns dos sintomas desta doença, a que demos o nome de formalização da experiência. Fruto da racionalidade, que se estende do sistema ciência-tecnologia e passa a gerir com grau cada vez maior de abrangência as instituições e as experiências humanas, ela abala a cultura e a vida dos indivíduos, que, desprovidos da expressão a nível social e individual, acabam não tendo condições de se conhecerem, de se assumirem e ao seu mundo, no sentido de promoverem uma vida mais significativa e mais feliz. Isso lhes rouba a própria humanidade. Este, o sofrimento maior, soma-se aos profundos sofrimentos que a vida cotidiana, exigente, difícil, desumana, acarreta. E à impotência em transformá-la. E à desesperança de que o poder possa modificar algo deste estado de coisas. Numa situação destas, a tensão se aguça. A personalidade fica dividida entre os seus desejos e a realidade. O sofrimento é intenso.

Como construir uma realidade bonita se nossos olhos e ouvidos nos mostram sem cessar as injustiças deste mundo? Resistir é desistir de nossas mais queridas esperanças pessoais - nossa casa, nosso lugar, nosso espaço e nosso tempo. A resistência envolve dor, sofrimento, constância e adiamento do prazer. A ilusão nasce desta descoberta ou, mais simplesmente, quando nos deixamos levar pelas satisfações ilusórias que a sociedade nos oferece hoje. Por causa das satisfações imediatas e da fuga ao sofrimento, o homem desiste de suas aspirações. "Torna-se" feliz. O sofrimento desaparece. O homem torna-se insensível.

" As ilusões são assim construídas a partir de uma estranha aritmética: elas acrescentam, subtraindo. O que elas nos fornecem, em termos de realização de desejos, vem daquilo que roubam

em termos de consciência. Quanto maior a consciência, maior a dor. E segue-se logicamente, que menor a consciência, maior o prazer. Como afirma a sabedoria popular, 'o que os olhos não vêem, o coração não sente' (11).

Nosso ponto básico de referência sobre a vida humana passa a ser fornecido pelo mundo da organização. Organização, disciplina e rotina nos tornam entorpecidos e incapazes de sentir, com medo de sentir. Nosso corpo transforma-se numa das funções da organização.

E vivemos de múltiplas ilusões: na embriaguez das auto satisfações; na esperança de que, com nosso sacrifício, "subiremos" na vida, conquistaremos coisas e realizações que nos trarão a felicidade; "fechando" os olhos para o sofrimento e achando que tudo está bem, realizado; que podemos e devemos ser felizes, individualmente falando; que devemos esquecer os sonhos, e "amadurecer".

Sob a falsa alegria que estas ilusões possibilitam, oculta-se a desesperança. O homem desacredita de si como criador e redefine-se como alguém ligado fundamentalmente à experiência imediata.

E corre o risco de retornar à experiência da dor e do prazer, própria dos animais.

A resistência não é um sintoma de enfermidade, mas o meio pelo qual a consciência se mantém íntegra.

A insanidade das ilusões se origina da insanidade da so ciedade e do poder. As prescrições das ilusões devem ser rejeitadas, e a doença social que a produz deve ser curada. O homem deve ser desiludido, não para se tornar realista, mas para acabar com a realidade que torna necessárias as ilusões.

É preciso que a imaginação traga de volta os sonhos e

---

(11) - Ibid, p. 145.

a esperança.

A visão do sonho

" liberta o homem das forças materiais que criam a compulsão do comportamento de fuga, dizendo um 'não' definitivo para qualquer solução de sofrimento que implique em sucessivas deslocções e recolocções dentro da geografia da dor e do prazer" (12).

Apaixonado por seu sonho, a missão do homem é a de construir um mundo novo. Assumindo seu projeto criativo, o homem "mostra-se capaz de conquistar o sofrimento" (13). A esperança produz a resistência: eu tenho esperança - eu desejo - eu posso - eu quero - eu vou, a fórmula da criatividade.

Desta forma, a " (...) dor física e o prazer perdem a sua finalidade: são vencidos, e o homem descobre a sua liberdade no ato de fazer nascer uma nova Terra" (14).

Os profetas, revolucionários e mártires, os poetas e os artistas, e mesmo o povo comum mostram-nos, muitas vezes, que ainda existem algumas forças de resistência dentro do homem.

" (...) Contra o pessimismo social, há evidências de que, apesar do contínuo assédio dos padrões coletivos, o espírito da humanidade - ainda está vivo, senão no indivíduo enquanto membro de grupos sociais, pelo menos no indivíduo quando está só " (15).

---

(12) - Ibid, p. 120.

(13) - Ibid.

(14) - Ibid, p. 121.

(15) - Max Horkheimer, op. cit., p. 152.

Também olhos mais esperançosos podem ainda ver

" (...) nas nossas sociedades, um respeito pe-  
los fracos, pelas crianças, pelos velhos, uma  
prestabilidade simples, uma cordialidade espon-  
tânea, uma compaixão pela desgraça, um senti-  
mento inato da vida e dos seus segredos, um  
apego ao trabalho bem feito, uma capacidade de  
crer (nem que seja através de práticas um pou-  
co supersticiosas), uma nobreza de sentimen-  
tos, uma presença da alegria, que vêm de uma  
outra idade, que não se compreendem muito bem  
no meio do barulho e da brutalidade das cida-  
des modernas, na atmosfera abstrata dos escri-  
tórios e das grandes lojas, no vazio das ruas  
super-povoadas, na unidade brilhante dos espe-  
táculos de cinema ou de televisão" (16).

E que provam que o homem ainda existe, e que a vida, em-  
bora dura e sofrida, continua (está ao nosso alcance, em nossas  
mãos).

---

(16) - Jean Ladrière, Vida Social e Destinação, p. 262.

P A R T E            I I I

CONHECIMENTO        E        CULTURA

" A imagem do mundo desmoronou. Sentimo-nos arrastados, numa violenta transição, de um mundo que não podemos salvar, para outro que não podemos ver; e a maioria das pessoas tem medo.

Sob muitos aspectos, a história nos aparece como uma - maldição: a felicidade encontra-se atrás, aquém da emergência dos impérios, da racionalidade, da 'transformação da natureza' e de todo esse tumulto que constitui a vida das grandes coletividades. Mas não é possível voltarmos atrás...

Não podemos voltar atrás a não ser em sonho. A história caminha para a frente, não para trás. A História é o caminho da liberdade.

É a existência que a si mesma se integra no esforço pelo qual, na ação, ela se constrói".

CAPÍTULO 1

A FORMALIZAÇÃO DA RAZÃO

A razão científica só deve ser " (...) apreendida como um componente de uma razão mais ampla, que deve dar uma interpretação global da condição humana e da história, e fornecer à ação política as finalidades a longo prazo de valor ético de que o próprio desenvolvimento científico deve receber seu sentido e sua orientação".

LADRIÈRE

Conforme vimos verificando no correr deste estudo, a imaginação é um elemento importante e imprescindível no processo dialético homem - mundo. Suas contribuições, a nível cultural, erigem-se nos universos simbólicos que dão sentido e ancoragem à existência humana, nascendo do existente, mas com vistas ao inexistente e desejável pelos mais profundos anseios humanos.

Vimos também que a imaginação, dadas certas condições - objetivas de uma realidade humana, pode ser desvirtuada e transformada em ilusão. Que estas condições aparecem de forma extrema na realidade do mundo técnico, científico e industrial, onde a capacidade da cultura de dar ancoragem à existência humana é fortemente comprometida.

De que forma esta situação interfere mais diretamente na elaboração do conhecimento, parte do universo cultural?

As condições de vida, profundamente modificadas e em contínua transformação, são apenas uma das coisas que mantêm a ansiedade e as angústias do homem. "Existe uma fonte mais profunda de ansiedade, abaixo do nível das expectativas práticas e mesmo do pensamento explícito: a crescente impropriedade das palavras-chave, e especialmente de certas palavras-chave, que sempre funcionaram em nosso discurso moral e político para expressar - com exatidão o que queremos dizer em tal discurso hoje" (1). Nossos poderes conceituais com relação ao mundo novo estão frustrados, impedindo-nos de raciocinar com clareza a seu respeito. Falta-nos fundamentos teóricos que dêem base às nossas colocações a respeito de interesse genuínos e urgentes do homem. A vida real e as conquistas científicas excederam nossa capacidade de imaginação e somos incapazes de representar o universo e de pensar o futuro.

---

(1) - Susanne K. Langer, Ensaíes Filosóficos, p. 150.

Espaço e tempo transformaram-se. A Ciência realiza - se num campo próprio, incorporando-se gradativamente ao pensamento popular e afetando-o, de forma que nossos símbolos éticos mais importantes vão perdendo sua força.

" As velhas metáforas perderam sua pertinência, os velhos modelos são quebrados, e a Humanidade - especialmente a parte mais sensível e pensativa dela em toda parte - perdeu a orientação mental e a certeza moral " (2).

Esse colapso intelectual tem violentas repercussões na Filosofia e nas Ciências Sociais e Humanas. A maior prova disso é a tendência dos pensadores atuais de desvirtuarem a idéia de razão ou de desesperarem dela.

Verifiquemos melhor como isso tem ocorrido.

### RAZÃO OBJETIVA E RAZÃO SUBJETIVA

A ciência moderna nasceu num meio cultural já partidário da idéia de racionalidade, mas apoiava-se nas bases filosóficas fornecidas ao Ocidente pela cultura grega.

A concepção de razão elaborada pelo pensamento grego referia-se a um saber especulativo regulado pelo critério da verdade, que era entendida como a correspondência entre a represen-

---

(2) - Ibid, p. 154.

tação, do modo como se expressa no discurso, e a realidade. Este saber pertence à ordem da visão e sua articulação pode ser muito complexa, resultando em uma conceituação que nos permite ver o mundo de uma forma adequada. Esta apreensão justa constitui a principal finalidade do saber e, de certo modo, da própria vida. O conhecimento verdadeiro leva à compreensão da realidade como ela é, em seus princípios, em sua origem e, assim, no que há de mais essencial em tudo o que existe. "Ver o mundo na dimensão dos princípios é vê-lo em sua eclosão, em seu jorrar, em sua eterna juventude (...)" (3).

A filosofia clássica oferece também espaço para a razão prática, mas coloca como fundamental a razão especulativa, vendo mesmo nela a razão de ser e a finalidade da razão prática.

" Se certos problemas são colocados na ordem da ação, é porque o homem é complexo, especialmente porque há nele uma dualidade, até mesmo uma oposição, entre sensibilidade e intelecto. Em definitivo, porém, é na atualização dos poderes do intelecto que o homem encontra sua harmonia acabada. A virtude da ação é a de tornar possível essa harmonia, assegurando todas as condições que devem permitir ao pensamento especulativo desabrochar todos os seus recursos. A contemplação da verdade proporciona a mais alta alegria: é ao mesmo tempo visão e fruição. É a 'teoria' que dá acesso à vida bem-aventurada" (4).

Esta idéia de razão, também conhecida como razão objetiva, considera que a razão existe na mente individual, mas também no mundo objetivo: nas relações humanas e sociais, nas instituições

(3) - Jean Ladrière, Os Desafios da Racionalidade, p. 9.

(4) - Ibid, p. 9 e 10.

ções e na natureza e suas manifestações. A razão é um princípio inerente da realidade e os filósofos que assim a viam preten diam desenvolver um sistema ou hierarquia de todos os seres, in cluindo o homem e seus fins. O grau de racionalidade de uma vida humana podia ser determinado segundo a sua harmonização com essa totalidade. Havia uma racionalidade universal, da qual se deriva vam os critérios de medida de todos os seres e coisas. A ênfase era colocada mais no fim do que nos meios, e eram fundamentais os conceitos universais, como os de bem supremo, a questão do destino humano e a forma de realização dos fins essenciais.

Esta visão de razão permitia, através da compreensão e determinação dos fins últimos, uma crítica da realidade tal como aparecia no mundo sensível.

Mas, originalmente, a razão estava muito impregnada de conceitos religiosos. Teologia e Filosofia eram uma mesma coisa: os fins últimos e a superação da realidade existente, ligavam-se a idéias de Deus e de transcendência.

Os filósofos racionalistas do Iluminismo tentaram eman cipar a razão da religião. Proclamavam que a razão, por si mesma e independente das verdades propostas pela religião, poderia alcançar a compreensão da realidade absoluta. Quando a filosofia começou a se libertar da religião, sua intenção não era abolir a verdade absoluta, mas dotá-la de novo fundamento.

Com sua separação em ramos distintos da cultura, o con flito original entre religião e filosofia foi aparentemente eli minado e, com isso, os seus conteúdos foram profundamente afeta dos.

" (...) Os filósofos do Iluminismo atacaram a re ligião em nome da razão; e afinal o que eles mataram não foi a Igreja, mas a Metafísica e o próprio conceito de razão objetiva, a fonte de poder de todos os seus esforços. A razão como órgão destinado a perceber a verdadeira nature

za da realidade e determinar os princípios que guiam a nossa vida começou a ser considerada - como obsoleta. Especulação é sinônimo de metafísica, e metafísica é sinônimo de mitologia e superstição. Podemos dizer que a história da razão ou do humanismo, desde os seus primórdios na Grécia até os dias atuais, conduziu a um estado de coisas em que até mesmo a palavra razão é suspeita de conotar alguma entidade mitológica. A razão se liquidou a si mesma como agente de compreensão ética, moral e religiosa (...) (5).

Este enfraquecimento da idéia de razão objetiva, aliado aos progressos que então se verificavam na Física e na Matemática, propiciaram ocasião para um redimensionamento da Filosofia, em Descartes. Este, buscando restaurar o prestígio da Filosofia, propõe a ela seguir um método mais rigoroso, mais de acordo com aqueles utilizados nas ciências em ascensão.

Transferida a preocupação central da Filosofia dos universais para o método, a razão passa gradativamente a ser considerada como razão subjetiva. A razão, em seu sentido de logos ou ratio, sempre esteve presente historicamente, relacionada com a faculdade de pensar. A ênfase no método de conhecimento privilegia a razão subjetiva, a capacidade de ação racional do homem, que lhe permite calcular probabilidades de modo a coordenar os meios corretos para atingir determinados fins, sem que estes sejam profundamente questionados. Assim, a visão moderna de razão relaciona-se à adequação de procedimentos a propósitos tidos mais ou menos como certos e que se presumem auto-explicativos. Para a razão subjetiva, não existe um propósito racional como tal, e discutir a superioridade de um objetivo sobre outro em termos racionais não tem sentido.

---

(5) - Max Horkheimer, Eclipse da Razão, p. 25 e 26.

" Esta (...) é o instrumento de todas as ações na sociedade, mas não deve tentar estabelecer os padrões de vida individual ou social, que se supõem ser estabelecidos por outras forças. Tanto em discussões laicas como no debate científico, a razão vem sendo comumente considerada uma faculdade intelectual de coordenação, cuja eficiência pode ser aumentada pelo uso metódico e pela remoção de quaisquer fatores não intelectuais, tais como as emoções conscientes ou inconscientes. A razão jamais dirigiu a realidade social, mas hoje está tão completamente expurgada de quaisquer tendências ou preferências que renunciou, por fim, até mesmo à tarefa de julgar as ações e o modo de vida do homem. Entregou-os a sanção suprema dos interesses em conflito aos quais nosso mundo parece estar realmente abandonado " (6).

Assim, a transformação da razão em razão subjetiva ocasiona a instrumentalização da razão: a razão é manipulável, anula-se a diferença entre pensamento e ação; a razão é alienada, tornando-se pura, científica, neutra, irracional. A razão ajusta-se ao status quo, perdendo sua potencialidade de negação e ultrapassagem da realidade estabelecida.

Em termos de vida social e humana, esta visão de razão propiciou seu uso em nome de muitos interesses e condições estranhos àqueles que se pretende ao considerar ideais universais, tidos como desejáveis à natureza e ao bem estar do homem.

Em termos de conhecimento, corroborou o desenvolvimento científico característico da civilização moderna, considerado por muito tempo e em diversos lugares, como o único e o mais perfeito modelo possível de conhecimento.

No entanto, a esperança de que o conhecimento científico

---

(6) - Ibid, p. 17.

co pudesse finalmente concretizar o sonho de libertação do homem das forças cegas ou irracionais, opõe-se radicalmente à realidade em que vivemos.

" Assistimos às coisas mais monstruosas. Nosso século viu o confessado restabelecimento da tortura. Vimos coisas que permanecem em nossos corações para sempre, como uma ferida. Sobre nós, o sofrimento das crianças e inocentes permanece como uma maldição à qual não podemos escapar. E fomos de tal modo abalados em nossas mais seguras certezas que (...) acabamos por pensar a história em termos de destino. Uma força cega e muda nos governa. Cremos que as decisões dos responsáveis têm realmente um significado. Mas secretamente nos perguntamos se as vontades humanas têm realmente um poder, se não somos todos marionetes nas mãos de um 'Kakos daimon', de um Deus maldoso. Mas do que nunca é verdade que vivemos 'uma história contada por um idiota, cheia de barulho e furor'<sup>(7)</sup>."

#### CIÊNCIA E FILOSOFIA

As características internas e o caráter inusitado de alguns resultados e aplicações da Ciência conjugam-se e a opinião pública tende a ter do homem de ciência a imagem " (...) de

---

(7) - Jean Ladrière, Vida Social e Destinação, p.29.

uma espécie de demiurgo, dotado de poderes quase sobrenaturais , (...) mas também correndo o risco, a todo momento, de ver-se submergido pelos poderes mágicos que ele desencadeou" (8). A própria disseminação do uso de aparelhos, construídos segundo tecnologia avançada, de suporte científico, faz com que estes objetos se tornem, ao mesmo tempo, familiares e estranhos: sabemos utilizá-los e o fazemos, sem no entanto compreender nada ou conhecendo muito pouco de seus princípios de construção e funcionamento. Isto faz com que a atitude em relação à ciência seja bastante ambivalente: por um lado, existe uma confiança ingênua nas potencialidades da ciência, que tendemos a superestimar e, por outro, um sentimento de distância, misto de temor, de desconfiança e de frustração experimentados com relação à sua estranheza.

A partir da Segunda Guerra, principalmente, quando se tornou patente que o uso da ciência pode ocorrer num sentido indesejado e funesto para a humanidade, esta ambivalência crescceu e a percepção dos limites da ciência foi se tornando mais aguda. O conhecimento científico e suas aplicações têm elevado as ameaças à vida de indivíduos e à sobrevivência da espécie.

Tais limites externos fazem com que os cientistas e a opinião pública tomem consciência da responsabilidade ética da atividade científica. A seguir, vem a percepção de que o problema extrapola o âmbito dos cientistas e das suas instituições , sendo uma questão da condução da pesquisa, ou seja, do caráter político do problema. E este problema se complica, quando da constatação de consequências ou subprodutos negativos das aplicações científicas; às definições relativas ao desenvolvimento da Ciência, acrescenta-se a questão da luta contra os danos.

Esta consciência, acrescida daquela de problemas que o quadro cultural, sócio-econômico e individual revela, radicaliza se a ponto de levar a uma rejeição da ciência. O movimento anti

---

(8) - Jean Ladrière, Os Desafios da Racionalidade, p. 190.

ciência alinha-se e se soma aos demais movimentos sociais contestatórios.

O que sustenta o movimento anticiência é o questionamento das bases do racionalismo moderno. Este questionamento desemboca nos limites internos da ciência enquanto processo de conhecimento.

A abordagem da realidade e, particularmente, da realidade humana, que a abordagem científica possibilita, implica em certa redução desta realidade, no sentido de uma esquematização, que versa apenas sobre o que é pertinente ao tipo de interpretação adotado. Isto se justifica do ponto de vista científico, mas pode conduzir a erros e abusos por deixar de considerar aspectos significativos desta realidade do ponto de vista de uma compreensão mais ampla da realidade e dos interesses humanos.

Estes limites internos da ciência agem, contudo, de modo indireto. Desde que as práticas do sistema ciência - tecnologia são feitas de acordo com princípios próprios internos, os critérios de sua evolução e avaliação acabam substituindo os critérios mais gerais que poderiam considerar o conjunto dos fatores do ponto de vista da harmonia existencial. Assim, o desenvolvimento do sistema ciência - tecnologia é tentado a tomar-se como seu próprio fim e desconsiderar quaisquer outras medidas que não as exigências de sua própria dinâmica, ilimitadas em si mesmas. Inevitavelmente, então, a ciência chega a esbarrar com as limitações externas. Embora estas sejam contingentes, alertam para o fato de que os problemas relativos à Ciência devem ser repensados com seriedade e de forma mais ampla, sendo que os limites internos da ciência não lhe permitem a abordagem abrangente que parece necessária.

" (...) Os limites externos são como que a ocasião permitindo apreender o alcance dos limites internos; em sentido inverso, porém, são os limites internos que fazem ver a significa-

ção dos limites externos como um apelo a uma interpretação mais ampla e adequada" (9).

Surge daí a consciência, não da necessidade do abandono da razão nem do da ciência, mas de uma reavaliação da racionalidade. A eficácia da ciência conduziu à mera identificação da racionalidade científica com a essência da razão. Isto é, como diz Ladrière, "uma restrição abusiva da idéia de razão" (10). É uma idéia empobrecedora, desumanizante, co-responsável por algumas das dificuldades que temos tido ao enfrentar muitos dos problemas com que nos defrontamos no cotidiano.

O que é urgente é a compreensão dos limites da ciência, situando seu modo de proceder e as práticas que nela se inspiram, numa idéia geral de razão. E, à luz do que a Ciência nos possibilita receber quanto ao uso de um tipo particular e eficaz de razão, buscar compreender o que significa essa idéia geral de razão, o que pode ser uma razão alargada. Trata-se

" (...) de descobrir como um ponto de vista racional é possível sobre a totalidade, como tal ponto de vista pode articular-se em arquiteturas inteligíveis, como o rigor crítico pode prevalecer nesses confins onde se trata de situar os próprios limites e de pensar as condições englobantes, os horizontes constituintes, em suma, o mundo e a existência enquanto tais, ou ainda os componentes últimos do referencial relativamente ao qual deveriam poder medir-se todo conhecimento, toda ação, toda a finalidade e todo valor " (11).

---

(9) - Ibid, p. 198.

(10)- Ibid.

(11)- Ibid, p. 198 e 199.

Com a formalização da razão, o antagonismo destrutivo entre o ser humano e a natureza atingiu o seu ápice. O ser humano foi reduzido à condição repressiva que analisamos anteriormente. Suas demais funções, expressas em ideais e conceitos gerais, foram desacreditadas. A Filosofia, cuja tarefa é tentar a conciliação homem-natureza

" (...) Chegou a negar ou a esquecer a própria existência do antagonismo. O que é chamado de filosofia, juntamente com os outros ramos da cultura, transpôs superficialmente o abismo e contribuiu assim para aumentar os riscos atuais " (12).

Mas acreditar na filosofia é acreditar na capacidade de pensar e não ter receio das forças que ameaçam decepá-la. Assim, é da mais alta importância saber o que tem ocorrido com a capacidade de pensar do homem, com a filosofia, e com a ciência. Contamos hoje com recursos materiais que tornam possível uma compreensão entre indivíduos, grupos e nações. Faltam homens que compreendam que as vítimas e os algozes da opressão somos nós mesmos. Urge a compreensão de que tudo depende da manifestação autêntica da autonomia humana; a denúncia do seu empobrecimento e a luta para garanti-la.

A doença dos nossos tempos aí está, escancarada, e são limitados nossos poderes para superá-la. Muitas das ideologias e práticas tidas como revolucionárias podem ser ilusórias e ajudar a agravá-la. As teorias, mesmo radicais e contestadoras, tornam-se repressoras quando se transformam em dogmas. Mesmo a Filosofia, em sua tendência à eficácia popular e em seu caráter pedagógico, corre o risco de sucumbir como tal.

---

(12) - Max Horkheimer, op. cit., p. 173.

Que pode, então, a filosofia fazer para continuar digna de si mesma?

O problema da razão subjetiva é que ela engendra uma atitude de acomodação à alienação sujeito-objeto, ao processo social vigente. De outro lado, os atuais sistemas de razão objetiva tentam evitar a submissão da existência humana às contingências e ao mero acaso. A razão subjetiva tende ao materialismo vulgar, enquanto que a razão objetiva pende para o romantismo e corre o risco " (...) de ficar para trás em relação aos progressos industriais e científicos, de defender significados que se revelam ilusórios, de criar ideologias racionárias" (13).

Para salvaguardar-nos desses riscos, temos que acreditar que os

" (...) dois conceitos de razão não representam duas vias separadas e independentes da mente... A tarefa da filosofia não é jogar teimosamente um contra o outro, mas promover a crítica recíproca dos dois conceitos, e assim, se possível, preparar na esfera intelectual a conciliação dos dois na realidade " (14).

A crítica hoje deve enfatizar a razão subjetiva pelo fato de ela estar mais generalizada. Mas o dualismo razão subjetiva e razão objetiva é somente aparência, assim como o dualismo absoluto do espírito e da natureza. Os dois conceitos estão interrelacionados, de modo que as consequências de cada um deles dissolvem o outro e também reconduzem ao outro. A falsidade consiste tanto na afirmação da essência de cada um deles, como na afirmação separada de um em oposição ao outro.

---

(13) - Ibid, p. 185.

(14) - Ibid.

A doença que afeta a razão deve ser entendida como inseparável da natureza da razão dentro da civilização e não de um abalo ocorrido num determinado momento histórico; ela está no fato de que a razão nasceu do impulso do homem para dominar a natureza, e a cura depende da compreensão interna da doença original e não da recuperação dos seus sintomas subsequentes. Desde suas origens, a razão humana tem sido frustrada em sua intenção de descobrir a verdade, pelo fato mesmo de ter transformado a natureza em um mero objeto.

" A subjugação de natureza se converterá em subjugação do homem, e vice-versa, se este não compreender a sua própria razão e os processos básicos pelos quais criou e manteve o antagonismo que está a ponto de destruí-lo " (15) .

A autocrítica da razão é possível, considerando-se que o antagonismo entre razão e natureza atingiu um nível absurdo e catastrófico, e que, apesar da completa alienação, a idéia de verdade ainda é acessível.

A própria situação social e humana que hoje vemos criou os pré-requisitos da emancipação da razão. Com o desenvolvimento histórico, as idéias amadurecem e lutam contra os sistemas sociais que as incomodam. Muito da causa disso está no fato de o espírito, a linguagem e os domínios da mente sempre colocaram em jogo aspirações universais. A colocação destas aspirações dão origem à contradição entre o ideológico e o existente, que estimula a consciência e o progresso histórico. Estes valores e idéias são inseparáveis das palavras e de outras formas que os expressam, a nível de cultura.

A " (...) inverdade não reside simplesmente na essência de cada um dos dois conceitos, mas na afirmação separada de um em oposição ao outro. Tal fenômeno resulta da contradição básica da condição humana. Por um lado, a necessi

---

(15) - Ibid, p. 188.

dade social de controlar a natureza condicionou sempre a estrutura e as formas de pensamento humano e concedeu assim primazia à razão subjetiva. Por outro lado, a sociedade não podia reprimir completamente a idéia de algo que transcende a subjetividade do interesse por si mesmo, idéia à qual o ego não podia deixar de aspirar. Até mesmo a reconstrução formal e dissociadora dos dois princípios em separado, repousa num elemento de necessidade e verdade histórica. Através de sua autocrítica, a razão deve reconhecer as limitações dos dois conceitos opostos de razão; deve analisar o desenvolvimento da divisão entre os dois, perpetuada como tal por todas as doutrinas que tendem a triunfar ideologicamente sobre a antinomia filosófica em um mundo antinômico" (16).

A separação e a inter-relação entre os dois conceitos devem ser compreendidas. A idéia de auto-preservação e a idéia que pode salvar a razão objetiva da loucura. Isto quer dizer que, aplicada à realidade concreta, " (...) só uma definição das finalidades objetivas da sociedade, incluindo-se o propósito de auto-preservação do sujeito e o respeito pela vida individual, merece ser chamada de (razão) objetiva" (17). A formulação dos sistemas de razão objetiva inspira-se na compreensão, consciente ou inconsciente, da impotência da razão subjetiva com relação à sua finalidade de auto preservação.

Qual é o lugar e o papel da Filosofia, aí?

Para Horkheimer, não existe uma definição de Filosofia, sua definição consiste naquilo que ela tem para dizer. A Filosofia

---

(16) - Ibid, p. 186.

(17) - Ibid, p. 186 e 187.

fia é o esforço deliberado para ligar todo o nosso conhecimento, penetrando numa linguagem onde as coisas são chamadas pelos seus nomes certos. Estes nomes não se encontram em palavras e sentenças isoladas, mas na tentativa teórica continuada de desenvolver a verdade filosófica. Aí, os conceitos particulares devem ser tomados como partes de uma verdade total onde encontram seu significado. A construção da verdade a partir desses elementos é a principal função da filosofia.

Mas não existe fórmula para o trabalho filosófico. A diretriz consiste na descrição adequada que revela o significado desses conceitos, clareando-os e relacionando-os com outros conceitos, tendo em vista idéias mais universais. Tal complexidade é evitada hoje, permanecendo-se na ilusão de que as idéias básicas serão clarificadas pelo desenvolvimento das ciências físicas e da tecnologia.

A utilização da lógica justifica-se nas ciências naturais, onde a prática é o principal objetivo, e, assim, trabalha-se com os conceitos como "átomos intelectuais" (18), que são reunidos para formar proposições, que por sua vez são relacionados, formando sistemas. A filosofia também utiliza princípios da lógica, mas consegue transcender o esquematismo com que eles são empregados, através de

" (...) atos de cognição em que a estrutura lógica coincide com os traços essenciais do objeto. A lógica, segundo a filosofia, é tanto a lógica do objeto quanto a lógica do sujeito; é uma teoria abrangente das categorias básicas e das relações entre a sociedade, a natureza e a história " (19).

---

(18) - Ibid, p. 179.

(19) - Ibid, p. 179 e 180.

A verdade filosófica, a adequação entre nome e coisa, possibilita ao pensamento opor-se e, quem sabe, superar os efeitos da razão formalizada.

" A filosofia é uma textura de idéias. Não é, como a ciência, um corpo de proposições gerais que expressam fatos descobertos, nem um conjunto de 'verdades morais' apreendidas por algum meio que não o da descoberta fatural. A filosofia é um levantamento das idéias em cujos termos se exprimem fatos ou leis, crenças, máximas e hipóteses - é, em suma, o estudo da estrutura conceitual em que são feitas todas as nossas proposições, verdadeiras ou falsas. Lida fundamentalmente com significados - com o sentido do que dizemos " (20).

A radical mudança verificada no cenário da existência humana nas sociedades modernas exige e realiza uma mudança nos conceitos que utilizamos prática e intelectualmente. Juntamente com a perda de significação moral de nossos sentidos essenciais, quase todos os termos usados na teoria social tornaram-se confusos pelo fato de não mais se aplicarem às coisas que antes se aplicavam e a mudança de aplicações ter-lhes abalado o sentido .

" Assim como espaço e tempo mudaram de feição e abalaram nossos mais elementares pontos de apoio no mundo físico, a linguagem alterou seus significados sem o sabermos e confundiu o nosso discurso literal, teórico. Ao nosso pensamento moral e político falta qualquer espécie de estrutura conceitual própria. (...) A terminologia hoje usada na chamada 'ciência social' é conscientemente artificial, mas os con

---

(20) - Susanne K. Langer, Sentimento e Forma, p. 3.

ceitos são ainda os do senso comum, generalizados, mas não abstratos: vale dizer, são ainda pré-científicos.

Desde que os assuntos políticos, a moral apartada de doutrinas de igrejas, e as questões sociais não têm um lastro de pensamento formal, coerente, a que possamos recorrer quando os problemas se compliquem, a 'ciência social' não pode ser guia para a ação racional. Onde não há teoria não existe ciência-política, ou qualquer outra" (21).

Justamente quando precisamos de conceitos vigorosos para fazer frente à conturbada situação social do momento, falha nos a capacidade conceptiva. São muitas as palavras velhas que usamos com aplicações novas, e seus significados literais não se encaixam de modo a saber do que estamos falando.

Por isso, mais do que nunca, a Filosofia é necessária . Enfrentando todos os obstáculos, ela deve caminhar para tornar a linguagem adequada, possibilitar o pensamento literal e fazê-lo de novo eficaz. Esta tarefa é ainda mais urgente onde a teoria é mais fraca, e os conceitos mais confusos. Uma nova moralidade - precisa ser construída, adequada a um novo mundo. Isso só pode ser feito analisando-se e até se " (...) redefinindo os óbvios aspectos éticos da vida, mas a própria natureza da vida, a vida individual, mentalidade, sociedade e muitos outros. Somente de tão longa e livre reflexão podem surgir os conceitos abstratos , que tornarão o pensamento social tão vivo quanto a ciência física, e tão vigoroso quanto ela. Somente por via de trabalho assim infatigável podemos ter esperanças de engendrar 'ciências sociais'.

---

(21)- Susanne K. Langer, Ensaios Filosóficos, p. 159.

(...) É a impropriedade dos nossos conceitos que acabou por levar o pensamento ético e político a decompor-se em ideologias desabusadas. O único antídoto da ideologia é ideação ativa, resoluto e confiante - eis a tarefa do filósofo" (22).

---

(22) - Ibid, p. 160.

CAPÍTULO 2

A RAZÃO ALARGADA

" Talvez, como diz Hegel, seja preciso a paciência e o sofrimento do negativo para que o logos se revele melhor a si mesmo. Talvez o sentido nasça somente na aparente destruição do sentido. Talvez a positividade esteja envolvida de negatividade e intimamente a ela misturada " .

LADRIÈRE

A imaginação, uma das maiores e mais antigas funções humanas, tem para nós uma força maior do que os próprios estímulos externos. O que realmente está acontecendo num determinado momento para um ser humano é apenas uma porção da realidade, sendo a maior parte, o que ele imagina em associação com os estímulos que recebe no momento.

" A imaginação constitui o seu mundo. O que não quer dizer que seu mundo seja uma fantasia, sua vida um sonho, nem qualquer coisa assim, poética e pseudo-filosófica. Isso significa que seu 'mundo' é maior do que os estímulos que o cercam; e a medida deste, o alcance de sua imaginação, coerente e equilibrada " (1) .

O "mundo" animal existe de forma fragmentada, intermitente; surge e desaparece junto às suas atividades. Por ser uma realidade momentânea, que faz parte de sua própria atividade, pelo fato de passado e futuro, eventos e estados, não fazerem parte de sua percepção, o ambiente animal não é realmente um mundo. O mundo é humano, no sentido de que é coerente, com os eventos ajustando-se uns aos outros, num pano de fundo de espaço e tempo.

A diferença consiste em que o cérebro humano tende a usar as impressões sensoriais que lhe chegam não apenas como estímulos, mas como material para a imaginação. Assim, produz

" (...) imagens, noções, ficções de toda espécie, que servem como símbolos de idéias. O resultado é que vivemos numa teia de idéias, uma trama de nossa própria fabricação com que agarramos as contribuições da realidade exte

---

(1) - Susanne K. Langer, Ensaio Filosófico, p. 132.

rior, vistas, sons, odores e assim por dian  
te. As percepções reais vêm e vão... mas os  
símbolos podem ser encontrados ou produzidos  
à vontade, e podem ser manipulados com grande  
liberdade; por meio deles, suplementamos nos  
sas sensações fragmentárias e erigimos em tor  
no de cada núcleo perceptivo uma estrutura de  
idéias" (2).

Através do mundo, desenvolve-se a realidade, a "teia  
dos fatos" , como a chama S. Langer. A estrutura da realidade  
contém a avaliação dos nossos sentimentos, mas não é perceptível  
de forma sensória. Ela é algo intelectual, apenas perceptível -  
através de símbolos. E é intelectual não no sentido de uma capa  
cidade intelectual especial, mas em termos da intelectualidade -  
comum própria aos seres humanos.

As relações que se estabelecem entre os eventos perce  
bidos são abstratas e se expressam em símbolos. Assim, no inte  
rior da experiência humana há sempre a atividade de imaginar a  
realidade, concebendo sua estrutura através da linguagem, imagem  
ou outros símbolos, e assimilando a esta estrutura as percepções  
reais que surgem, ou seja, interpretando-as conforme as idéias  
gerais contidas no senso comum.

Sendo o nosso ambiente um mundo relativamente permanen  
te, temos com relação a ele uma atitude emocional permanente .  
Tal atitude é, para nós, o mais profundo nível de sentimento. Em  
virtude dela, temos uma vida emocional contínua. Esta atitude  
está estreitamente ligada à imaginação; em cada um, alimenta - se  
" (...) de seus vislumbres do mundo, da vida humana e de si pró  
prio dentro dessa moldura: vale dizer, de sua orientação dentro  
da realidade" (3).

---

(2) - Ibid, p. 133.

(3) - Ibid, p. 136.

Esta atitude constitui orientação mental e é o primeiro requisito para uma vida interior equilibrada, visto que é a base de nossa segurança emocional.

A capacidade de pensamento simbólico, estreitamente ligada à imaginação, é responsável pela nossa orientação no mundo, pela unidade da natureza, e também pelas nossas idéias morais mais elevadas.

A racionalidade, com sua tendência a esvaziar cada vez mais os símbolos, substituindo-os por signos, torna nossa vida cada vez mais árdua, tanto intelectual como praticamente.

" A natureza, como o homem sempre a conheceu, ele não mais conhece. Desde que aprendeu a estimar os signos mais que os símbolos, a suprimir suas reações emocionais em favor das reações práticas e a fazer uso da natureza, em vez de considerar tanta coisa dela como sagrada, alterou a face, se não o coração, da realidade " (4).

A perda de velhos símbolos universais coloca em risco nossa orientação no mundo. As realidades da vida humana são outras, novas, com predominância de seus aspectos materiais, incertos, estranhos. Nossa inteligência se ressentida da falta do mito metafísico, dos ritos e das expressões simbólicas.

Característico do homem, a par com sua vida e com a procura da felicidade, seu direito de imaginação é a liberdade pela qual ele luta hoje. Esta se traduz na condição de

---

(4) - Susanne K. Langer, Filosofia em Nova Chave, p. 275.

" (...) continuar nossa vida natural, impulsiva e inteligente, de realizar planos, expressar idéias em ação ou em formulação simbólica, ver, ouvir e interpretar todas as coisas que encontramos, sem medo de confusão, ajustar nossos interesses e expressões uns aos outros (...)"<sup>(5)</sup>.

O malogro da atividade simbólica é a maior violência - que se pode impor à liberdade do ser humano. Sua consequência mais nefasta " (...) é a desorientação, o fracasso ou a destruição dos símbolos da vida e a perda ou repressão de atos votivos" <sup>(6)</sup>.

Nossas funções simbólicas são adaptadas à realidade. O alimento da mente vem do mundo ao nosso redor, e nossos símbolos devem brotar da realidade. A adaptação das funções simbólicas, com a realidade, e a construção de símbolos metafísicos, precisa " (...) de tempo, hábito, tradição e conhecimento íntimo de um modo de vida" <sup>(7)</sup>. Tudo isso nos falta neste momento, e a liberdade de pensamento do homem está ameaçada.

Porém, a aparência de irracionalidade da vida que assistimos, inspira-se na necessidade humana, racional, de busca de visualização e de entendimento. O risco de cairmos na irracionalidade absoluta e absurda é real, mas a fé no homem faz com que não nos desesperemos da razão.

A esperança maior, talvez a nossa última esperança, parece ser mesmo a esperança da razão. Embora, como diz Ladrière, possa ser difícil viver nesta esperança. É que, fora dela, é difícil não ver apenas o caos.

O que é, então, esta razão, nossa esperança?

---

(5) - Ibid, p. 285.

(6) - Ibid, p. 286.

(7) - Ibid, p. 287.

Se a realidade humana é razão, o é não no sentido de uma clareza absoluta, presentificação pura e simples, mas também no sentido de que há uma razão oculta, no inconsciente, no sono, na doença, na instituição e na palavra, e que é a verdadeira raiz do que surge na zona explícita do sentido. O que é essencial é que ela é uma razão produtora. Seu sujeito não é pura atividade, como para o racionalismo ideológico, nem é pura passividade, receptividade, como para o racionalismo empírico. Como consciência, ele dispõe de um sistema de sentidos explícitos , mas está imerso numa zona inconsciente, cujo sentido nem sempre é claro e acessível.

O sujeito é habitado por sentido e produz sentido. Assim, em seu contato com o mundo, produz sentido, e este sentido vai lhe revelando os sentidos ocultos.

Assim, a razão deve ser concebida como uma tarefa infinita, como um horizonte, e não como pura atualidade. Ela é realidade, não como dado presente, mas como exigência, inspiração .

" A vida, segundo a razão, não é apenas explicitação no discurso, é ainda a explicitação da existência humana e das relações inter- humanas segundo normas, isto é, conforme as exigências da própria razão. (...) Por assim dizer, algo se interpõe entre nossos esforços e nossos fins (considerando-se os insucessos de realização da razão, na prática). Mas a própria -negatividade é produtora, há um caminho subterrâneo da razão na história. O que podemos fazer é tentar explicitar este caminho, sempre que possível " (8).

---

(8) - Jean Ladrière, Vida Social e Destinação, p. 37; a consideração entre parênteses é nossa.

O que existe é um horizonte de verdade, como razão epodítica absoluta, e um horizonte de moralidade, como sociedade de reciprocidade absoluta. Na perspectiva deste duplo horizonte que a caracteriza, " (...) a razão é esperança da razão, isto é, a esperança do sentido, a esperança da verdade e da moralidade" (9).

A liberdade do homem é a revelação do sentido, sua busca. A esperança da razão consiste na crença de que tudo está pleno de sentido, e que compete ao homem revelá-lo.

Sabemos hoje a força e os limites da razão. Conhecemos os limites da razão subjetiva e nos dispomos a criticar e a elevar a razão objetiva ao seu verdadeiro status de filosofia, como um componente essencial da razão caracteristicamente humana. Aceitamos a razão como uma tarefa infinita.

Mas, o conhecimento mais importante que hoje possuímos é que nem a razão científica nem a razão filosófica esgotam a capacidade de conhecimento do homem da realidade. Há outras formas simbólicas e importantes, universais, impressas na Cultura. Existe a vida primitiva, não diferenciada, que tudo contém e onde ainda não houve separações conceituais. Aí devemos procurar reencontrar o solo onde nossa tradição foi se realizando. De outro lado, há a experiência espiritual, que consiste na descoberta de si como parte da totalidade e a totalidade como parte de si, no ultrapassar a finitude, a temporalidade, e também a experiência da derelição.

" A filosofia não pode descrever adequadamente a vida do espírito porque é, em si mesma, vida do logos. Mas deve sugeri-la, como seu limite máximo. Assim, também não pode descrever adequ

---

(9) - Ibid, p. 37.

quadamente a vida indiferenciada, mas deve evocá-la como sendo seu limite mínimo" (10) .

Aí o remédio contra a arrogância que nos arruína, que nos separa e nos classifica em mais ou menos inteligentes, mais ou menos capazes, superiores ou inferiores. Aí a esperança de que a existência possa ser retomada, de que a experiência e sua expressão sejam possíveis, de que a vida venha enfim a ser plena mente vivida.

---

(10)- Ibid, p. 41.

## CAPÍTULO 3

A NOVA CULTURA

A crítica que empreendemos com relação à ciência e o levantamento de seus limites não significam que desacreditamos - dela, ou que não lhe damos importância. Nosso objetivo é redimensionar a Ciência como um tipo importante de conhecimento, inserindo-o no contexto mais amplo de razão alargada e no sentido justamente de rever seus problemas e potencialidades. Acreditamos no homem e na sua dimensão intrínseca de criador e conhecedor do mundo. Isso lhe permite recriar o mundo quando este não caminha de acordo com seus anseios.

Na perspectiva de análise que vimos adotando, o conhecimento em geral, e a ciência, em particular, constituem elementos da mais alta importância nesta tarefa de recriação.

Pela organização, pela divisão do trabalho e pela concentração do poder, as sociedades históricas conseguiram diminuir, até certo ponto, o primitivismo das sociedades antigas. Mas à custa de desigualdade e pobreza. Com a industrialização, começou a se vislumbrar a possibilidade nova de uma sociedade de abundância, na qual seria possível cada um ter e ser na medida de suas necessidades e potencialidades, onde " (...) poderiam ser asseguradas as condições de uma verdadeira igualdade, onde

poderiam ser realizadas as bases materiais indispensáveis à reci  
procidade das consciências (...) " (01) .

Não vimos ainda a realização deste sonho, mas o conhe  
cimento é nossa possibilidade de resistência e a ciência um  
 meio importante na procura de sua realização.

A industrialização consiste em uma mediação neste desen  
volvimento; a criação de informações que podem possibilitar um  
 crescimento, ao mesmo tempo quantitativo e qualitativo, tem seu  
 centro no conhecimento. Nestes termos, a ciência tem uma impor  
tância decisiva, mas só pode cumprir seu papel adequadamente no  
 contexto social maior completando-se com as outras formas de  
 conhecimento, para que se possam mobilizar as organizações so  
ciais adequadas a este projeto.

Como vimos, o essencial que uma cultura deve oferecer,  
 são um enraizamento e finalidades. Nas próprias condições de  
 enraizamento é que se encontram as condições do sentido e é a  
 partir delas que as finalidades podem ser julgadas. Ao mesmo tem  
po, é na fixação e na busca das finalidades que o sentido se  
 operacionaliza, porque ele está sempre se construindo, e é na  
ação que ele se prova e se faz. Os verdadeiros fins da ação per  
tencem à ordem ética.

Este enraizamento, função característica da cultura é  
 oposto, por Ladrière, ao sobrevôo, função que ele atribui ao  
 sistema ciência-tecnologia que, embora tenha um sentido em si  
 mesmo, é incapaz, pela sua própria essência, de fornecer uma  
ancoragem à existência humana. Ao contrário, o ideal da ciência  
 e da tecnologia é suprimir todos os pontos de vida que não são  
 abrangidos pelos seus pressupostos. Além disso, seus conhecimen  
tos e finalidades intrínsecos dizem respeito a seu próprio desen

---

(01) - Jean Ladrière, Os Desafios da Racionalidade, p. 199.

volvimento. " (...) A ética (...) vai mais longe, pois traz em si o desejo de uma realização efetiva da liberdade e de uma reconciliação universal devendo poder acolher a particularidade das existências. Só há esforço ético a partir das circunstâncias do enraizamento. A liberdade só pode ser construída assumindo em si a contigência, a opacidade e o peso das vidas singulares" (02)

Como vimos, ciência e tecnologia têm um impacto importante hoje, afetando as culturas em suas determinações mais profundas, propondo novos valores e trazendo "(...) consigo a possibilidade objetiva de um projeto histórico de mais ampla envergadura e da mais alta qualidade ética" (03). Como pode a cultura, então acolhê-las, sem perder sua harmonia interna? Além disso, o que significa a unidade cultural nas circunstâncias modernas, caracterizadas pelo próprio sistema ciência-tecnologia e pelos fenômenos sociais que o acompanham?

É na ação que os sistemas sociais entram em interação e onde as próprias determinações do sistema ciência-tecnologia se fazem sentir no conjunto da vida social. É a ação que estabelece as mediações entre os sistemas e é neste nível que deve ser colocado o problema da integração. Existe uma mediação recíproca entre a dinâmica interna dos sistemas e a dinâmica da ação; a ação se realiza em resposta às exigências dos sistemas em evolução e, inversamente, estas exigências só objetivam-se efetivamente utilizando a ação e sua capacidade criativa de engendrar e de projetar na realidade informações novas.

Mas a ação tem um destino próprio, e não pode ser reduzida a suporte transitório da dinâmica dos sistemas. Este destino se exprime em termos de valores, particularmente, de valores éticos. O valor se expressa em formas mediatas e sempre se anuncia na realização das ações, representando o que ele visa sem

---

(02) - Ibid, p. 203 e 204.

(03) - Ibid, p. 204.

poder, no entanto, dar-se dele um verdadeiro saber em todas as suas iniciativas. " (...) vale dizer, a realização efetiva, na concretude de um 'fazer', daquilo que é enquanto exigência - a coincidência acabada entre sua auto-posição e as condições iminentes que definem sua própria possibilidade conferem-lhe sua energia instauradora e constituem-no como 'apelo de ser'. Contudo, as determinações que compõem o destino da ação e, em especial, os valores, de certa forma podem se desligar dela, projetar-se em sistemas éticos, em representações, em formas simbólicas" (04).

O conjunto destas projeções forma o sistema cultural. Este possui objetividade e relativa autonomia, tornando-se para a ação como que um poder exterior que a solicita, apóia, mas que também, num certo sentido, a determina.

A verdadeira significação dos sistemas sociais deve ser encontrada na ação. Se, de um lado, a ação extrai da cultura o que lhe confere seu enraizamento e suas finalidades, por outro lado, é levada a tirar da ciência e da técnica os conhecimentos e instrumentos eficazes para sua realização.

Para que as contribuições da cultura e da ciência tornem-se compatíveis, é preciso primeiramente que a cultura aceite incluir em si exigências críticas homólogas às que permeiam o espírito científico, mas uma forma de criticismo compatível com sua própria natureza.

Este criticismo não é nem o arbitrário e nem a desconstrução niilista.

" (...) O que a ciência e, em seu sulco, a tecnologia propõem à cultura (...) é, (...) em suma, que duplique suas démarches instauradoras de uma espécie de consciência reflexa que

avaliar seus desafios e seu alcance, que se torne, por isso mesmo, mais atenta à sua própria criatividade e às condições de sua eficácia (relativamente às exigências da ação), que se apreenda a si mesma como processo fundador, movimento de institucionalização, dinamismo auto-organizador, mais do que como reflexo passivo de uma ordem extra-humana, cósmica ou sacral, ou como herança inerte que só valeria em virtude da autoridade de uma tradição" (05) .

Para que haja a compatibilização entre as demandas da ciência e da cultura, é necessário também que a ciência e a tecnologia estejam perfeitamente conscientes de seus próprios limites, tanto externos como internos.

Nestas condições, a Filosofia tem uma importância fundamental " (...) A Filosofia contemporânea é simultaneamente primeira e última: última, porque é a interpretação do esforço filosófico no sentido desta civilização; primeira, porque é o anúncio longínquo de uma outra forma de existência. O que deve acontecer não pode ainda ser dito, mas deve primeiramente ser vivido. E talvez esse mundo se anuncie em primeiro lugar na linguagem não explícita da pintura, da música, da poesia. De qualquer modo, devemos situar-nos antes da palavra e ficar à escuta" (06). E procurar redimensionar, redescobrir os sentidos. Do que sabemos, do que não sabemos, do que precisamos saber. Só assim podemos conservar a esperança de que a razão nos salve e que se salve a si mesma. Só assim poderemos manter acesa a esperança de poder engendrar ciências sociais e humanas, que dêem conta do mundo e dos desafios que se têm colocado ao homem.

Enquanto as coisas se escondem num manto obscuro, onde os problemas se acumulam e onde a esperança se desvanece, precisamos reencontrar a razão para não sermos tragados pela ameaça

---

(05) - Ibid, p. 208.

(06) - Jean Ladrière, Vida Social e Destinação, p. 40 e 41.

da loucura generalizada. Necessitamos retomar a ação, pois o seu destino depende de sua criatividade, assim como o destino da cultura e o de todos nós.

Nesta linha de análise, a cultura deve ser vista de uma forma dinâmica e policêntrica. A cultura pode ser considerada como um sistema no qual a existência e a ação que a substância podem interpretar-se, ou seja, decifrar seu sentido e sua destinação. Mas esta interpretação não funciona da mesma maneira que uma teoria científica. É fonte de clareza existencial sem jamais ser totalmente clara para si mesma; ela propõe uma decifração, mas é também apelo permanente a novo esforço de decifração. Esta exigência interna de clareza constitui a sua virtude: " propondo um sentido, ela indica que este sentido deve, no fundo, sempre ser descoberto" (07). A interpretação é essencialmente prospectiva.

A dinâmica da cultura funciona desta maneira:

" É a necessidade interna de uma perpétua re-equilibração do sentido, o apelo sempre atuante a uma adequação sempre mais exata àquilo que, nas figuras já constituídas, já operava como força positiva de reestruturação e como princípio de decifração " (08).

Desde que a coerência deve ser procurada essencialmente na ação, e não na exterioridade das formas culturais, que a exigência da ação chama os sistemas sociais a se comunicarem uns com os outros e que os componentes da ação e os dos sistemas sociais são independentes uns dos outros, não podemos mais admitir a cultura "(...) como uma forma integradora que imporia à existência um tipo de unidade univocamente definido e objetivamente

---

(07) - Jean Ladrière, Os Desafios da Racionalidade, p. 218.

(08) - Ibid.

comandado por um princípio unificador interno" (09). Esta concepção não estaria de acordo com uma visão dinâmica de cultura .

A cultura é o conjunto das formas sobre as quais a existência se apóia, mas necessariamente a ultrapassa na retomada criadora que dela faz. A cultura que se vislumbra com as interações que se vêm estabelecendo entre ela e os demais sistemas sociais,

" (...) é uma cultura atravessada de múltiplas tensões, sugerindo diversos modos de articulação entre os seus próprios componentes, e também entre ela mesma e os outros sistemas, propondo à ação esquemas variados e flexíveis para sua própria estruturação, compatível com múltiplas formas de equilíbrio, em suma, agindo, não como medium de um princípio unificador, funcionando como o a priori necessário de toda forma cultural particular e, assim, de toda a ação, mas antes como o campo no qual forças diversas são chamadas a se comporem, segundo figuras extremamente mutantes e múltiplas, e em conformidade com indicações que devem vir, em definitivo, da ação mesma e de sua criatividade própria" (10).

Nesta cultura, a unidade é substituída por uma relativa dispersão. O policentrismo cultural, a relativa independência dos componentes e a indeterminação das interações diminuem as coerções e ampliam o campo das iniciativas. O aumento do domínio da ação aumenta também a sua responsabilidade.

---

(09) - Ibid, p. 219.

(10) - Ibid.

" Por um paradoxo apenas aparente, é no momento em que a ação se objetivou em sistemas de imenso poder, capazes de se auto-finalizarem e aparentemente suscetíveis de impor à ação coerções decisivas, perniciosas para sua própria autonomia, que ela vê ampliar-se o domínio de suas iniciativas e de sua responsabilidade. O risco de alienação é real, mas o crescimento das possibilidades criadoras é conforme a medida mesma desse risco " (11).

À Filosofia que, na prática, é também ação, compete assumir a parcela de responsabilidade que lhe cabe neste desafio . Ela deve ir em frente, superando os obstáculos, abrindo caminho pelos falsos conceitos e tradições obscuras que nos confundem os pensamentos e a vida, construindo " (...) o andaime de nossa nova vida, rápida e engenhosamente, e com lineamentos amplos (...) - de jeito que a mente humana possa sempre abranger e dominar o que as mãos humanas alcancem" (12).

---

(11) - Ibid, p. 220.

(12) - Susanne K. Langer, Ensaio Filosófico, p. 161.

I V      P A R T E

A EDUCAÇÃO NA CULTURA FORMALIZADA

" O perigo da escravidão do pensamento não reside no fantástico, mas em qualquer pedagogia que desenvolve (...) atitude de respeito sem exame prévio " .

H E L D

## CAPÍTULO 1

### A EDUCAÇÃO E A FORMALIZAÇÃO DA EXPERIÊNCIA

Chegamos finalmente à educação, que veremos agora em suas relações com a cultura e com o conhecimento.

O conhecimento, parte integrante da cultura, desenvolve-se, complexifica-se e se especializa com o desenvolvimento histórico e social. Surge a educação e sua crescente ampliação e especialização. A educação formal possibilita a organização e sistematização de conhecimentos, que são transmitidos na escola ou em instituições congêneres. Espera-se conseguir com isto, de um lado, a transmissão dos conhecimentos que garantam a perpetuação da cultura, sua sobrevivência, e, de outro, particularmente, considerando níveis mais elevados de escolarização, formar pessoas capazes de transformar e de produzir conhecimentos. Claro está que, na educação, esta relação transmissão - produção de conhecimentos e sua utilização com vistas à manutenção ou transformação da realidade está estreitamente ligada às questões sociais mais amplas e ao momento histórico que se vivencia.

De qualquer forma, na educação, estas duas possibilidades estão presentes, e a educação formal é um elemento importante na transmissão e transformação da própria cultura.

Diante da situação atual da cultura e do conhecimento , que analisamos anteriormente, as próprias relações cultura-conhecimento-escola tornam-se problemáticas e devem ser revistas no sentido de uma clarificação que possibilite alguma lucidez com vistas aos problemas humanos e sociais que vimos assistindo e ao lugar e à função da educação em relação a eles.

Parece-me, em princípio, que as ligações cultura - educação, com vistas ao conhecimento, devem ser de complementariedade. Ou assim seriam, até há pouco tempo. A cultura está presente e a nós se manifesta desde que existimos. Independente da escola, ela aí está, com suas formas, instituições, linguagem, valores, modos de vida, de relação. A educação é um de seus aspectos. Até há não muito tempo atrás, a tarefa de transmissão de cultura, a tarefa de socialização, era dividida entre vários agentes. A vida mesma estava saturada de cultura e muito dela era transmitido informalmente, através de relações que se estabeleciam entre pessoas e destas com variadas instituições. A formação da pessoa humana, embora já fosse discutida sua importância na educação formal, era realizada mais fora da escola, nas experiências sociais de várias ordens a que nos expúnhamos , ficando mais para a escola a tarefa de transmissão de conhecimentos específicos e a formação em níveis profissionais. Neste sentido, havia essa relação de complementariedade e, por mais que fizéssemos críticas à cultura e à educação, suas funções e complementariedades eram efetuadas num nível pelo menos razoável. Os valores e sentidos eram introjetados, a transmissão de conhecimentos e a formação profissional eram realizadas. Existiam problemas e problematizações, mas as coisas funcionavam com um mínimo de eficiência.

Com o desenvolvimento técnico - científico, a industrialização e o abalo das tradições culturais, mudanças extraordinárias passaram a ocorrer na dinâmica cultural e educacional . Os problemas foram se tornando mais complexos e agudos, de modo que temos hoje uma escola que se debate em meio a múltiplas tensões, buscando redescobrir sua identidade e caminhos para cumprir com eficiência sua função educativa.

Vejo, hoje em dia, uma separação e ao mesmo tempo uma confusão entre os papéis cultural e educacional, que fazem com que a relação entre estes dois termos atinja características de uma cisão efetiva que invalida a ambas. Hoje, a cultura não culturaliza e a educação não educa adequadamente. Além disso, a cultura tende a assumir papéis educativos e a educação a assumir papéis culturais. Esta mistura aumenta a falta de identidade e a confusão generalizada de ambas. Os papéis se complicam. É assim que efetivamente deve ser? O que ganham e o que perdem cultura e educação se assim as considerarmos? Seus papéis sociais assim assumidos significam que conseqüências em termos de continuidade e de melhoria social e humana?

Para responder a estas perguntas, precisamos partir de uma contextualização desta situação cultural e educativa sui gêneris, desta cisão/confusão de papéis. Isto tem a ver com as mudanças sociais e culturais advindas com o progresso técnico científico, com a desvalorização da cultura e com a hiper-valorização do conhecimento, assim como com as modificações estabelecidas na situação familiar, de trabalho e nas possibilidades de utilização do tempo e espaço disponíveis para o lazer e as relações informais.

Ora, com o ingresso mais generalizado da mulher na força de trabalho, modificam-se profundamente as condições famíliares e a criação dos filhos. A organização do tempo e do espaço, a necessidade de outras instâncias para cuidar dos filhos enquanto se trabalha, fazem com que cada vez mais e com maior precocidade se recorra a escolas e outras instituições que satisfaçam a esta necessidade e que, ao mesmo tempo, forneçam a adequada educação das crianças. Na medida em que a pré-escola não tem, pelo menos via de regra e por enquanto, condições de infra-estrutura e funcionamento que possibilitem uma educação mais adequada a esta faixa etária, a criança é exposta desde muito cedo, dentre outros elementos importantes, a situações dirigidas e formalizadas que mais prejudicam que auxiliam o desenvolvimento da sua personalidade. A tendência natural que existiria de transfe

rir para a escola a educação e a formação das crianças é reforçada pelo acúmulo de trabalho ou de cansaço que os pais têm quando com elas se encontram. A escola passa a ser muito responsabilizada pela família sobre o que acontece com a criança. Esta, impedida de estabelecer vínculos, relações e ações com familiares, amigos e objetos, passa pela pré - escola e, muitas vezes, chega ao pré - primário e ao 1º grau imatura do ponto de vista emocional, psicomotor e cognitivo. A escola, sobrecarregada com sua função formativo - educativa, diante da imaturidade dos alunos e de um currículo extenso, reserva uma boa parcela de suas atividades para se aprender e se fazer em casa. E parte do tempo que poderia ser utilizado para o convívio familiar e social, é gasto na elaboração de lições em família, ou num professor particular (mais uma relação formalizada), ou em aulas de recuperação. É a função escolar transferida para a família ou voltando para a escola. É o tempo de viver formalizado. É o tempo da ausência de relações simples, diretas e espontâneas, da criança consigo mesma, com os familiares e com as outras crianças. É a ausência de condições de comunicação e de construção efetivas da educação e da cultura. Mas a inexistência de condições é uma condição e passa para a criança a valorização do formal, do conhecimento, da sobrecarga, do uso do tempo, das relações via produto e ações nem sempre com sentido explícito. Afora isso, a televisão, a falta de pessoas com quem se estabeleçam ligações afetivas mais diretas, trazem um sentimento de solidão, de inutilidade e de tristeza que, em geral, são supridos com mais atividades formalizadas. É o tempo da completa pauperização das relações, do ambiente e das ações, tudo instrumentalizado e automatizado. É o começo da insignificância, da falta de sentido e da massificação. Como construir uma identidade pessoal e um mundo com sentido numa vivência assim, tão dirigida, formal e destituída de subjetividade? A subjetividade e o mundo acabam ficando iguais, misturados, sem sentido. Tudo é uma só coisa, um monte de coisas, de idéias, diferentes, iguais, um nada. Para não se viver o sentimento de morte iminente, continua-se enchendo de mais e mais atividades formalizadas e heterodirigidas. E começa a viver um autômato, cheio de obrigações e com pouca individualidade, com muitas coisas a fazer mas sem desejo, ou melhor,

com seu desejo escachado, reprimido, eliminado. Algumas formas de resistência podem aparecer, aqui e ali. Mas, no geral, tudo continua; as lições são cumpridas, a vida também.

Só que a falta de criatividade, o desenvolvimento precário da identidade e do pensamento objetivo, trazem à escola uma senilidade completa. Aparecem e se ampliam os problemas de aprendizagem, pelos quais a escola tem uma parte da responsabilidade. Imbuída da responsabilidade de sua função de ensinar com eficiência, quer ensinar tudo, rápido e bem, e quanto mais cedo, melhor. Isto é particularmente verdadeiro com relação às escolas tradicionalistas e formalistas, que cedo começam a entulhar a criança com atividades dirigidas, com livros e cartilhas, com afazeres sem fim. Por outro lado, a tendência da escola moderna e liberalizante sofre os efeitos do excesso de teorias, que tenta aplicar, muitas vezes misturando-as e a diversos procedimentos, sem assimilá-los muito bem, e, principalmente, sem ter muito claros os seus objetivos e funções, o que torna sua prática muitas vezes difusa, confusa e de pouca objetividade. Os frutos de ambas se fazem sentir no 1º grau que, de um lado, enfrenta o problema de imaturidade por excesso de formalismo e, de outro, a imaturidade por ausência absoluta de formalismo ou pelas lacunas geradas pela prática difusa a que nos referimos. E elas tentam remediar, aqui e ali, preenchendo lacunas, modificando o currículo, ou os métodos, mesclando procedimentos. Recorrendo a auxílio de especialistas, a nível de assessoramento direto à escola ou de encaminhamento de alunos para práticas reformativas e curativas. Multiplicam-se teorias, especialidades e especialistas.

Em meio a isso tudo, frustrado pelas condições objetivas de trabalho (salário, sobrecarga, estrutura de poder, burocracia), o professor se frustra também porque já não consegue trabalhar. Bem ou mal, ele tenta, mas ali estão os alunos - problemas, os professores de séries ou níveis superiores, a mostrar-lhe a precariedade de seu trabalho, sua ineficácia. Já desvalorizado, com a auto-estima comprometida, resta-lhe alguma esperança no auxílio de técnicos oficiais e extra-oficiais, nos

conhecimentos específicos da educação. Mas o excesso de teorias, os modismos, as flutuações políticas e ideológicas e o autoritarismo de seus procedimentos, acabam por aumentar a insegurança, a perplexidade e o sentimento de inutilidade do professor, sua impotência. Os conhecimentos educacionais e a hiperespecialização muitas vezes deixam o professor ainda mais confuso e solitário com relação a seus alunos e à sua tarefa educacional propriamente dita. Sua prática fica esquecida, e ele funciona também como uma espécie de robô que atende às programações impostas em cada momento. Não quero com isto dizer que não existem caminhos e que estes caminhos não estejam sendo descobertos e trilhados. Quero apenas, neste momento, expressar a incrível situação de múltiplos desgastes a que é submetido o professor hoje, de invalidação, de infortúnio. Sem excluir também que há profissionais, dentro e fora da escola, que se aproveitam desta situação de diversas formas (1).

A hiperespecialização fragmenta o processo ensino-aprendizagem, sua unicidade, desvaloriza a experiência pessoal, quer de professores, quer de alunos.

Trata-se de promover educação ou aprendizagem segundo pontos de vista teóricos adotados e que, na prática, terminam por se sobrepor ao processo concreto, à vivacidade e dinâmica que vão caracterizá-lo como prática histórica e temporalmente contextualizada, o que implica, sem dúvida alguma, a identidade, os espaços e os momentos das pessoas envolvidas e sua relação.

---

(1) - A nível de escola, aqueles que se acomodam à situação, colocando a responsabilidade unicamente fora de si e de sua atuação, o mesmo ocorrendo com os incompetentes. Extra escola, muitos daqueles cuja especialidade e sobrevivência vem exatamente desta desvalorização e falência. A nível político, dos que a usam como forma de perpetuação de seu poder e de defesa de seus interesses, mantendo-a, ou usando-a como bandeira para galgarem postos, onde nada farão para que algo mude neste estado de coisas. Indo mais fundo, até dos próprios pais que, assim, podem dividir com a escola os problemas de seus filhos e que também têm a ver com seu descompromisso para com eles, o que pode minorar a culpa.

O processo ensino-aprendizagem elege um modelo e funciona como modelo que vem de fora, que fala de fora de coisas de fora, à parte da vida. Aliás, não tanto de fora, já que a vida é feita de modelos e de produtos. Continua-se aprendendo que o que importa são os modelos, os produtos, as teorias, e não a vida e as pessoas. Que importante é repetir, programar, planejar, produzir, e não viver, interessar-se, decidir, mudar, criar.

Até à universidade, muitos são obrigados, por motivos educacionais ou outros, a parar no meio do caminho. Outros ficam à parte na seleção, pois não conseguiram obter os meios de ultrapassar o mundo restrito que lhes foi imputado. Afinal, o ensino superior exige um mínimo de autonomia de pensamento, pelo menos uma capacidade rudimentar de estabelecer relações por conta própria. Como isso é efetuado ao mínimo na escolaridade anterior, e como a autonomia pessoal fica prejudicada pelas características culturais e sociais a que nos referimos, agora é a vez do ensino superior enfrentar os frutos deste intrincado processo de socialização e de aquisição de conhecimentos. É cada vez mais difícil conseguir desenvolver o mínimo necessário. Em função da complexidade social, do aumento das especializações, das especificidades do mercado de trabalho e das carências intelectuais dos alunos, o mínimo se amplia. E a escolaridade se prolonga. Graduação, formação, especialização, pós-graduação.

A perpetuação da escola, do formalismo. Onde, às vezes, abre-se espaço para a vida e para experiências reais. Mas, onde, muitas vezes, a vida e a experiência continuam de fora. O remédio para a ignorância, para o excesso de formalização, é mais escola, mais formalização.

Aos que se cansam, ou desistem, fica o gosto da frustração e do sentimento de fracasso. Que uma injeção de vida pode curar. Mas como este remédio está difícil, é mais provável que fiquem o fracasso e a culpa por não ter conseguido continuar ... na escola até o fim da vida.

E a vida? E a cultura? Tirando os olhos dos livros, das

teorias, é possível encontrar delas alguns sinais. Na escola , também, mas recuperando outros espaços e a vida cotidiana. Nossa preocupação com o conhecimento faz com que deles nos esqueçamos. Mas as pessoas existem, trazem uma cultura dormente, uma subjetividade mais ou menos construída, opiniões, pensamentos e sentimentos próprios, meio precários, escondidos, que anseiam pela possibilidade de se expressar, de amadurecer, de dar frutos, de construir algo. Se passarmos a valorizar isto e a sua potencialidade, se a isto dermos lugar, podemos vir também a dar frutos. Mas é arriscado - que faremos, então? Corremos o risco de, também aí, ver nossa humanidade desperta. Precisaremos nos responsabilizar, então. E trabalhar, descobrir, reinventar. Teremos tempo, energia, resistência? Seremos capazes?

A aprendizagem, a educação, sejam elas formais ou informais, não ocorrem num vácuo. Para que elas tenham sentido e sejam efetivas, devem se construir com base em condições de significado afetivo e existencial. Se estes significados são abolidos, se a vida e o que lhe importa ficam de fora, a educação atua como programadora de atos repetitivos, antecipados, previsíveis. Mas que, como nos filmes de ficção, pode esperar que a repetição se cumpra. Mas, se ela falhar, o que veremos? Robôs destrutivos, rebeldes, querendo o poder a todo custo? Querendo robotizar? Procurando alastrar a morte e o deserto? Ou robôs desrobotizados, buscando a humanidade perdida? Quem nos garante? Que será da cultura e da vida que temos construído até hoje? Sobrará uma semente?

O que mais me assusta é que conhecimento puramente formalizado, desvinculado de desejo e de capacidade imaginativa, ou a favor de desejos e imaginação pervertidos, é conhecimento onipoterente, onisciente, irrealista, enquanto meramente subjetivo . Neste sentido, é deturpado, é deturpável. Pode produzir maldade, perversão, pode disseminar a morte. Generalizado, pode destruir o que de bom conseguimos construir até hoje.

Não sou contra o conhecimento e nem contra a escola .

Acredito mesmo que a escola cresce cada vez mais em importância como instrumento que pode ajudar a reorganizarmos o nosso mundo, a nos trazer esperanças e conquistas de humanidade. Por que? Como? Vejamos, então, o próximo capítulo.

## CAPÍTULO 2

### A IMPORTÂNCIA DA EDUCAÇÃO FORMAL NA CULTURA RACIONALIZADA

A preocupação com os despossuídos face à sociedade em geral, e ao conhecimento, em particular, por um lado, e, por outro, as consequências da democratização do ensino, que de certa forma ampliou o acesso da população à escola; e as experiências e estudos que se têm realizado nestas direções, colocam uma série de polêmicos pontos para reflexão.

Abordaremos aqui apenas aqueles que consideramos relevantes para o nosso tema, qual seja, as relações entre a cultura e o conhecimento e a importância da educação formal na cultura racionalizada.

Vejamos, em primeiro lugar, algumas considerações relativas aos estudos que têm sido feitos em relação à preocupação com a possibilidade de acesso à educação da população dos níveis sócio-econômicos mais baixos: a educação popular e os resultados do importante estudo de Bárbara Freitag <sup>(1)</sup>, tendo como objeto

---

(1) - Bárbara Freitag, Sociedade e Consciência, um estudo piagetiano na favela e na escola.

de estudo o desenvolvimento da competência cognitiva da consciência em crianças escolarizadas e não escolarizadas.

Com a denominação "educação popular", queremos nos referir às experiências que têm sido efetuadas no Brasil e em outros países, relativas à educação principalmente de setores marginalizados da população, de diferentes níveis de escolaridade, locais, idades e especificidades, e que têm em comum o fato de terem como pontos referenciais as idéias de Paulo Freire da educação como instrumento de formação da consciência crítica e de libertação individual e social <sup>(2)</sup>. Destas experiências, a maioria delas tem sido efetuada de forma mais autêntica fora das escolas, mostrando muitas vezes resultados melhores que aqueles obtidos com os processos educacionais institucionais voltados à mesma população. Outro elemento comum a estas experiências é o respeito e a consideração que merecem, inclusive como parte imprescindível deste tipo de abordagem, as características individuais, sociais e culturais dos educandos, e a sua experiência pessoal.

Em seu estudo "Sociedade e Consciência, um estudo piagetiano na favela e na escola", Bárbara Freitag mostra, como uma de suas conclusões, que a escolaridade prolongada (8 anos no mínimo) é um elemento imprescindível para desenvolver e nivelar as competências cognitivas de crianças de níveis sócio-econômico diferenciados, até o nível da plena competência. Estas conclusões vêm contra aqueles teóricos que postulam a eliminação da escola.

---

(2) - Fazem parte destas experiências a educação em comunidades de base, eclesiais ou não; experiências com menores carentes, institucionalizados ou não; o trabalho de educação com meninos de rua, e com uma série de grupos diversos, incluindo estudantes e profissionais da educação de diferentes níveis de ensino. Destas experiências tomamos conhecimento, seja participando de grupos de trabalho nesta linha, seja vendo, ouvindo ou lendo experiências - das mais diversas nesta direção, desde que nem todas elas estão publicadas.

Freitag considera, assim como nós, que a plena competência cognitiva é condição necessária, embora não suficiente, para a superação da falsa consciência, ligada à assimilação das ideologias vigentes. Coloca como adendo, já que a análise de tal fator fugia ao objetivo de seu estudo, a importância da análise do componente afetivo na formação da consciência.

Temos, por outro lado, a posição de estudiosos e educadores tradicionalistas diante dos problemas trazidos pela democratização do ensino, e que nela colocam a maior responsabilidade pela queda da qualidade de ensino que verificamos hoje em todos os níveis de escolaridade. Sua posição é em defesa da qualidade e, neste sentido, criticam as experiências de educação popular e as tentativas de inovação nas instituições de ensino, dizendo que elas fornecem resultados falsos em termos de qualidade, e que seus frutos têm comprometido crescentemente dita qualidade. Se verificarmos os produtos da educação e alguns dos retrocessos que ultimamente temos verificado nas escolas, corremos o risco de pensar, intimamente, que eles talvez tenham razão. Mas as coisas não são assim tão simples. Há que se considerar a situação sócio-cultural como um todo envolvida nesta queda, sendo a democratização do ensino apenas um de seus aspectos. As ocorrências que especificamos neste item, servem apenas para mostrar que a educação, o processo de aquisição e desenvolvimento do conhecimento são muito mais complexos do que supúnhamos, e que temos ainda muito que aprender para apresentar respostas mais conclusivas a estas considerações.

Vimos na primeira parte deste nosso trabalho, que a consciência tem um caráter global e não claramente explícito, e que, ao mesmo tempo que resulta das ligações que se estabelecem entre o conjunto das aptidões e das atividades superiores humanas, é esta mesma confluência. A consciência está ligada à capacidade de simbolização, surgindo e se alimentando do movimento da vida humana em direção a formas mais complexas de conhecimento. A consciência toma, ao mesmo tempo, o objeto do conhecimento e o conhecimento transformado em objeto e, nesse processo, reve

la-se a individualidade e a autonomia do sujeito.

O desenvolvimento da consciência está estreitamente ligado ao desenvolvimento histórico e adquire cada vez mais importância para o desenvolvimento social, cujos problemas crescem em proporções, em elementos de análise e em dificuldades. A realidade social, do conhecimento e da educação é feita de indivíduos, embora também os faça. A consciência brota das experiências vividas, mas as extrapola, no sentido em que torna possível modificar as circunstâncias. E uma educação que tenha por objetivo, além da transmissão, a modificação dos conhecimentos e da realidade, não pode prescindir da sua consideração. Parece - me fato que, de um certo ponto de vista, a questão da função da escola como elemento essencial no desenvolvimento cognitivo, é inquestionável. Por outro lado, as experiências e os problemas que vimos assistindo na realidade social e educacional apontam na direção de que o conhecimento não é algo isolável e isolado, e que, mesmo pensando no desenvolvimento cognitivo, simplesmente, somos obrigados a revê-lo em suas ligações com os outros aspectos da personalidade, em particular com os aspectos afetivos, e na relação de ambos na formação da consciência. Mesmo se considerarmos que a função da escola se circunscreve ao desenvolvimento cognitivo, na medida em que o conhecimento se amplia e se complexifica, o que exige, sim, competência cognitiva real para assimilá-lo e produzi-lo, e que vemos que esta competência se esvazia cada vez mais, somos obrigados a adotar uma postura de revisão de nossos conhecimentos educacionais para descobrirmos as formas de garantir o processo de transmissão do conhecimento.

Mas nossa visão é mais abrangente. Desde que consideramos a cultura como elemento imprescindível de hominização e humanização, a formação da consciência como aspecto vital na transmissão e modificação da cultura no sentido de melhoria das condições de vida da população, e o empobrecimento tanto de uma como de outra na realidade atual, acreditamos ser a educação formal um dos caminhos para a transformação deste estado de coisas. Para tanto, há que se considerar a formação da consciência

como acompanhando e sendo fruto do desenvolvimento do conhecimento.

E para se verificar qual deve ser exatamente a participação da escola neste processo, em que aspectos e níveis ela deve interferir, e como, a questão do conhecimento como um todo precisa ser esclarecida. Verificada a importância da afetividade no conhecimento e na formação da consciência, e considerando-se que cultural, social e educacionalmente, as condições para seu desenvolvimento têm se restringido cada vez mais, compete à escola assumi-los? E como fica, então, sua função com relação ao desenvolvimento cognitivo? Somente uma teoria do conhecimento, que supere a ruptura inteligência/afetividade pode dar conta desses problemas e fornecer-nos os elementos para sairmos do impasse e dos ensaios e erros com que o temos enfrentado. Neste sentido, há que se fazer um enorme esforço. Parece-me que, nesta discussão, a imaginação, que vejo com um elemento comum e responsável pelas relações afetividade-inteligência, tem que ser considerada em sua importância para o desenvolvimento do conhecimento e da consciência. Isso implica quebrar todos os condicionamentos, rupturas e isolamentos que nos têm sido impostos pela hiperespecialização e pela formalização da experiência.

Acreditamos que a educação formal é capaz de gerar cultura, no sentido de conhecimento e de formação de pessoas capazes de questioná-lo e à realidade, aos valores, de propor novas idéias e novas práticas. Mas conhecimento e cultura são sempre mais amplos que a educação formal e que qualquer forma de educação tomada isoladamente.

Também não acreditamos que a educação possa ditar esta amplitude, os seus limites. Ela é e continuará sendo sempre parte de um todo que se faz na vida de todos os dias, de todas as pessoas, na prática individual e coletiva, nas idéias e ações expressas ou veladas, com os sentimentos, realizações e frustrações que as caracterizam.

A educação não pode substituir a cultura. Deve valorizá

la, não invalidá-la. Deve tê-la como ponto de partida e de chegada. Deve considerá-la, deve retomá-la. Deve se alimentar dela, e alimentá-la. Pois uma sem a outra tende à estagnação, à senilidade e à morte. Para que suas relações e especificidades tornem-se mais claras, o conhecimento deve ser redimensionado em termos de uma razão alargada. E a educação, envelhecida, impotente, agonizante, também deve ser olhada com olhos novos, renascidos, para que possamos tirá-la da situação incrível em que se encontra, onde os conceitos que até então vimos utilizando não se encaixam muito bem, mas a eles nos agarramos por sermos ainda incapazes de adequá-los, renová-los, ou substituí-los por outros.

Uma tarefa imensa a ser realizada pelos profissionais e estudiosos do conhecimento e da educação. Um longo caminho a ser descoberto, reconhecido e trilhado.

Até então, temos que continuar convivendo com nossas incertezas e inseguranças. E continuar trabalhando, estudando. Desbravando caminhos e plantando sementes.

## CAPÍTULO 3

AS CIÊNCIAS E A FILOSOFIA DA EDUCAÇÃO

Sabemos muito pouco sobre educação hoje e temos que enfrentar essa ignorância justamente no momento em que a tarefa que de nós é exigida é imensa, importante, vital.

Como conviver com o possível se nos falta muito do necessário, e como contribuir para o caminho de um a outro ponto ?

Em primeiro lugar, acreditamos necessário compreender - as condições atuais, nossa situação dentro dela, e o que pode dificultar e/ou facilitar nossa atuação, aí. Afinal, a hipervalorização do conhecimento , a hiperespecialização e a formalização da experiência também nos atingem com força, e suas consequências igualmente nos afrontam, e confrontam. Também lutamos com modelos, e contra modelos. Também temos exigências por vezes absurdas para cumprir em termos de sobrevivência. As abordagens macrossociológicas da educação e a questão política ampliaram parte de nossos horizontes. Mas junto com isso, aumentaram nos sentimentos de impotência. Desse sentimento à acomodação e estagnação absolutas é um passo que só a vontade, a fé e o exercício da imaginação podem conter.

É da maior importância sabermos das determinações so

ciais da escola, assim como da importância da luta política para melhorarmos as suas condições. Mas, o que adiantará termos maiores poderes e melhores condições se não soubermos como utilizá-los? Mais ainda, como conseguir maiores poderes e melhores condições se não mostrarmos e fizermos valer nossa importância? E que importância é essa?

Nossos olhos estão perdidos entre tanto espinhos que esquecemos a flor. As exigências e as dificuldades são tantas, que a experiência, o educando, o processo ensino-aprendizagem, ficam esquecidos, perdidos. Se procuramos olhá-los e melhor entendê-los, são tantas e tão diversificadas as abordagens oferecidas, e tão complicado e confuso o acesso a elas, que é melhor permanecer como estamos, ou nos perdermos mais ainda, com elas. As diferentes e contraditórias abordagens existentes em termos de educação e aprendizagem mostram como a teoria aí, é fraca. E onde a teoria é fraca, as ciências são frágeis, hesitantes, atrasadas e impotentes. Necessitamos de visões globais, abrangentes, interdisciplinares, e convivemos com a hiperespecialização, com o isolamento e com o dogmatismo intelectual especializado. Convivemos com modismos tomados de empréstimo do estrangeiro, mal digeridos, misturados, aplicados apressadamente. Neles também interferem as flutuações intelectuais e políticas, a mudarem os enfoques segundo os interesses do momento, relacionados superficialmente com problemas efetivos. Muda o filme e muda a forma como se deve trabalhar, o que se deve estudar e pesquisar, e o como. A realidade continua como está, considerada - desconsiderada, intocável. As mudanças, superficiais, artificiais, ligeiras, são aquelas permitidas e dirigidas ao sabor e ao ritmo de fora. As sérias, refletidas, programadas para verificar em profundidade o que ocorre no processo educacional, dificilmente têm chances de continuidade a nível institucional. São arrasadas a meio do caminho por qualquer uma das muitas dificuldades a que o processo educacional está exposto na atualidade. Por isso são mais radicais fora da escola e perdem muito de seus

efeitos quando assimiladas por esta <sup>(1)</sup> .

Algumas das razões para este fato:-

- a)- De certa forma, as experiências são realizadas isoladamente. Neste sentido, não sofrem a contextualização e as conseqüentes pressões (exigências de conteúdo, de integração, de qualidade, de resultados ) que se encontram presentes numa instituição como é a escola. Ainda por isso, fica eximida de competição e questionamento mais diretos. Também, desvinculada de uma estrutura burocrática e de poder, dá maior autonomia, liberdade e tranquilidade a seus agentes.
- b)- A falta de recursos e de pessoal leva à colaboração de interessados os mais diversos, o que em geral, exige voluntarismo, uma criatividade e uma motivação elevadas, embora criando condições precárias e transitórias. Eventualmente, consegue-se a integração de áreas afins e um trabalho relativamente bom, mas que não dura muito tempo.

Já em nível de escolarização, cada professor, cada disciplina e cada série fazem parte de um contexto global, com exigências e, em geral, diretrizes pré-determinadas. Principalmente nas escolas públicas, a pobreza generalizada de recursos, a situação dramática do professor, não lhe dão sequer adequadas con

---

(1) - Em função do desenvolvimento social, da dureza da luta por mudanças, da falta de efeitos a curto prazo e das contradições a que somos expostos pelas necessidades de sobrevivência, a par da diluição teórica em que somos envolvidos, parece-me que a educação popular está em baixa. Surgem outras tendências, da qual a Psicopedagogia talvez seja uma das mais recentes. Esta tendência me parece, potencialmente, muito rica. Só que é particularmente significativa a indiferença com que tem sido recebida nos meios de comunicação, nos meios políticos e acadêmicos .

dições de desenvolver o seu trabalho rotineiro, mecanizado. Considerando-se que um trabalho inovador exige esforço, estudo, acompanhamento, enfim, tempo e disponibilidade, somente os que têm algo a ganhar com este empenho é que se arriscam em experiências deste tipo. Sobram-nos, então, os amantes do seu trabalho, os criativos, os que fazem cursos e aplicam seus conhecimentos visando melhorar as suas próprias condições pessoais de trabalho (maior estabilidade de emprego, remoção, promoção, etc), os estudantes de graduação e/ou de pós-graduação. Mas, como em geral o nível de conhecimento teórico e de questionamento da prática é rudimentar, ou também as condições institucionais e pessoais para se elaborar trabalhos realmente significativos também são precárias, o que se aprende e produz acaba sendo de pouca relevância.

Fora das escolas padronizadas e reconhecidas, uma rede paralela (instituições, escolas particulares, clínicas de reabilitação, profissionais especializados) oferece a mais ampla e incrível variedade de possibilidades de aperfeiçoamento teórico-prático. Aí, nascido o desejo, entra-se naquela confusão a que nos referimos anteriormente face à multiplicação de abordagens .

Sobram ainda os cursos e orientações técnicos específicos oferecidos pela rede pública de ensino a seus professores . Onde a abordagem obedece aos modismos e flutuações intelectuais e políticas a que também nos referimos, e onde os professores procuram principalmente colher o necessário para melhorar suas condições pessoais de trabalho. Sempre colocando-se de fora os problemas, sua relação com as abordagens teóricas, e as possibilidades de solução.

Das possibilidades de melhorar e aprofundar os conhecimentos e as condições de aprimoramento dos trabalhos em educação pelos seus agentes mais diretos, e para fazer frente e organizar as abordagens dadas a nível interno e paralelo às escolas, vejo como fundamental o trabalho efetuado pelas Universidades e pelas Faculdades de Educação. Vejo nosso ensino superior muitas vezes

desvinculado da realidade e se de algum modo vinculado a ela, também muito especificamente para conseguir formas de cumprir exigências curriculares, ou sócio-econômicas, e não tanto para conhecê-la e aprender com ela formas mais eficazes de atuação e de transformação desta mesma realidade. Este é outro ponto das relações cultura-conhecimento que precisa ser melhor definido. É necessário que este relacionamento se faça, e não apenas intra muros da Universidade, ou entre alunos, mas em nível mais radi cal, abrindo espaço e vias de comunicação entre estas duas ins tâncias. Principalmente em Educação, se quisermos aperfeiçoar os nossos conhecimentos do processo educacional e da prática educa cional na nossa realidade, isto é fundamental. Ou corremos o ris co de continuarmos à margem do que ocorre e impotentes com vis tas à realidade. Nesta relação, nesta abertura, além da aborda gem da experiência dos alunos em termos de cursos regulares, sur giriam questões e temas teóricos importantes a serem estudados e aprofundados com relação à educação, e a colocação ou os pon tos de partida para experiências e pesquisas significativas, que realmente aumentem nossos conhecimentos e reduzam nossa insegurança quanto ao trabalho educacional a ser realizado. Aí, tam bém, os lugares e os momentos para se promover a troca de infor mações e experiências entre os diferentes especialistas da edu cação, de modo a se transpor os limites a que a hiperespecializa ção nos tem confinado. Promover a interdisciplinariedade, dar um passo à frente na retomada da globalidade do processo educa cional. Estimular a visão de conjunto da educação, alimentar o desenvolvimento das diferentes ciências e especialidades da Edu cação. Neste balanço, neste estudo, neste questionamento, neste apontar caminhos, neste levantar temas importantes para o desen volvimento da Pedagogia e das Ciências da Educação, nesta redefi nição das funções da escola, a Filosofia da Educação parece-me ser fundamental. Ela deve ser o corpo, onde as várias ciências - funcionam como membros, ou partes, e o cérebro, que favorece a integração e dá o comando.

Para isso, temos que promover e trocar experiências, de senvolver estudos teóricos e práticos tendo em vista a nossa rea

lidade. Somente assim podemos ter esperança de atender aos enormes desafios que os abusos da racionalidade e a formalização da experiência nos tem trazido. Contra eles e em favor da vida temos que lutar a cada momento. Só assim poderemos manter acesa a esperança na vida, na educação, na cultura e na capacidade humana de aprimorar suas condições e sua própria humanidade. Só assim podemos enfrentar o monstro do aniquilamento e da destruição que nos ameaçam em cada esquina, em cada nascer de sol! Só assim poderemos lutar para manter a capacidade de identidade, de diferenciação, de autonomia, de ter e de dar sentido, do homem. Pois este é o sentido do homem, a sua vida, a sua motivação primordial.

À GUISA DE CONCLUSÃO

Ironia... Triste ironia!  
Eu, que até há pouco  
criticava as minhas  
escolas e o vazio dos  
conhecimentos que ela  
colocava, tão fora,  
tão longe da minha  
vida, vivida,  
olhando as escolas  
de hoje, dos "mininos"  
e das "mininas",  
das tias, titias,  
do amontoado,  
do descuido,  
da pobreza,  
tenho saudade.  
Saudade da minha  
escola, das festas,  
das poesias, das  
provas, das aulas  
de música, de geografia.  
Do recreio, onde a gente  
se juntava e trocava  
as brincadeiras que  
tinha aprendido na rua.  
Dos tempos em que  
era possível sonhar,  
andar, brincar,  
conversar, descansar.  
Isso me faz sentir que,  
tão sérios, estamos  
ficando velhos,  
iguais aos velhos de  
ontem,

Quase tão impotentes  
quanto os velhos  
de hoje.

Nosso mundo está  
velho.

Nossas crianças  
estão velhas.

Nossa vida  
está velha.

Reinventar a magia  
a fantasia, a poesia,  
encontrar a criança  
olhinhos arregalados,  
olhando nosso corre-corre,  
nosso dia-a-dia,  
vazio.

Redescobrir o palhaço  
redescobrir a alegria  
Abolir a nostalgia,  
a depressão que,  
modo de vida,  
esfumam a luz,  
da tênue luz  
da esperança! ...

A vida mingua... Os sentimentos, os valores, os sentidos, ocultam-se, confundem-se... A razão cresce. Mais queremos , lutamos e temos, mais buracos fazemos, na vida e no coração. Os caminhos são múltiplos, largos e estreitos. Cada vez mais longos. A escola é também um caminho, a ilusão do reencontro com a vida, com a vocação, com os amigos, com a decisão, postergada , colocada em outros lugares, em outras mãos. A espera do amanhã. Um amanhã em que se possa viver com mais calma, com mais tranquilidade, com mais liberdade, a vida que se deseja. Enquanto o amanhã não chega, remediamos, aqui e ali. Tapamos os buracos.

A vida passa... Nossos filhos crescem, sacodem-nos, se é que ainda conseguem. E, quem sabe, acordemos, então. Mas esta mos velhos. Não sabemos como fazer. O tempo e o espaço nos foram roubados. Na procura dos caminhos, nos perdemos. E deixamos a eles a tarefa de reconstrução. Sofridos como nós, quem sabe mais ainda, eles conseguirão? Herdeiros dos bens materiais, educacionais, que lhes outorgamos em troca de nossa omissão, de nossa falta de tempo, de nossas incertezas, que certezas procuraráo ?

Estaremos testando até onde vai a capacidade de sofri -  
mento do homem?

Pois me parece que nunca antes na história o sofrimento foi mais generalizado, mais pungente, mais sem tréguas. Sofrimento material, sofrimento psíquico, sofrimento moral. Na era das certezas do conhecimento científico, do mais sofisticado progresso tecnológico, muito pouco nos resta de certezas em relação a nós mesmos, aos outros, ao mundo, à vida.

Navegamos no deserto, sem água, sem pão, sem companhia. Corremos desesperadamente em busca do oásis. Com tanta pressa , que não aprendemos o caminho. Com tanta pressa, que reiniciamos a correria sem ter matado direito a fome e a sede. E tudo se repete, num círculo vicioso sem fim. Tiramos os olhos do céu, do agora. Fitamos o chão e o futuro. Do passado, até as coisas ruins nos trazem nostalgia. E perdemos o presente, linha de chegada do

passado, ponto de partida para o futuro.

Assim, feito robôs programados para uma vida espacial, técnica, progressiva, caminhamos para o futuro. Deixando rastros de destruição, de desesperança.

Parar... Olhar para os lados, para trás, é tão dolorido e assustador (há tanto trabalho a ser feito) que é melhor seguirmos autômatos, cegos e insensíveis ao sofrimento que está em nós, nos outros, em toda a parte.

Seguimos caminhando, passos largos, olhos sempre à frente, conquistando, conhecendo, possuindo. Não enxergamos nem o céu nem o inferno. Apenas presentimos o abismo enorme, no meio do caminho. Mesmo assim, medo mal oculto, continuamos com nossos passos largos. Até forçamos algumas festas, alguns sorrisos. Que, embriagados, também não sentimos.

Continuamos caminhando, programados. Não nos importa os que cairão no abismo. Nem os que já caíram.

Precisamos cumprir o programa, terminar o ato, encerrar o drama.

Que importa também o que há no fim do programa, após a trama?

Respiramos, partilhamos o universo, temos que viver. E pagar por isso. Alguém se importa?

Cenário assim, tão grotesco, assusta-me, mas é o que consigo ver, por todos os lados, e ainda mais quando tento imaginar o futuro, o real, não o sonhado. Chego a duvidar de mim, de minha imaginação mas, a não ser que as coisas mudem, e mudem mesmo, é assim que as vislumbro. E não adianta tapar o sol com a peneira. Aí, a única coisa que me consola, é a fé em que a vida pode renascer das cinzas.

As cinzas aí estão, empilhadas. Olhemos para elas antes que as escondam de nós, ou que os ventos as espalhem. Em termos de educação, o volume é considerável.

Embora as explicações estejam em níveis macro-estruturais, e muitas das respostas, também, apenas um desvendar da educação em si mesma, de como ela está, de como ela tem contribuído para este estado de coisas, para a perdição do homem, de como ela pode e deve ser, é que trará algumas luzes para que se evite o caos absoluto. Ou será necessário o caos absoluto? Será que, então, tudo não será somente cinzas?

Talvez a coisa que mais me assuste neste momento é verificar que estamos a ponto de planejar e ensinar a vida, a recreação, o lazer. Mais uma evidência de que a vida virou cinzas?

Em primeiro lugar, não acredito que a vida esteja toda reduzida a cinzas. Anda escondida por aí, minguada, meio sufocada, mas manifesta-se, ainda. Em segundo lugar, se de repente passarmos a ensinar a vida, aí sim, poderemos estar jogando água no fogo que ainda resta.

O que é preciso, parece-me, é que a vida mesma possa se expressar, respirar, ser vista, ser sentida, ser redescoberta, em nós, nas pessoas, no universo.

Para isso, é necessário que os sentidos sejam despertados, o corpo, sentido e cuidado, que o intelecto receba o merecido repouso para acordar mais senhor de si, de sua integração com as outras funções, de suas limitações e potencialidades, que os sentimentos sejam conhecidos e cultivados. Para que a alegria e a esperança de viver sejam recuperadas.

Um clima de morte, desânimo e desesperança se apossou do coração dos homens, embora todas as aparências possam demonstrar o contrário. Afastado de toda a encenação e de toda a pompa, quando as pílulas, os tóxicos, o sexo e outros anestésicos

permitem, é solidão, confusão, anonimato e falta de perspectivas que ele encontra, com que se defronta. Se é difícil vivenciar estes sentimentos, mais difícil ainda é sair deles, da situação absurda, inumana. Porque as armas e armadilhas no caminho da mera sobrevivência são tantas, que é muito difícil escapar delas. Elas estão presentes todo o tempo, em todos os lugares, até em nossos corpos e em nossas mentes.

A vida está aí, esta que nos é "generosamente" oferecida. É nela que temos que viver. Não podemos colocá-la entre parênteses. Mais fácil colocarmos a nós dentro dos parênteses, tocar o barco e esperar que ele alcance um porto seguro, livre, onde possamos eliminar os parênteses, através de uma operação qualquer.

Mas, se o barco não é por nós navegado e se nem sequer podemos olhar o caminho, como encontrar esse lugar?

Dentro de nós, é quase proibido. Fora, o mundo é vasto, as possibilidades são tantas! ... E lá vamos nós, procura atrás de procura, ilusão, decepções, fracassos, desânimo. Energias gastas, desresponsabilização, descompromisso. Conheço, com os outros, com o mundo. Apatia, abulia, impotência. Problemas e problemas não resolvidos, mal resolvidos, dentro, fora.

Resistir. Desvendar as cortinas. Abrir. Olhar. Reconhecer. O mundo, nós, os outros. E pôr mãos à obra. Há muito trabalho a ser feito!

" Sua linguagem (do homem) é sempre finita, mas ao mesmo tempo indica sempre mais que aquilo que parece exprimir. No próprio coração do dizível age a força misteriosa e soberana do indizível ".

B I B L I O G R A F I A

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de Filosofia. São Paulo, Ed. Mes  
tre Jou, 1970.

ABRAMOVICH, Fanny. O Estranho Mundo que se Mostra às crianças .  
São Paulo, Summus Editorial Ltda., 1983.

ALVES, Rubem. A Geração do Futuro. Campinas-São Paulo, Papyrus  
Livraria Editora, 1986.

\_\_\_\_\_. Filosofia da Ciência. 5ª edição, São Paulo, Brasi  
liense, 1984.

BENJAMIN, Walter. Reflexões: A Criança, O Brinquedo e a Educação.  
São Paulo, Summus, 1984.

BERGER, Peter S. e LUCKMANN, Thomas. A Construção Social na Rea  
lidade. Petrópolis, Editora Vozes, 1983.

BETTELHEIM, Bruno. Uma Vida para seu Filho. Rio de Janeiro, Cam  
pus, 1988.

BROWN, Norman O. Vida Contra Morte. Petrópolis - R.J., Editora  
Vozes Ltda., 1974.

- CALDERELLI, Paulo. Dicionário Enciclopédico de Psicologia Geral. São Paulo, Editora Formar Ltda., 1972.
- CHESTERTON, Gilbert Keith. Ortodoxia. Porto, Livraria Tavares Martins, 1974.
- DESTROOPER, Jean e VAYER, Pierre. Dinâmica da Ação Educativa para crianças inadaptadas. São Paulo, Ed. Manole, 1986 .
- DUARTE-JÚNIOR, João Francisco. Fundamentos Estéticos da Educação. São Paulo, Cortez Ed./Autores Associados, 1981.
- DUSSEL, E. América Latina: Dependencia y Liberación. Buenos Aires, Fernando G. Gambeiro, 1973.
- FLUSSER, Vilém. Pós-História. São Paulo, Livraria Duas Cidades , 1983.
- FREIRE, Paulo. Pedagogia do Oprimido. Rio de Janeiro, Editora - Paz e Terra, 1977.
- \_\_\_\_\_. Educação como Prática da Liberdade. Rio de Janeiro, Editora Paz e Terra, 1975.
- \_\_\_\_\_. e outros. Vivendo e Aprendendo. São Paulo, Editora Brasiliense, 1980.
- FROMM, Erich. Conceito Marxista do Homem. Rio de Janeiro, Zahar Editores, 1964.
- FROMM, Erich. Do Amor à Vida. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1986.
- GADOTTI, Moacir. Educação e Poder - Introdução à Pedagogia do Conflito. São Paulo, Cortez Editora e Autores Associados, 1981.

- GARCIA, Walter E. Inovação Educacional no Brasil, problemas e perspectivas. São Paulo, Cortez & Autores Associados, 1980.
- GOERGEN, Pedro L. A importância da teoria em Educação. Reflexão. Campinas/S.P., nº 7, ano II, set. 1977, págs.383-394.
- HELD, Jacqueline. O Imaginário no Poder. São Paulo, Summus Editorial, 1980.
- HUIZINGA, Johan. Homo Ludens. São Paulo, Ed. Perspectiva, 1980.
- HORKHEIMER, Max. O Eclipse da Razão. Rio de Janeiro, Editorial Labor do Brasil, 1976.
- ILICH, Ivan. Sociedade sem Escolas. Petrópolis, Editora Vozes, 1973.
- \_\_\_\_\_. A Expropriação da Saúde. Editora Nova Fronteira S.A. 2ª edição.
- KRAMER, Sonia. A Política de Pré-Escolar no Brasil: a arte do disfarce. Rio de Janeiro, Achiamé, 1984.
- LADRIÈRE, Jean. Os Desafios da Racionalidade. Petrópolis, Editora Vozes, 1979.
- \_\_\_\_\_. Vida Social e Destinação. São Paulo, Editora Convívio, 1979.
- LANGER, Susanne K. Ensaio Filosóficos. São Paulo, Editora Cultrix Ltda., 1971.
- \_\_\_\_\_. Filosofia em Nova Chave. São Paulo, Editora Perspectiva, 1971.
- \_\_\_\_\_. Sentimento e Forma. São Paulo, Editora Perspectiva, cap. I, 1980.

SANTOS, José Luiz dos. O que é cultura. Coleção Primeiros Pas  
sos, 110, Editora Brasiliense, 1985.

SEVERINO, Antonio Joaquim. Metodologia do Trabalho Científico .  
São Paulo, Cortez & Moraes Ltda., 1977.

SOUZA, Irene Sales de. Prática de Psicologia Moderna. São Paulo,  
Honor Editorial Ltda., 1970.